

EDUARDO TEIXEIRA

**A RESPOSTA DO HOMEM À REVELAÇÃO EM PERSPECTIVA DE CATEGORIA
DA REALIZAÇÃO**

Porto Alegre
Junho de 2009

EDUARDO TEIXEIRA

**A RESPOSTA DO HOMEM À REVELAÇÃO EM PERSPECTIVA DE CATEGORIA
DA REALIZAÇÃO**

TCC apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em Teologia, pelo Curso de Teologia, da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre
Junho de 2009

EDUARDO TEIXEIRA

**A RESPOSTA DO HOMEM À REVELAÇÃO EM PERSPECTIVA DE CATEGORIA
DA REALIZAÇÃO**

TCC apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em Teologia, pelo Curso de Teologia, da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de 2009, pelo orientador

ORIENTADOR

Prof. Dr. Pe. Ramiro Mincato

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Deus Pai, pelas sementes de graça colocadas no adito de nosso ser, pelas tuas mãos ternas e generosas que ao tocarem nossa interioridade, gravam lá, indelevelmente as marcas do teu amor.

Um verdadeiro amor que germina em gosto por viver, apontando sempre à plenificação de nossa existência, quando enfim gozaremos da realização eterna, conquistada por Jesus, Vosso Filho, que a nós é fiel e não nos engana, que pela efusão do Espírito Santo, agraciou-nos com sua luz, a qual em nós, são apenas reflexos da verdadeira Luz que só se encontra em Vós. Ela resplandece pela gloriosa Ressurreição, por isso: Obrigado, Deus Filho, Senhor do Cosmos e da História, Redentor do homem, Senhor da Vida e da Morte, Senhor da primeira e última palavra que desvela o mistério de nosso ser. Obrigado, Deus Espírito Santo, fonte inesgotável de Amor, pronto a agir e agindo, leva-nos à meta final!

Por isto, à Santíssima Trindade, glória e louvores por todos os séculos.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Pe. Ramiro Mincato que me orientou na elaboração deste trabalho. A ele meus sinceros agradecimentos e fraterno abraço.

Por fim, quero suplicar pela intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria para que a todos conduza a Jesus.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEC: *Catechismus Ecclesiae Catholicae* (Catecismo da Igreja Católica).

ChL: Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*.

DCE: Encíclica *Deus Caritas Est*.

DeV: Encíclica *Dominum et Vivificantem*.

DV: Constituição dogmática *Dei Verbum*.

EV: Encíclica *Evangelium Vitae*.

GS: Constituição pastoral *Gaudium et Spes*.

LG: Constituição dogmática *Lumen Gentium*.

LH: Liturgia das Horas.

RH: Encíclica *Redemptor Hominis*.

SS: Encíclica *Spe Salvi*.

VS: Encíclica *Veritatis Splendor*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 MOMENTOS CONSTITUTIVOS DA REVELAÇÃO DIVINA.....	9
1.1 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA CRIAÇÃO	9
1.2 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA HISTÓRIA	15
1.2.1 Palavra de Deus e História.....	15
1.2.2 Etapas progressivas de Salvação na Bíblia	18
1.2.2.1 Época Patriarcal	19
1.2.2.2 Aliança e Libertação	20
1.2.2.3 Interiorização da palavra de Deus: a Lei	22
1.2.2.4 O profetismo	23
1.2.2.5 Da promessa feita a Abraão à esperança da Salvação	24
1.3 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA ENCARNAÇÃO	26
1.3.1 Na Encarnação a Trindade se revela ao gênero humano em Maria.....	27
1.3.2 A Encarnação e a Paixão como desígnios trinitários	31
1.3.3 A Encarnação e a Ressurreição como desígnios trinitários.....	32
1.3.4 A Encarnação e o Pentecostes como desígnios trinitários	35
1.4 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA IGREJA.....	36
2 O SENTIDO VERDADEIRO E PLENO DA EXISTÊNCIA.....	41
2.1 O HOMEM EM BUSCA DE REALIZAÇÃO	41
2.2 DINAMICIDADE E DRAMATICIDADE DA REALIZAÇÃO	45
2.3 O ENCONTRO DO HOMEM COM O REALIZADOR	48
3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE RESPOSTA.....	55
3.1 A RESPOSTA NA FÉ	55
3.2 A RESPOSTA NA ESPERANÇA.....	57
3.3 A RESPOSTA NO AMOR.....	61
3.4 A ECLESIALIDADE DA RESPOSTA.....	66
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é resultante de dois pólos de estudo: a Antropologia Filosófica e a Teologia da Revelação, por isso o seguinte tema: A Resposta do Homem à Revelação em perspectiva de Categoria da Realização.

Estamos diante de duas perspectivas: do homem que quer desvendar o mistério de seu ser e de Deus que quer revelar a inesgotável riqueza de seu ser, sua graça.

No intuito de aprofundarmos uma concreção entre esses dois pólos, nos colocamos diante do mistério humano e do mistério divino. Mistérios esses, inesgotáveis, por serem insondáveis em sua totalidade. Contudo, passíveis de uma verificação, em nível de reflexão sistemática e teológica, com alguma ajuda da filosofia. Essas páginas querem apresentar uma reflexão sobre esse tema.

A reflexão é necessária e é capaz de desvelar-nos inicialmente um horizonte de respostas aos nossos anseios mais profundos, e posteriormente, desvelar-nos também a oportunidade de sanar tais inquietações. O homem é capaz de ascender pela graça a esse dom de Deus revelador, o qual nos revela quem somos de fato criaturas feitas para o amor, sobretudo quando esse homem está aberto ao dom da fé, que o leva a um encontro com Cristo, encontro de graça! Assim, esse homem passa a participar dos profundos mistérios do cristianismo: A Trindade, a Encarnação a Graça.

Tal participação é real, porque acontece na história, o homem passa a viver uma história permeada por um único desígnio de salvação.

A Igreja velará por esse desígnio, a fim de que o homem não se perca e se angustie, retornando a viver sem a graça de Deus.

O primeiro capítulo, será a busca de elucidar e firmar as fontes da Revelação sempre numa perspectiva trinitária, por isso a Revelação divina será apresentada como manifestação da Trindade na Criação. Trataremos da Criação como Revelação do Deus Uno e Trino, criador; A História como manifestação da Trindade, com as categorias de Aliança e Promessa, que unem Antigo e Novo Testamento na única perspectiva de uma história de salvação; a Encarnação como manifestação da Trindade; e por fim, a Igreja manifesta a Trindade, no encontro do homem com o Redentor.

Este capítulo, sobretudo, apresenta o Projeto de Deus, sua proposta lançada ao homem, também ao homem de hoje, secularizado e descrente.

No segundo capítulo apresentamos o homem, quem é ele? O homem questiona-se: Quem sou? De onde vim, Para onde vou? São categorias antropológicas que no itinerário da

vida humana despertam no homem o desejo de tornar-se o que verdadeiramente ele é, uma máxima da filosofia, também, um imperativo advindo de sua consciência: 'Conhece-te a ti mesmo. Torna-te o que és, tendo-o aprendido'. Esse dito demonstra que a natureza humana é de busca reflexiva, que o homem é sabedor de si por ser racional, que ele é dotado de inteligência, vontade e sentimentos, também representa o desejo do homem que quer ser feliz e realizado, mas ao mesmo tempo incapaz de realizar-se por si só. Nessa injunção, a existência humana é pautada pelo desejo de sentido.

O segundo capítulo, portanto, busca descobrir o sentido verdadeiro e pleno da existência, o homem em busca da realização. A existência humana se dá na dramaticidade das escolhas, pois delas depende sua felicidade. Porém, a felicidade está para além de si mesmo. O homem quer se realizar, existir plenamente, mas não o consegue por si só.

Do ponto de vista da fé cristã o homem não pode tornar-se o que verdadeiramente deve ser, porque não é o senhor da primeira palavra sobre a origem de sua vida nem do que sua vida será. Essas palavras são advindas alhures, como palavras de Revelação, palavras de graça, sobre as quais o homem não estende seu domínio. Trata-se da dinamicidade e dramaticidade da realização. O homem diante de um desafio permanente e de uma tarefa nunca acabada, ante o risco supremo de ser ou não ser. É a inelutável tarefa da vida, busca do sentido para viver a verdadeira vocação. Eis um forte impulso para analisarmos teologicamente esse tema.

Dentro dessa caminhada histórico-existencial apresenta-se a Revelação, ou seja, a manifestação histórica de Deus ao homem. Deus quer entrar na história e dela participar. A participação máxima da manifestação foi realizada de maneira pessoal na Revelação do filho de Deus, Jesus Cristo. Deus se revelou a si mesmo e realizou definitivamente o encontro salvífico em seu Filho, e continua a agir na história mediante o seu Espírito Santo.

A Revelação, portanto, não se encontra numa distância intransponível entre Deus e o homem, ou no distanciamento do homem de si mesmo, ou ainda no distanciamento do homem do mundo. Ao contrário, é algo que quer dar respostas aos interrogativos mais sérios e mais profundos de cada homem, uma vez que nos revela não somente quem é Deus, mas também quem é o homem e qual é a sua vocação, a partir de Jesus Cristo.

O último capítulo trata do homem que adere a Jesus Cristo, dos elementos constitutivos da resposta, da sua necessidade de Deus.

O homem limitado quer adentrar mais profundamente sua realidade pessoal. Para isso a Revelação torna-se fundamento da existência. No confronto com a Revelação nasce a resposta da fé, a adesão a Jesus Cristo. Sua resposta no amor leva-o a viver a comunhão. Sua

resposta produz a esperança do encontro com Deus, já realizado, mais ainda não consumado.

A maior angústia do homem é a de ter uma vida não realizada, uma vida não plena, uma vida não feliz. A infelicidade no mundo, a desgraça e o desamor, é a falta de abertura ao amor de Deus. Só Cristo pode dar sentido à vida. Sem fé se corre um grave risco de uma vida insossa, artificial, sem sentido.

Nossa reflexão perante o intrigante confronto do homem com sua situação concreta mostra que ele nunca consegue plenamente completar seu desejo de realização.

Nosso trabalho de conclusão procura perscrutar uma síntese entre a “resposta do homem à revelação”, a partir da obra de Octavio Ruiz Arenas¹, e a “Categoria da Realização”, a partir da obra de Lima Vaz².

Destarte, adentremos a essa temática. Todo ser humano pode encontrar o verdadeiro e pleno sentido da existência na sua resposta à Revelação, na perspectiva da categoria da Realização.

¹ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. Bogotá: CELAM, 1987. (Coleção de textos básicos para Seminários Latino-Americanos).

² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica*. Vol. I e II. São Paulo: Loyola, 1995.

1 MOMENTOS CONSTITUTIVOS DA REVELAÇÃO DIVINA

1.1 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA CRIAÇÃO

Deus criou tudo por amor, à luz da Revelação conseguimos entender que através de toda a obra da criação, Deus quis apresentar ao homem seu plano de amor, Ele é o Deus da vida. Nós queremos saber: De onde veio a vida? E chegamos à resposta de onde ela surgiu, a vida surgiu do amor de Deus³, assim, lembramo-nos: “Deus viu tudo que tinha feito: e era muito bom” (cf. Gn 1,31); “Quão numerosas são tuas obras, Iahweh, e todas fizeste com sabedoria!” (cf. Sl 104,24); “Sua obra é esplendor e majestade, e sua justiça permanece para sempre. Ele deixou um memorial de suas maravilhas, Iahweh é piedade e compaixão”. (cf. Sl 111,3-4).

O homem poderá mediante a razão natural conhecer a Deus, com certeza a partir de suas obras, perceberá sim, essa piedade e compaixão, como manifestação do amor que vem da Trindade, mas desde já, devemos ressaltar que existe uma outra ordem de conhecimento, que de modo algum o homem pode atingir pelas suas próprias forças, a da Revelação Divina, nesse sentido todo esse item instiga à fé em Deus que cria desde as origens como Deus Uno e Trino.

A humanidade precisa criar essa consciência⁴, de que o cosmos, na verdade, toda criação esconde um mistério de graça e beleza; graça, porque Deus dá na criação um estado de paz e harmonia aos seres criados para que vivam em comunhão; e beleza, porque tudo está perfeitamente em ordem. Assim, em sintonia com a criação pode-se encontrar o reflexo de uma natureza divina, a qual extrapola os limites da mentalidade das criaturas. Remetendo-nos a sublime e grandiosa revelação divina, de que Deus nos amou primeiro e deu-nos de si a vida. (cf. 1 Jo 4,19).

Deus é criador. Eis a importância de adentrarmos a Revelação como manifestação da Trindade na criação⁵, descobrindo, sobretudo que a Palavra de Deus age e faz.

Os seres humanos podem ascender ao conhecimento e fim último de tudo, Deus. O

³ “Eis uma verdade fundamental que a Sagrada Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: o mundo foi criado para a glória de Deus. Deus criou todas as coisas, explica S. Boaventura, ‘non propter gloriam augendam, sed propter gloriam manifestandam et propter gloriam suam comunicandam – não para manifestar a [sua] glória, mas para manifestar a glória e para comunicar a sua glória’. Pois Deus não tem outra razão para criar a não ser o seu amor e a sua bondade: ‘Aperta manu clave amoris creature prodierunt – Aberta a mão pela chave do amor, as criaturas surgiram’”. (CEC 293).

⁴ Desenvolve esse tema, HAUGHT, John F. *Mistério e promessa*, p. 203 -206.

⁵ JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na criação*, n. 05.

que nos faz dizer: “Como são agradáveis todas as suas obras, ainda que delas se veja apenas uma faísca! Ele não fez nada incompleto. Ninguém se cansa de contemplar a glória de Deus!” (cf. Eclo 42,22.24-25). Glória a Deus por suas maravilhas! Tudo tão belo, que ao contemplar queremos expressar o que sentimos, mas por mais coisas que disséssemos nunca acabaríamos de dizer tudo, pois somente a sua Palavra é criadora e completa!

A Palavra de Deus ultrapassa o nosso entendimento, ela nos apresenta o fim último de tudo, poderíamos nos estender sem esgotar o assunto; numa palavra “Ele é tudo”. Como poderíamos encontrar forças para louvá-lo? “Ele é o Grande, e está acima de todas as suas obras...”. (cf. Eclo 43,27-28). Com estas palavras repletas de admiração, resta-nos contemplar! Nelas, o sábio punha-se diante de tamanha maravilha, buscando o louvor e louvar a Deus, através do esplendor da criação! É um pequeno traço do fio de contemplação e de meditação que percorre todas as Sagradas Escrituras! Desde o Gênesis, do silêncio do nada, quando surgem as criaturas convocadas pela Palavra eficaz do Criador!

“Deus disse: exista a luz! E a Luz começou a existir!” (cf. Gn 1,3).

Já nesta parte da primeira narração da criação se vê em ação a Palavra de Deus, da qual João dirá: “No começo a Palavra já existia... A palavra era Deus... Tudo foi feito por meio Dele, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem Ele” (cf. Jo 1, 1.3). No hino da Carta aos Colossenses, Paulo reafirmará: “Nele (Cristo) foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, tanto as visíveis quanto as invisíveis (...). Tudo foi criado por meio Dele e para Ele. Ele existe antes de todas as coisas e nele tudo subsiste.” (cf. Cl 1,16-17). Mas no instante inicial da criação, aparece velado também o Espírito: “O Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas” (cf. Gn 1,2).

À luz da Revelação é possível notar que o ato criativo está apropriado antes de tudo ao “Pai das luzes, no qual não há mudança nem sombra de variação. Por vontade própria ele nos gerou por uma palavra de verdade, a fim de sermos como que as primícias dentre as suas criaturas”. (cf. Tg 1,13.17-18). Ele resplandece sobre todo o horizonte como canta o salmista: “Javé, Senhor nosso, quão poderoso é teu nome em toda terra, exaltaste a tua majestade acima do céu”. (cf. Sl 8,2).

“Deus firmou o mundo que jamais tremerá...”. (Sl 96,10). E diante do nada, representado simbolicamente pelas águas caóticas que levantam a sua voz, o Criador ergue-se dando consistência e segurança: “Levantam os rios, ó Javé, os rios levantam sua voz, os rios levantam seu rumor. Porém, mais que o estrondo das águas torrenciais, mais poderoso que a ressaca do mar, é Javé majestoso nas alturas”. (cf. Sl 93,3-4).

O que se torna evidente é o sentido da contemplação, não como um mero olhar, mas

com o seguinte significado: contemplar a criação significa também escutar uma voz paradoxal e silenciosa, como nos sugere o ‘Salmo do sol’: “O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos o dia passa a mensagem ao outro dia, a noite sussurra-a à outra noite. Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida a toda terra chega o seu eco, aos confins do mundo sua linguagem!” (cf. Sl 19,2-5). Pois bem, diante da glória da Trindade na criação, o homem deve contemplar, cantar, reencontrar a admiração. Visto que na sociedade contemporânea tornamo-nos áridos, não por falta de maravilhas, mas por falta de maravilha!

A Revelação, desse modo nos traz a maravilha de Deus que se apresenta como um Deus cheio de ternura, onde a própria criação se torna o primeiro passo rumo à aliança que Deus quer firmar com o homem, por isso entre todas as palavras da Sagrada Escritura sobre a Criação, os três primeiros capítulos do Gênesis ocupam um lugar único.

Os capítulos iniciais do Gênesis, do ponto de vista literário, podem ter diversas fontes, todavia, os autores inspirados os colocaram no começo da Escritura, de sorte que eles exprimem na sua linguagem solene, as verdades da criação, da origem e do fim desta em Deus, da sua ordem e da sua bondade, da vocação do homem e, finalmente, do drama do pecado e da esperança da salvação.

À luz de Cristo, lidas essas palavras do Gênesis, na unidade da Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja, elas são a fonte principal para a catequese dos Mistérios do princípio: criação, queda, promessa de salvação. (cf. CEC 289).

O seguinte caráter pode ser ressaltado: na criação há uma profunda comunhão de amor que desvela-nos o Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Uma comunhão que se torna um fluxo de amor à realidade. Pois fora da intimidade imanente da Trindade está o amor criativo, porque Deus (que sempre é Trindade) ama como cria, do nada.

Insinuada no Antigo Testamento, revelada na Nova Aliança, a ação criadora do Filho e do Espírito, inseparavelmente una com a do Pai, é claramente afirmada pela regra de fé da Igreja: só existe um Deus, ele é o Pai, é Deus, é o Criador, é o Autor, é o Ordenador. Ele fez todas as coisas por si mesmo, isto é, pelo seu Verbo e Sabedoria, pelo Filho e pelo Espírito, que são como que suas mãos. A criação é a obra comum da Santíssima Trindade. (CEC 292).

A obra comum da Trindade, em síntese, o universo, o homem, são obras de amor, manifestam a comunhão desejada pela Trindade. Embora, essa comunhão tenha sido perdida nas origens pelo pecado, sempre é necessária essa mesma comunhão.

A cada dia que passa, a humanidade dá-se conta de que a realidade ecológica sintoniza-nos com o todo, onde a terra é a extensão da própria vida humana.

A Terra precisa de cuidados, pois perpassa por toda a criação, um amor que dá harmonia a toda essa realidade de criação. Nós estamos ligados a Terra como estamos ligados à nossa própria vida. Há um vínculo de vida, necessitamos da água, do ar, dos bens da criação, esse vínculo não pode ser destruído, por isso, a vida se prolonga pelo cuidado com a natureza.

A vida que se desenvolve nesse mundo, nesse planeta, sobretudo para os que têm fé, é o espaço, o lugar da criação, por isso, a Terra não é mera extensão da vida, ou o lugar onde ela se desenvolve. A vida humana aqui na Terra se realiza em comunhão com o todo criado, o que chamamos de qualidade de vida, porque esse todo criado é admirável por ser obra bondosa da Trindade que nos criou à sua “imagem e semelhança”. (cf. Gn 1,27).

O autor da criação é Deus Uno e Trino, embora existam muitas teorias acerca das origens, respondendo sobre de onde viemos, (panteísmo, maniqueísmo, gnosticismo, deísmo, materialismo), notamos que essas são diferentes da resposta da fé que vem a partir da Revelação.

A resposta da fé apresenta a criação como uma obra oferecida ao homem, para que esse homem, viva em comunhão com Deus, destarte, o que constitui de fato uma resposta de fé é a Revelação:

Sem dúvida, a inteligência humana já pode encontrar uma resposta para a questão das origens. Com efeito, a existência de Deus Criador pode ser conhecida com certeza através das suas obras, graças à luz da razão humana, ainda que este conhecimento seja muitas vezes obscurecido e desfigurado pelo erro. É por isso que a fé vem confirmar e iluminar a razão na compreensão correta desta verdade: “Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma Palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem a sua origem em coisas manifestas”. (Hb 11,3). A verdade da criação é tão importante para toda vida humana que Deus, na sua ternura, quis revelar tudo que é salutar que se conheça a este respeito. Para além do conhecimento natural que todo homem pode ter do Criador, Deus revelou progressivamente a Israel o mistério da criação. Ele, que escolheu os patriarcas, que fez Israel sair do Egito, e que, ao escolher Israel o criou e o formou se revela como Aquele a quem pertencem todos os povos da terra, e a terra inteira, como o único que “fez o céu e a terra!” (Sl 115,15; 124,8; 134,3). Assim, a revelação da criação é inseparável da revelação e da realização da Aliança de Deus, o Único, com seu povo. A criação é revelada como sendo o primeiro passo rumo a esta Aliança, como o testemunho primeiro e universal do amor todo-poderoso de Deus. Por isso a verdade da criação se exprime com um vigor crescente na mensagem dos profetas, na oração dos salmos e da liturgia, na reflexão da sabedoria do Povo Eleito. (CEC 286-288).

De acordo com o fragmento acima, a tradição bíblica nos atesta que o ser humano entendeu no ato criador uma fonte de encontro com o divino. E, por consequência que a natureza deve ser por ele humanizada, porque também ela é humanizadora, ou seja, na relação com a natureza o homem foi fazendo descobertas, enfim, evoluiu, o que o torna capaz de naturalmente pelo raciocínio, também buscar em tudo isso, uma fonte, buscar a Deus. Mas devido às contingências que enfrenta, precisa então da fé para crer que ambos, homem e natureza estão destinados a um desígnio maior, ao Eterno.

O homem maravilhado e extasiado percebe que, também deverá no “plano ético prestar contas ao Deus vivo do modo com que se relacionará com a natureza que o Eterno confiou aos seus cuidados”⁶. Ambos, homem e natureza são criaturas, por isso necessitam de caminharem em solidariedade, porque a própria Trindade é comunhão, solidária. E toda obra criada, seja o homem ou natureza, devem na verdade manifestar o que de fato o são, reflexo da Trindade.

A criação deve nos fazer entender que a nossa origem está na Trindade e ao mesmo tempo, nos fazer entender que precisamos criar essa comunhão desejada pela Trindade.

O homem para viver bem, não pode fugir desse desígnio de amor, pois essa é a Revelação a partir de uma teologia trinitária que vem revelar-nos o desígnio amoroso de Deus que é Trindade, visto que a Revelação inicia-se por essa humilde iniciativa do circuito amoroso que irrompe da Trindade à criação, num vínculo amoroso de comunhão, onde Deus Uno e Trino, se revela como Senhor e Criador⁷.

A Revelação, pela fé nos mostra que a força da Palavra de Deus⁸ criou o universo, no

⁶ BRUNO, Forte. *Teologia da história*, p. 216.

⁷ Aqui não podemos deixar de elucidar com a seguinte explicitação: “Desde toda a eternidade e por sua natureza Deus é trino. A Trindade de pessoas não foi uma espécie de opção divina de ser ou não ser tal. A subsistência na tríplice hipótese do Amor faz parte de seu ser eterno e imutável Ser Agápico. Um Deus em uma só pessoa nunca existiu. Sendo Ágape, Deus se atua sempre e unicamente em três distintos sujeitos: Pai, Filho e Espírito Santo. A palavra grega pericoresis significa literalmente ‘girar em redor’. Desde São João Damasceno (+ 750) é usada na teologia trinitária para designar a comunhão ou a recíproca efusão de amor entre os três eternos Amantes. No latim da Idade Média traduziam por circuminssessio (de circum = em redor, e insidere = estar em cima ou dentro) ou circumincessio (incidere = avançar). São Boaventura usa a expressão, mas Santo Tomás a desconhece. Designa a terceira grande verdade da vida trinitária, que faz a ponte entre a unidade e a trindade, isto é, a comunhão”. (KLOPPENBURG, Boaventura. *Trindade o amor em Deus*, p.136).

⁸ A Revelação de Deus é História de Salvação, através de sua Palavra: “Se há uma característica do discurso bíblico sobre a revelação, esta é seu caráter essencialmente ‘histórico’. Deus se faz conhecer através da experiência histórica da sua presença. A palavra (‘dábar’ em hebraico) do Deus vivo é sempre ativa: opera salvação na história e nela faz conhecer a sua face; compromete o homem, julga-o, salva-o apelando para fé. A história de Deus com seu povo é uma história que fala. Se alguém quisesse fundar o sentido da história unicamente no agir autônomo do homem não encontraria a revelação bíblica. Iria traí-la também aquele que, em nome da Bíblia, se compromettesse na história negando sua dimensão trans-histórica, porque a salvação cristã vai além da história. Traição não menor seria a daquele que considerasse o Deus da Bíblia estranho ao caminhar da história. No hebraísmo e no cristianismo, ‘revelação’ e ‘salvação’ só tem sentido na ‘história’ e através da história”. (MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus*, p. 42-43).

poder do Pai, na Sabedoria do Filho e na força do Espírito, nessa perspectiva trinitária da Teologia da criação, temos esse primeiro sinal de Deus amor, a criação está ligada a Palavra divina que irrompe e age.

A fé cristã acredita que é função da revelação tratar da questão do sentido universal. A fé afirma que fomos abordados por uma Palavra de promessa, que revela o sentido não só da vida individual e da história, mas também de todo o universo. No meio do que muitas vezes consideramos ser uma escuridão cósmica, a fé distingue uma luz que sempre brilhou. Ela ouve uma palavra que nos diz que o universo não está completamente sozinho agora e nem nunca esteve. “Até no princípio” havia a “Palavra” que dá sentido ao cosmo. Portanto, em nenhum momento da sua existência, o universo conhecido pela fé esteve destituído de sentido. Embora a Palavra irrompa na luz da consciência só com o nascimento de pessoas e da história humana, a fé permite-nos distinguir uma grande promessa até nos primeiríssimos momentos da aventura cósmica. E pela vida dentro das histórias da nossa fé somos capacitados pela graça a procurar e até distinguir um padrão de promessa no universo em evolução. Se olhássemos o universo armados com as abstrações, úteis, porém limitadas, da ciência poderíamos simplesmente deixar de ver esse padrão. A fé pode complementar a ciência em nossa busca humana do caráter final do universo⁹.

Em síntese podemos dizer: a) pela fé na Revelação, nas Sagradas Escrituras, que Deus Uno e Trino, é criador. A sua Palavra Divina irrompe e age: “Pois a palavra de Iahweh é reta, e sua obra toda é verdade; o céu foi feito com a palavra de Iahweh, e seu exército com o sopro de sua boca; porque ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma. Ele envia suas ordens à terra e sua palavra corre velozmente”. (cf. Sl 33,4. 6. 9; Sl 147,15); b) Também, conforme o que nos lembra o Antigo Testamento onde as Escrituras mencionam a Sabedoria Divina personificada como aquela que dá origem ao cosmo, fazendo acontecer o projeto da mente de Deus (cf. Pr 8,22-31), o que se vê como o anúncio da ação de Cristo “por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos” (1 Cor 8,6), porque é “por meio dele que (Deus) também criou o mundo” (cf. Hb 1,2); c) e por fim, a própria Escritura ainda nos lembra o papel do Espírito de Deus no ato criativo: “Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra”. (cf. Sl 104,30), o mesmo Espírito é simbolicamente representado no sopro da boca de Deus. Ele dá vida e consciência ao homem (cf. Gn 2,7).

Portanto, a criação é um testemunho de que a Trindade age e faz. Mas Deus Trindade não só agiu na criação primordial, Ela age e faz, na Revelação que se dá na história: passado, presente e futuro, onde irromperá o eterno desígnio da Trindade e assim, aprofundaremos o Mistério de Deus, diante da Aliança e da sua Promessa o que ocorre dentro dessa categoria da

⁹ HAUGHT, John F. *Mistério e promessa*, p. 210.

história, nos conduzindo ao evento máximo da criação, (a Encarnação), que se manifestou na história, por isso: História de Salvação.

1.2 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA HISTÓRIA

1.2.1 Palavra de Deus e História

A história se desenrola como o aqui e agora de nossa salvação¹⁰. Desde o surgimento da escrita, a palavra oral ganha forma, e passamos, assim, da pré-história à história. Conduzidos desde sempre, por um desígnio salvífico, (também por uma única Palavra, a de Deus) não há, entretanto, uma história profana e outra sagrada, mas sim, a de um único e mesmo movimento centrado no circuito ininterrupto do Espírito Santo, o qual se tornará Palavra Encarnada, para nos desvelar a única e contínua história, a de Salvação, preparada por Deus.

A história é o cenário da revelação, ou seja, a revelação se dá num espaço e num tempo determinados e está submetida às coordenadas históricas. Essa submissão à história é fundamental para a revelação, de tal modo que esta não se apresenta como absoluto atemporal, mas vai se realizando num processo e num progresso histórico até o cume que é Cristo. Ao mesmo tempo, a revelação se dá na história e vai configurando a história desse povo receptor e portador da revelação. Esse caráter histórico se opõe à idéia mítica sucedida num metatempo e num metaespaço fora de nossa realidade histórica¹¹.

Conforme o excerto, estamos diante da Revelação que não tem a história como mero acidente. Evidentemente, sabemos da contingência da história, e da verdade absoluta do Deus que se revela, destarte, poderíamos até nos perguntar: Como se une a história feita por atos humanos, ao desígnio verdadeiro de salvação operado por Deus? Como por atos humanos, Deus se faz presente? É legítima uma Revelação dada na história e no tempo. É a Revelação uma novidade contingente como a história? Está a Revelação limitada pelas categorias próprias de um tempo ou de uma cultura? Como pode valer para todos os homens uma Revelação que se dá pelas vias da história?

Essas perguntas nos mostram a necessidade de saber interpretar a mensagem salvífica com discernimento capaz de descobrir o que é próprio de Deus e o que é fruto das situações

¹⁰ Desenvolve também esse tema: JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na história*, n. 07.

¹¹ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 59.

humanas¹².

A resposta exige a capacidade de conjugar a ação de Deus (verdade) e a história (espaço e tempo). Onde a Revelação se apresentará numa série de fatos históricos de salvação, visto que Deus progressivamente conduz a história ao evento, unificador, à verdade que é Cristo, portanto,

verdade e história não se confundem, mas na Revelação se relacionam, mutuamente, de tal modo que não podemos separá-las, pondo de um lado a verdade eterna de Deus e, de outro a historicidade do homem. Na realidade, Deus, permanecendo perfeitamente Ele mesmo, se põe em comunicação com o homem; por sua vez, o homem, por ser sempre criatura condicionada pelo tempo, participa da realidade infinita de Deus¹³.

O Deus que se revela e que quer aliança age por mediações, então o Antigo Testamento, configura essa história de salvação por meio de progressivos acontecimentos, iniciamos citando o tema da Aliança! Ela está situada dentro de um tempo e espaço, mas se abrirá ao horizonte eterno, levando-nos à verdadeira esperança. Uma esperança que é para todo o espaço e todo o tempo, para a realidade, por isso, para o gênero humano.

A realidade situacional do gênero humano é marcada pelas categorias de espaço e tempo, contudo pela fé na Revelação pode haver uma evolução dessas categorias. Entretanto, há o convite para aderi-las, mas com uma nova visão, a visão da Trindade que nos convida a ver na realidade uma nova perspectiva histórica, então pela fé na Revelação, a história não será mais a mesma.

A Revelação nos leva a novas categorias de espaço e tempo, porque hoje se processa a salvação, portanto, a história será o lugar real dessa salvação. O espaço e o tempo sintetizam a aliança e promessas de Deus, irrevogavelmente somos remetidos à transcendência. Porque, para além desse tempo e desse espaço, pode-se esperar uma história promissora de um espaço novo (um mundo novo) e de um tempo novo (história sem fim), história de Salvação!¹⁴

A promessa se fez realidade na constituição de um povo que estava situado dentro dos

¹² cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p.65.

¹³ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 69.

¹⁴ Há no caráter histórico da revelação uma integração da Aliança com a Promessa, muito importante para a religião cristã, a qual se faz histórica, pois: “o cristianismo se reconhece como uma religião histórica que crê no fato de que a comunicação divina se deu normalmente através de uma série de fatos e de experiências no contexto de um determinado povo. A palavra salvífica entrou no mundo através da história de Israel e, de modo definitivo, através de Jesus de Nazaré. Os cristãos experimentam agora a comunicação de Deus através da pregação, dos sacramentos e de outras ações litúrgicas que interpretam e reatualizam esses fatos do passado. Deste modo, o passado, ao ser recordado e interpretado, é profundamente significativo para a experiência de revelação e de salvação hoje”. cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p.58.

limites da sua própria história, em meio ao contexto das mais variadas divindades, hostil à Revelação, e é dentro desse contexto, que o Senhor se revela como sendo o único.

Com efeito, foram os israelitas os primeiros a dar à história um valor da epifania de Deus e a tomar consciência de que a salvação se realiza na história e está vinculada a uma sucessão de acontecimentos que se desenrolam segundo um desígnio divino e se dirigem para um fato definitivo. Para eles, o importante não é o ciclo anual no qual tudo recomeça, mas o que Deus fez, faz e fará, conforme suas promessas. Desse modo, a revelação se mostrava como algo sempre presente na vida do povo e podia intervir a qualquer momento. Essa percepção os levou a ter um sentimento muito claro da proximidade de Deus¹⁵.

O Senhor, sendo único, se revela de fato como Senhor presente e próximo, mas ao mesmo tempo, ainda inalcançável, porque ainda virá a plenitude dos tempos.

Deus nessa história não se revela presente só nos seus feitos como uma mera cosmologia onde as coisas surgem por força própria e parecem da mesma forma, ou ainda, como cosmogonia onde os deuses criam e se distanciam das suas obras até não se desligando mais delas. Não, Ele age por amor e quer revelar seu plano de amor. Ele não está ausente, e não é mitológico por ser inalcançável, não é criador só de expectativas futuras, mas Ele é presente, de fato, teológico porque se revela, porque Ele se apresenta como sendo o que sempre foi: Aquele que É.

Deus, não sendo mera lembrança ou esperança, revela-se como Pai cuidadoso, por isso, o capaz de ação salvífica, ele ama como cria, do nada; pois Ele é força dinâmica e espiritual na pessoa do Espírito Santo que suscita, da humildade e fragilidade humanas, vozes que proclamam os seus desígnios, visto que Ele mesmo se faz caminho e desde já, Justiça. Também, o que cumpre a promessa com pessoalidade – na pessoa de Jesus Cristo – no qual, encontraremos definitivamente o sentido da história¹⁶. Eis que se desvela um único horizonte e uma única história, a de salvação, destarte, de aliança eterna.

A história sem dúvidas é o cenário da revelação, ou seja, a revelação se dá num espaço

¹⁵ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 59.

¹⁶ A história por si só não é revelação: “Certamente (...) dizer que Deus se revela na história não significa afirmar que a história é automática, clara e simplesmente Revelação de Deus. Se assim fosse, conhecer a Revelação equivaleria a um puro processo de interpretação da história. Precisamente o centro da Revelação, que é a pessoa de Jesus de Nazaré, demonstra que a história não é sem mais revelação. A derrota humana de Jesus na Cruz, considerada em si mesma, é apenas loucura e escândalo. Se nos é concedido encontrar ali um sentido profundo, é apenas porque o evento-ocultamento é precedido e seguido de uma Palavra explicativa e ao mesmo tempo criadora de sentido: é Palavra-Promessa que através do selo da Ressurreição nos restitui o Ressuscitado, o Vivente, Aquele que vem, Aquele cuja vitória teve e ainda terá a última palavra. Por isso a história sozinha como evento isolado não é reveladora; reveladora é a história acompanhada de uma Palavra, pronunciada na história com plenitude de poderes e que sabe ser muito mais do que simples interpretação da história”. (MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus*, p.44).

e num tempo determinados, mas esses são agora envoltos pelo mistério, a cronologia se modificará não em mera contagem, porém em um tempo novo, da graça. Todavia, para tudo isso acontecer, a Revelação submete-se às coordenadas históricas, não se aprisionando a essa, mas dando-lhe uma novidade, que está preparada ao tempo e ao espaço, a tudo e todos, pela Trindade.

A Revelação então se apresenta na história e a modifica, a ultrapassa, não se apresenta como um absoluto atemporal, mas vai se realizando num processo e progresso histórico até o cume que é Cristo, e toda a história através do tempo e do espaço receberão, portanto a Trindade, por isso:

espaço e tempo nos remetem, à quênose e ao esplendor da Trindade no universo da criação: dimensões estruturantes de todo ser criado, eles nos remetem respectivamente, à transcendência e à imanência do Deus vivo na obra de suas mãos. Em formas diversas e que se complementam, o espaço e o tempo celebram a presença e a glória do amor criador da Trindade em suas criaturas e assinalam o destino do mundo, enquanto chamado a existir perante Deus, a habitar em Deus no “espaço” das relações intradivinas e a amoldar-se no mais profundo do seu ser ao “tempo” eterno em que se processa a vida dos Três, até que Deus seja tudo em todos (cf. 1 Cor 15,28), na unidade e distinção do amor infinito¹⁷.

O desvelar-se da história dentro do tempo e espaço, perseguiu desse modo, o caminho do amor trinitário. Onde pela mão do Pai um povo foi conduzido a presentificar sua aliança, e na voz do Pai, os profetas anunciavam a verdadeira esperança na perspectiva do advento eterno pelo nascimento daquele que definitivamente nos traria o rosto do Deus amor, tudo isso sob a égide do Espírito.

1.2.2 Etapas progressivas de Salvação na Bíblia

O desenvolvimento dessas etapas progressivas do desígnio de Salvação estão dentro do Antigo Testamento, e todas elas como demonstraremos preparam a Boa-Nova, o que não significa que haja uma cisão entre Antigo e Novo Testamentos, nem mesmo uma história e Revelação de ciclos, pois há uma linear Revelação e uma única história. Após perpassarmos essas etapas a própria história atingirá o seu clímax, chegando ao Novo Testamento, confirmando o que dissemos até aqui.

¹⁷ BRUNO, Forte. *Teologia da História*, p. 267.

1.2.2.1 Época Patriarcal

A primeira mediação que temos no Antigo Testamento, nesse desenvolvimento progressivo, e que queremos destacar, é com Abraão o pai da fé. Na história dos patriarcas ele tem maior relevância por pré-figurar a esperança e confiança contra toda esperança! (cf. Rm 4,18-22). Ele parte como peregrino, ouvinte da Palavra, a qual se transforma para ele em realidade e caminho, em via de fé. Nas veredas da história, em Abraão, encontramos o desígnio salvífico do chamado e da promessa, num cumprimento de aliança, os quais nos foram preparados pelo Eterno Pai.

Abraão deixa sua terra, sua cidade, o ambiente em que vivia e parte para uma terra desconhecida. Este fato, a escolha e decisão de um homem – nisto está sua peculiaridade – não deve ser entendido ‘naturalmente’. Abraão foi chamado e movido por Deus, por sua vontade, a um apelo Seu, ao som de Sua voz, pondo-se sob Sua direção (“Deus falou”). A vida e as ações, o caminho seguido e o destino de Abraão são o sinal de obediência a um aviso e a um apelo que não partiram dele, mas de alguém que podia dispor dele e conduzi-lo onde ele mesmo não quisesse. Estamos aqui diante do sinal de um poder que nele agia, que ele próprio reconhecia nos passos de sua vida, que não eram meros fatos, mas sim episódios pelos quais Deus quer dizer algo, nos quais Deus influencia, pelos quais Deus se mostra e se revela, e através dos quais Abraão realiza sua fé como obediência, como gesto de confiança e de entrega de si próprio¹⁸.

Abraão não titubeia e nem vacila. Crente, encarna o mandato de Deus de forma extraordinária. Ele torna-se instrumento de um desígnio de salvação que abraçaria o futuro povo da aliança, nele está o protótipo da história dos patriarcas, bem como a estrutura fundamental do agir divino, de seu modo de conduzir os homens e da resposta do próprio homem, a partir dele se desenvolverá a história desse povo de Israel que se colocou em marcha histórica, tudo porque ele abraça a promessa, confiou em Deus, acreditou naquele que o chamava. Acreditou na sua promessa!

Deus firma com Abraão uma aliança! Sinal do que está para vir, do futuro, da promessa: “Deus disse a Abraão: Eu sou o Deus todo poderoso (El-Xadai). Anda em minha presença e sê perfeito; quero fazer aliança contigo e multiplicarei até ao infinito a tua descendência” (Gn 17,1-2; cf. Gn 15,18). Em sinal dessa novidade resultante do pacto da aliança, Abraão recebe um nome novo: “De agora em diante não te chamarás mais Abrão, e

¹⁸ FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 202.

sim Abraão, porque eu farei de ti o pai de uma multidão de povos” (Gn 17,5)¹⁹.

O Senhor se revela a Abraão com voz de Pai, firma com ele essa aliança, não lhe apresenta a face²⁰, mas seu chamado, convite e promessa, numa aliança promissora ao futuro em que Abraão, se dispõe eximamente, porque como filho solícito e resignado, lhe obedece, está atento à sua palavra! Mais do que isso, sua obediência dá vida e significado à Palavra de Deus! No clamor do mundo em que vivemos se esboça a mesma pergunta que se sobressaiu às entrelinhas dessa Revelação, veterotestamentária, à figura de Abraão: “– Até onde vai a sua fé?!”. Até onde fora a fé de Abraão? A resposta virá no horizonte salvífico que se apresentará num futuro que encerrará todas as dúvidas e questões relativas à fé, Naquele que será a razão e ciência para todos os crentes!

Desde o princípio se vê como no Antigo Testamento revelação e fé são correlativas. A revelação veterotestamentária era lei e promessa de salvação; a fé é entendida nela como obediência e confiança²¹.

A história salvífica não é fragmentada, ela está aberta num conjunto de acontecimentos, até se concentrar no centro de todos eles: A razão e o motivo da fé de todos os crentes! São etapas progressivas, as quais revelam esse desígnio salvífico, bem como um conteúdo que vem presentificar que no Antigo Testamento há uma expectativa do que há de vir!

Ao centro da Revelação é que estamos nos direcionando, por isso, resumidamente teremos que perpassar por essas etapas e por esse conteúdo.

1.2.2.2 Aliança e Libertação

Outra etapa de suma importância, a qual é um marco decisivo à história é a que ocorre no chamamento de Moisés²², esse Deus pessoal que acompanha seu povo, Deus dos pais, e ele

¹⁹ cf. FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 203.

²⁰ Cabe lembrar: “Se Deus fala, o homem deve escutar. Não se recebe a revelação bíblica numa contemplação da divindade, como nos mistérios gregos e na gnose oriental, mas escutando a palavra. Nesta terra ninguém pode ver a Deus (Ex 33,20). Deus dá testemunho de si mesmo, pela palavra comunica-se ao homem, mas foge à visão. Em sua realidade profunda é sempre o Deus insondável, o Totalmente outro: esquiva-se o seu mistério. Samuel responde a Deus que o interpela: ‘Fala, Senhor, que o teu servo escuta’ (1Sm 3,10). Escutar indica a primeira atitude do homem ante a revelação: não de modo material e passivo, mas em disponibilidade totalmente ativa. A palavra ouvida deve ser assimilada pela fé e pela submissão, numa entrega de todo ser, como fez Abraão (Gn 15,6; 24,7)”. (LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, p 36).

²¹ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 88.

²² Se torna muito importante destacar esse chamado, em vista do que Deus revela, assim temos: “O chamado de Moisés, encontra-se na teofania descrita em Ex 3. Tem o seu clímax na revelação do nome de Deus (v.14). O culto de Deus não terá aspecto mágico. Ele deve ser chamado pelo seu nome próprio. A revelação do nome de Deus, identificado com o ‘Deus dos pais’ (El Xaddai; cf. Ex.3,14s), reza assim: ‘Eu sou Aquele que é’ – ‘Eu me

agora vem aproximar-se mais ainda para conduzir o seu povo à libertação, sinalizando ser o único e capaz de realizar tal feito! Não vem como um Deus velado e misterioso, mas apresenta-se e mostra sua força e poder. Ele não se manifesta meramente em seu ser metafísico, mas em sua benevolência salvadora.

O que se evidencia é o agir divino, pois esse povo guiado por Moisés (sinal profético do desejo salvífico) será um povo crente, porque Deus vem operar em meio a esse povo, prodígios, desde a libertação do povo escravo em cativo no Egito. Bem como na série de extraordinários sinais de sua força libertadora e salvadora: travessia do Mar Vermelho, o caminho pelo deserto, o encontro com Deus, a conclusão da aliança no Sinai, e a tomada de posse da Terra santa. Tudo isso vem manifestar a glória de Deus! Onde Ele está pronto a ser o auxiliador, é a ação e influência divina na história.

A Revelação Divina na história mostra-nos, portanto, a Revelação de Deus, fazendo da história o lugar próprio e adequado em que se plenificam os desígnios e as promessas divinas²³.

Deus manifesta seu ser e confirma a verdade de seu nome realizando um acontecimento grandioso ao libertar o povo israelita da escravidão do Egito. Esse fato da libertação por Deus se constitui no acontecimento central da história salvífica do Antigo Testamento. Nele Javé se manifesta como o Go'el (é o que liberta, resgata, redime, protege ou tira vingança (...)). Deus se apresenta como o Go'el enquanto resgata o seu povo (...) e defende o pobre e aflito de Israel e o povo descobre um Deus libertador e salvador, um Deus justo que se põe ao lado de seu povo para chamá-lo e empurrá-lo para a liberdade, um Deus que é sensível à injustiça e que, portanto não está alheio ao sofrimento e à dor, mas que luta com seu povo para conseguir a libertação da escravidão²⁴.

O povo por sua vez lhe renderá culto, prestar-lhe-á devoção sincera, pois Deus, nesses acontecimentos que serão sempre lembrados e evocados fará desse povo, um povo da expectativa e da esperança, da certeza de que Ele está presente na memória e vida do seu povo, nessa perspectiva se firma a sua aliança.

chamo 'eu sou' – 'Este é o meu nome para sempre e é assim que me chamarão de geração em geração' (Ex 3,14s). Este 'Eu sou', que contém uma explicação do novo e específico nome de Deus, é também uma mensagem um significado: 'Nenhuma região, nenhuma montanha, nenhum templo é o lugar de residência de Deus, do Deus que enviou Moisés. Ele não é visível, mas está aí, no aqui e agora da história de Israel'. 'Eu aqui estou', não fala de sua essência e existência. Fala de sua presença. Conhecê-lo-á o faraó, mesmo sem O ter por verdadeiro e verá que um ser mais poderoso está presente em sua terra. Israel, escravizado e condenado a desaparecer, vê-lo-á como seu libertador e salvador. O invisível torna-se visível no fato histórico. Revela-se no cotidiano da história da humanidade". (FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 204).

²³ cf. FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 204.

²⁴ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 90.

1.2.2.3 Interiorização da palavra de Deus: a Lei

A aliança se atualiza e se presentifica como tal no decálogo, na Lei na Torá, o que vem fundamentar a existência de Israel: começa o decálogo com aquele fato que fundamenta a existência de Israel: “Eu sou Javé, teu Deus, aquele que te tirou da terra do Egito e te libertou do cativeiro” (Ex 20,2). Assim, se exprime a decisão de Deus de ser o Deus exclusivo de Israel. Por isso, este não terá outro Deus: “Além de Mim, não terás outros deuses” (20,3). Essa palavra, que em si inclui igualmente responsabilidade e promessa, é a grande e especial Revelação de Deus feita a Israel, seu povo²⁵.

A partir dessa benevolência divina surge o reinado de Deus a ser implantado: “Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as palavras que dirás aos filhos de Israel” (Ex 19,4-6). Contudo os filhos de Israel vão ao longo da sua história desconfiando dessa palavra, já não recordam tão vivamente os feitos de Seu Deus, ao ponto que mesmo antes de ingressarem na terra prometida com Josué, já são questionados e advertidos, em seus sintomas de infidelidade: “Lançai fora, pois os deuses estrangeiros que estão no meio de vós e inclinai o vosso coração para Iahweh, Deus de Israel. O povo disse a Josué: ‘A Iahweh nosso Deus serviremos e à sua voz obedeceremos’” (Js 24,23-24).

O povo de Israel cede à tentação de se igualar aos outros povos com sua entrada em Canaã, evidencia-se a distância de seu Deus! Já existe uma nova geração, a qual, não se identifica com a promessa e aliança! As infidelidades crescentes suscitam o tempo dos Juízes (embora, não tenha sido um sistema permanente e forte para preservar as características do povo eleito) porque houve sem dúvida sempre a permanente presença de Deus e aqueles que interiorizaram a Palavra de Deus: a lei; mas também a insegurança e vacilo de muitos. Naturalmente, o povo de Israel sente a necessidade de ter um governo que lhe indique o caminho, embora haja aqueles que seguem a Baal (e seus indicadores, os profetas do falso deus. O povo tem expectativa e anseia para que lhe surja um real líder, será o tempo dos Reis. Aqui a soberania de Deus é abalada, porque a crescente descrença na legitimidade e ação de Deus no mundo atinge seu nível mais alto novamente, o de pretensão: A glória de Deus transforma-se em glória dos homens! Eis o limite desse sistema.

²⁵ cf. FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 204.

1.2.2.4 O profetismo

A partir do esquecimento da aliança, deve se destacar ainda o profetismo²⁶, pois é através dessa etapa que Deus vem demonstrar e ensinar, (no sentido de suscitar), a obediência ao seu plano! Ele vem posicionar-se veementemente contra qualquer tentativa de reduzir a aliança com Deus numa aliança política, o profeta vem alertar com um olhar voltado à realidade e à história, circunstancial do presente, contra a infidelidade e falsa segurança do povo, o qual, vai se iludindo e se distanciando do amor e da justiça, portanto, de Deus, mas ao mesmo tempo é voz suplicante para que Deus não se esqueça de sua aliança!

O profeta é alguém que, com coragem e franqueza, discorre sobre o que acontece na atual situação histórica: sobre a fé e a obediência, sobre a justiça e o amor. É alguém cômico de sua palavra e de sua missão, alguém que está pronto a defender sua palavra com a vida e com as ações. Sua missão é desenvolver e consolidar a verdade da aliança, contra todas as tentações a transformar aliança de Deus numa aliança política²⁷.

O povo de Deus passa por várias provações, do exílio na Babilônia, até o novo êxodo, com Ciro que abate Babel e deixa o povo regressar à sua terra, até entrar em contato com a cultura grega, o sustentáculo de Israel será a palavra profética, a obediência a lei, manifesta em amor, assim o povo de Deus seguirá na história em meio as vicissitudes de crer ou não, na verdade aceitar ou não ao Deus que se revela.

Pela Revelação o homem é posto em confronto com a palavra que exige fé (obedecer e confiar) execução, pois Deus fala aos homens e lhes propõe através da promessa de Salvação uma aliança eterna e definitiva, Deus interpela o homem nessa história salvífica, deixando-lhe a liberdade da aceitação ou da recusa.

²⁶ “O profetismo representa uma nova etapa na história da revelação. Deus fala através de um homem. É por isso que se considera Moisés como protótipo do profeta (Dt 34,10-12). Essa modalidade se torna freqüente a partir de Samuel (cf. 1 Sm 3,1-21) até o século V antes de Cristo. Na época dos profetas escritores, a palavra se impõe cada vez mais como expressão da vontade divina e como o poder de Deus decisivo na história de Israel. É típica da linguagem profética uma fórmula clássica: ‘Assim fala Javé’. Em seu nome os profetas se apresentam como defensores da ordem moral estabelecida pela aliança e sua pregação é um chamado à justiça, à fidelidade e ao serviço de Deus todo poderoso. Os profetas têm a convicção de que sua missão tem como fundamento uma experiência de Deus (Jr 1,4-19; Ez 2,1-10; Is 6) que os leva a interpelar os que os escutam e a exigir-lhes a fé, a pedir uma tomada de posição e uma mudança radical de conduta. A palavra de Deus exige obediência a Deus e recrimina os que não respeitam a lei e o direito (Os 10, 13,15; Is 31,1-3; Am 6,1-7). Nessa reflexão teológica da revelação do Antigo Testamento, Jeremias ocupa um lugar primordial porque definiu os critérios da autêntica palavra de Deus através do profeta: – Cumprimento do que foi anunciado (Jr 28,9) – fidelidade a Javé e à religião tradicional; – Testemunho freqüentemente heróico que o profeta mesmo deve dar de sua vocação (1,4-6; 26,12-15). Jeremias, como uma entidade permanente, dotada de um dinamismo irresistível (5,14; 23,29; 25,13; 26,12)”. (ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 92).

²⁷ FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 208.

O pecado, desde logo, será recusar-se a escutar não responder aos apelos do Senhor, endurecer-se na resistência (Jr 7,13; Os 9,17). Conforme for aceita ou recusada a revelação será para o homem graça ou condenação, morte ou vida (Is 1,20). A sorte do homem dependerá da opção decisiva a favor ou contra a palavra. O objetivo, porém da revelação é a vida e a salvação do homem, na sua comunhão com Deus (Is 55,2)²⁸.

A Revelação não é estática, pois a Palavra de Deus é eficaz e move a história, por isso a Revelação toda está orientada para a esperança de Salvação que há de vir.

1.2.2.5 Da promessa feita a Abraão à esperança da Salvação

Nessa única história salvífica, prefigurada em Abraão, temos então o conjunto propulsor ao futuro que se abre²⁹, e aqui vislumbramos a história que será unificada à Trindade. E se o homem crer (nesse sentido da fé do Antigo Testamento) com fidelidade, ele passará a entender que a história tende para a plenitude dos tempos, que será a realização dos desígnios de Deus na Encarnação³⁰.

Ao final desse item, retomamos agora o pai da fé, o qual, sem relutar, obedece ao Senhor, entrega-se a Ele, sendo capaz de lhe oferecer o que tem de mais precioso, porque ansiava ser fiel ao cumprimento da Palavra de Deus, onde lhe daria então, o próprio filho em sacrifício!

Nos primórdios dessa aliança de Deus com o homem, temos a submissão total de um homem que prefigura a aliança eterna!

O autor da Carta aos Hebreus escreve: “Pela fé Abraão, chamado por Deus, partiu para um lugar que deveria receber como herança. E partiu sem saber para onde” (11,8). Eis que o apóstolo Paulo o denominará: “nosso pai na fé!” (cf. Rm 4,11-16), acreditou em Deus e confiou na sua promessa! Aqui se delineou para nós chamado e promessa, a terra para qual deveria caminhar, guiado pela voz de Deus, não pertence à geografia desse mundo exclusivamente!

Abraão o crente ruma à promessa que todo gênero espera! Mesmo posto a prova,

²⁸ cf. LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*, p. 39.

²⁹ “Cada fato, por mais expressivo que seja, por melhor conservado se apresente na lembrança de todos, como a libertação do cativeiro do Egito, indica sempre um outro ainda maior. Mesmo as maiores realizações ocorridas em Israel são sempre uma promessa, a promessa de um futuro, de algo ainda por vir. Isto acontece igualmente com as figuras da revelação, os seus portadores como: Moisés, com os Juizes, os Reis, os Profetas. Eles não são pessoas em quem a revelação se detenha ou em quem ela termine. São intermediários. É o que expressa o ‘depois-de-nós-virá-alguém-que-é-maior-do-que-nós’. Aquele que virá é o principal.”. (FEINER, Johannes. *Teologia Fundamental*, p. 216).

³⁰ LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*, p. 39.

chega ao apogeu dessa provação, lemos na Carta aos Hebreus: “Pela fé Abraão, colocado à prova, ofereceu Isaac; e justamente ele que havia recebido as promessas ofereceu seu único filho, do qual fora dito: ‘De Isaac sairá uma descendência que terá o teu nome’” (11,17-18); e eis o clímax da provação, testado na fé, porque no seu filho estava a expectativa da prometida descendência, ele oferece o seu unigênito. Porém sai vitorioso desse embate, prova sumamente dramática, ele pensava: “Deus ressuscita os mortos” (Hb 11,19) sem cessar de acreditar, sua fé na promessa chega ao ápice: seu total abandono em Deus não o desiludiu, isto vai para além de toda medida humana é algo sobrenatural, por isso se dirá: “Por isso Abraão recuperou o seu filho” (Hb 11,19). Acreditou em Deus de maneira incondicional³¹.

O sacrifício de Abraão vem se apresentar assim como anúncio profético do sacrifício de Cristo, aliás, toda experiência de Abraão vem induzir a história a uma espécie de antologia do evento salvífico da morte e ressurreição de Cristo. Sem o saber esse Patriarca nos conduz a esse desígnio. Há maior promessa do que aquela que se cumprirá no Mistério Pascal de Cristo?

Poderemos finalmente passar ao próximo item, onde teremos no evento Cristo, nossas respostas! Na fé de Abraão Deus entreteceu uma aliança eterna com o gênero humano, que será cumprida num único senhorio! Onde o Filho unigênito do Pai, da mesma substância, fez-se homem para nos introduzir mediante a humilhação da cruz e a glória da ressurreição, na terra de salvação que, desde o princípio, Deus rico em misericórdia prometeu à humanidade.

Portanto, a manifestação da Trindade na história se dá, podemos aduzir isso a partir de

³¹ Uma excelente reflexão sobre esse tema, a fim de notarmos o desígnio de Deus se cumprindo na História: “Cumpramos redescobrimos o rosto verdadeiro do Pai, rosto silencioso e velado; e não há ocasião mais propícia para fazê-lo do que a Sexta-feira Santa. São Paulo nos diz, pois que ‘Deus não poupou o próprio Filho, mas entregou-o por todos nós’. A liturgia da Igreja, num domingo do ano, associa este passo ao de Gn 22, e é provável que o próprio Apóstolo haja entendido fazer essa aproximação. Ora, de quem se fala naquele trecho? De Abraão. Deus diz a Abraão: ‘Já que agiste assim e não poupaste o teu filho, o teu único filho, eu te abençoarei com todas as bênçãos; em ti serão abençoadas todas as nações da terra’. O velho Abraão, que caminha calado rumo ao monte Moriá, atrás do filho Isaac, era, pois figura e símbolo de outro pai. Símbolo de Deus Pai que acompanha Jesus em seu trajeto para o Calvário. Ao sair do Cenáculo, Jesus, voltando-se para os discípulos dissera: ‘Vós me deixareis só, mas eu não estou só, porque o Pai está sempre comigo’ (Jo 16,32). Quem pode descrever os sentimentos de Abraão enquanto conduzia o seu rapaz ao monte para lá ser imolado? Dizia Orígenes que o momento mais crucial para Abraão foi quando, durante a caminhada, Isaac, desinformado de tudo, voltou-se para o pai e perguntou-lhe: ‘Meu Pai, eis a lenha para o sacrifício, mas e a vítima, onde está?’ Mal sabia que a vítima era ele. Essas palavras ‘pai, meu pai’, escreve Orígenes, foram reais vozes de tentação para Abraão; e que violência não teve ele de exercer contra si mesmo para não trair-se e voltar para trás! E quando Jesus, por sua vez, disse no Getsêmani: ‘Meu Pai, tudo te é possível, afasta de mim este cálice!’ (Mc 14,36), quem seria capaz de dizer como reagiu o coração de Deus Pai? Abraão teria de certo preferido morrer mil vezes a fazer morrer o filho. Juntos estavam portanto o Pai celeste e seu Filho Jesus na paixão, juntos estiveram na cruz. Mais do que nos braços do madeiro da cruz estava Jesus pregado nos braços do Pai, isto é, na sua vontade. E, assim como, na eternidade, do inefável e jubiloso abraço do Pai e do Filho procede o Espírito Santo, dom recíproco de amor, assim agora, no tempo, do abraço doloroso do Pai e do Filho na cruz brotou o Espírito Santo, dom do Pai e do Filho para nós. Tendo inclinado a cabeça, Jesus ‘entregou o Espírito’. (Jo 19,30)”. (CANTALAMESSA, Raniero. *Nós pregamos Cristo crucificado*, p. 96-97).

tudo que aqui já fora escrito, através do Pai amoroso que tem o seu povo como a um filho, povo que necessita de correção e de carinho, de amadurecimento e de um reino; e, para instalar o seu reino enviará o seu Filho!³² Esse inserido no tempo e no espaço, como o centro vivo e vivificante que dará o sentido definitivo ao fluir da história; Quanto ao Espírito Santo não temos uma revelação explícita de sua pessoa, mas se aproximam dele as iniciativas salvíficas como no movimento dos juízes (cf. Jz 3,10), em David (cf. 1Sm 16,13), o rei-Messias (cf. Is 11,1-2; 42,1), mas, sobretudo é Ele que efunde nos profetas, os quais tem a missão de revelar a glória divina escondida na história, o desígnio do Senhor subjacente as nossas vicissitudes; e por fim, o Espírito de Deus não só revela o sentido da história, mas imprime força para colaborar no projeto divino que nela se cumpre, à bendita luz do Pai, do Filho e do Espírito Santo a história cessa de ser uma sucessão de eventos que se dissolvem no precipício da morte, pois o eterno irrompeu em nosso tempo! Ademais a história torna-se terreno fecundado por essa semente, um caminho ao mundo novo onde “Deus será tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28), assim vamos ao eterno que irrompeu em nosso tempo!

1.3 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA ENCARNAÇÃO

O cumprimento da promessa e aliança definitivas se dá em Jesus Cristo, o nosso Redentor. Ele é o Cristo, sujeito e objeto da Revelação³³, Nele o Filho unigênito do Pai, da sua mesma substância, fez-se homem³⁴ para nos introduzir, mediante a humilhação da cruz e a glória da ressurreição, na terra de salvação que desde o princípio, Deus rico em misericórdia

³² “Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de si mesmo na criação (cf. Rm 1,19-20) e, além disso, decidindo abrir caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a si mesmo desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da queda destes, juntamente com a promessa da redenção deu-lhes esperança da salvação (cf. Gn 3,15), e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rm 2,6-7). No devido tempo, chamou Abraão, para fazer dele um grande povo (cf. Gn 12,2-3), ao qual, depois dos patriarcas, ele ensinou, por meio de Moisés e dos profetas, a reconhecer em si o único Deus vivo e verdadeiro, o Pai providente e o juiz justo, e a esperar o Salvador prometido; assim preparou, através dos tempos, o caminho ao Evangelho”. (DV 3).

³³ “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2 Pd 1,4). Em virtude desta Revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1 Tm 1,17), no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão. Esta ‘economia’ da Revelação executa-se por meio de ações e de palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da Salvação, manifestam e corroboram a doutrina e realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contidos. E, a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se por meio desta Revelação no Cristo, que é simultaneamente, o mediador e plenitude de toda a Revelação”. (DV 2).

³⁴ Desenvolve também esse tema: JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na Encarnação*, n. 15.

prometeu à humanidade, Ele vem para revelar e salvar, onde a própria Salvação é uma Revelação³⁵.

1.3.1 Na Encarnação a Trindade se revela ao gênero humano em Maria

O que Deus prometeu e preparou ao gênero humano, a salvação, chegam ao seu termo, à sua plenitude, aquela mesma palavra viva e eficaz, desde a origem, pronunciada tanto na criação como na história, se dirige novamente ao gênero humano para lhe dar vida novamente. O que era promessa agora se cumprirá, porque a Trindade se manifesta de uma vez por todas para cumprir esse desígnio, e fala ao gênero humano, a uma mulher, Maria a cheia de graça.

A Anunciação a Maria inaugura a “plenitude dos tempos” (Gl 4,4), isto é, o cumprimento das promessas e das preparações. Maria é convidada a conceber aquele que habitará “corporalmente a plenitude da divindade” (Cl 2,9). A resposta divina à sua pergunta “como se fará isto, se não conheço homem algum?” (Lc 1,34) é dada pelo poder do Espírito: “O Espírito virá sobre ti” (Lc 1,35). A missão do Espírito Santo está sempre conjugada e ordenada à do Filho. O Espírito Santo é enviado para santificar o seio da Virgem Maria e fecundá-la divinamente, ele que é “Senhor da Vida”, fazendo com que Ela conceba o Filho Eterno do Pai em uma humanidade proveniente da sua. Ao ser concebido como homem no seio da Virgem Maria, o Filho único do Pai é “Cristo”, isto é, ungido pelo Espírito Santo, desde o início da sua existência humana, ainda que a sua manifestação só se realize progressivamente: aos pastores, aos magos, a João Batista, aos discípulos. Toda vida de Jesus Cristo manifestará, portanto, “como Deus o ungiu com o Espírito e com poder” (At 10,38) (CEC 484-486).

Maria³⁶, a mãe de Jesus feito homem, a Mãe de Deus³⁷, colabora nesse plano de salvação, protótipo do povo que será justificado e remido, pelos mistérios da Encarnação,

³⁵ “Em Jesus Cristo, portanto, a revelação e salvação se relacionam mutuamente como elementos indispensáveis da comunicação de Deus. Na fé, o crente encontra em Cristo não só o Revelador, mas também o Salvador, o Filho de Deus que chama ao amor. Com isso se quer fazer ver que a intenção salvífica está presente no fato mesmo da Revelação, isto é, na palavra divina dirigida à humanidade. Assim, na revelação, Deus vem ao encontro do homem pecador para chamá-lo à Vida, e isso não pode significar outra coisa senão amizade, graça e salvação”. (ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 126).

³⁶ “(...) Desde então, para um Hebreu, acreditar é obedecer e confiar; é reconhecer Javé como o único Deus Salvador de Israel, o que lhe deu a lei e prometeu a salvação; é aceitar a sua vontade e fiar-se em suas promessas. A fé de Maria, a flor do Antigo Testamento, é pura obediência e pura confiança: obediência da serva do Senhor (Lc 1,38), confiança que exalta o Deus fiel a suas promessas”. (LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, p. 36).

³⁷ “Denominada nos Evangelhos ‘a Mãe de Jesus’ (Jo 2,1;19,25). Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito, desde antes do nascimento do seu Filho, como ‘a Mãe do meu Senhor’ (Lc 1,43). Com efeito, Aquele que ela concebeu do Espírito Santo como homem e que se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro que o Filho eterno do Pai, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus (Theotókos)”. (CEC 495).

Paixão, Morte e Ressurreição. Um modelo que configura agora uma promessa universal, Ela se apresenta agora como Aquela que acreditou, “Aquela que acreditou porque vai lhe acontecer o que o Senhor lhe prometeu” (cf. Lc 1,45). Estamos diante da novidade do Novo Testamento³⁸, e se todas as gerações lhe proclamaram bem-aventurada é porque poderão ver Nela que o impossível ao humano, torna-se possível em Deus.

Ao longo de toda a Antiga Aliança, a missão de Maria foi preparada pela missão de santas mulheres. No princípio está Eva: a despeito da sua desobediência, ela recebe a promessa de uma descendência que será vitoriosa sobre o Maligno, e a de ser a mãe de todos os viventes. Em virtude dessa promessa, Sara concebe um filho apesar da sua idade avançada. Contra toda expectativa humana, Deus escolheu o que era tido como impotente e fraco para mostrar sua fidelidade à sua promessa: Ana, a mãe de Samuel, Débora, Rute, Judite, Ester, e muitas outras mulheres. Maria se sobressai entre (esses) humildes e pobres do Senhor que dele esperam e recebem com confiança a Salvação. Com ela, finalmente, excelsa filha de Sião, depois de uma demorada espera da promessa, completam-se os tempos e se instaura a nova economia (CEC 494).

A resposta de Maria na fé prefigura a resposta que o gênero humano dará ao Mistério da Trindade, a fim de que aconteça no homem o mesmo desígnio de salvação. Eis a nova economia. Essa resposta parte por isso do entendimento de que a Encarnação é: Plenitude da Revelação, não de maneira fictícia, mas real e concreta. O Encarnado se presentificou ao gênero humano de forma realmente humana, a partir do que é divino. Desígnio esse que quer nos assumir como filhos e herdeiros dessa mesma divindade, já presente em Maria, por ser agraciada!³⁹

Filha de Abraão segundo a fé e a carne, Maria participou pessoalmente na sua experiência. Também Ela, como Abraão aceitou a imolação do Filho, mas enquanto a Abraão não foi pedido o sacrifício efetivo de Isaac, Cristo bebeu até a última gota o cálice da amargura. E a humilde serva participou pessoalmente na provação do Filho, acreditando e

³⁸ A palavra de Deus, que é poder de Deus para a salvação de todos os crentes (cf. Rm 1,16), apresenta-se de maneira especial nos Escritos do Novo Testamento e neles manifesta o seu vigor. Quando chegou a plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), o Verbo fez-se carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade (cf. Jo 1,14). Cristo estabeleceu o Reino de Deus na terra, manifestou com obras e palavras o Pai e a sua mesma pessoa, e levou a cabo sua obra morrendo, ressuscitando e subindo gloriosamente ao céu, e, finalmente enviando seu Espírito Santo. Sendo levantado da terra, atrai todos a si (cf. Jo 12,32), ele, o único que tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68). Este mistério não foi, porém revelado às gerações precedentes, como agora aos seus apóstolos e profetas no Espírito Santo (cf. Ef 3,4-6), para que estes pregassem o Evangelho, despertassem a fé em Jesus, Cristo e Senhor, e congregassem a Igreja. De todas estas coisas, são testemunho perene e divino os escritos do Novo Testamento). (DV 17).

³⁹ “Para ser Mãe do Salvador, Maria ‘foi enriquecida por Deus com dons dignos para tamanha função. No momento da Anunciação o anjo Gabriel a saudou como ‘cheia de graça’. Efetivamente, para poder dar o assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era preciso que ela estivesse totalmente sobre a moção da graça de Deus”. (CEC 490).

esperando com firmeza aos pés da cruz (cf. Jo 19,25), na verdade a mãe do novo homem foi além do estar aos pés da cruz, recebe o corpo do Senhor em seus braços! E o Filho a dá como Mãe à Igreja.

Era o epílogo de uma longa expectativa. Formada na meditação das páginas proféticas, Maria pressentia o que estava à sua espera e, exaltando a misericórdia de Deus, fiel ao seu povo de geração em geração, exprimia a pronta adesão ao seu desígnio de salvação; expressava de modo especial o seu sim ao evento central daquele projeto, o sacrifício daquele Menino que ela trazia no seio. Como Abraão, aceitou o sacrifício do Filho. Em Maria humanamente se abre um horizonte de graça, o qual da Encarnação irromperá em força total graça e salvação, desígnios outrora esperados e que agora concretamente se realizarão, num futuro que não cessa. Futuro de reencontro do homem com o sagrado, no único e definitivo mediador: Cristo.

Em Maria, para o povo de Deus, tornar-se-á, evidente que esse povo pode unir-se a Ela, a Virgem filha de Sião, para proclamar que Deus se recordou da sua misericórdia em favor de seu povo, “conforme prometera aos nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência para sempre”. (cf. Lc 1,55).

Na realidade, a Trindade se revela ao humano em Maria. Podemos ver isso na narração do evangelista Lucas, precisamente à luz da Trindade, a alegria da Trindade torna-se presente no tempo e no espaço, e encontra a sua epifania mais alta em Jesus, na sua Encarnação e na sua história. A concepção de Cristo é lida por Lucas precisamente à luz da Trindade: são as palavras dirigidas a Maria e pronunciadas no interior da modesta casa da aldeia de Nazaré. No anúncio do arcanjo Gabriel manifesta-se a transcendente presença divina: o Senhor Deus – através de Maria e na linha da descendência de David – dá ao mundo o Seu Filho: “Hás de conceber em teu seio e dar à luz um Filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dar-lhe-á o trono de seu pai Davi”. (cf. Lc 1,31-32).

Aqui o valor do termo “filho” é dúplice, porque em Cristo se unem intimamente o vínculo filial com o Pai celeste e com a mãe terrena. Mas na Encarnação participa também o Espírito Santo, e é precisamente a sua intervenção que torna aquela geração única e irrepetível: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há de chamar-se Filho de Deus” (cf. Lc 1,35). As palavras que o arcanjo proclama são como que um pequeno credo, que esclarece a identidade de Cristo em relação às outras Pessoas da Trindade. É a fé coral da Igreja, que Lucas já põe nos exórdios do tempo da plenitude salvífica: Cristo é o Filho do Deus

Altíssimo, o Grande, o Santo, o Rei, o Eterno, cuja geração na carne é realizada por obra do Espírito Santo. Por isso, como dirá João na sua Primeira Carta, “todo aquele que nega o Filho, também não reconhece o Pai; aquele que confessa o Filho reconhece o Pai” (2,23).

No centro de nossa fé está a Encarnação, na qual se revelam a glória da Trindade e o seu amor por nós: “E o Verbo fez-se homem e habitou entre nós, e nós vimos sua glória” (Jo 1,14). “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único” (Jo 3,16). Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em ter enviado o Seu Filho ao mundo, para que, por ele, vivamos (1Jo 4,9). Através destas palavras dos escritos joaninos conseguimos compreender que a Revelação da glória trinitária na Encarnação não é uma simples iluminação que afasta as trevas durante um instante, mas uma semente de vida divina depositada para sempre no mundo e no coração dos homens.

Emblemática neste sentido é uma declaração do apóstolo Paulo na Carta aos Gálatas: “Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, sujeito a Lei, para resgatar os que se encontravam sob o jugo da Lei e para que recebêssemos a adoção filial. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama: Abba! Pai”. Portanto, “já não és servo, mas filho; e se és filho, também és herdeiro pela graça de Deus” (4,4-7: cf. Rm 8,15-17). Desse modo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão presentes e agem na Encarnação para nos envolver na sua própria vida, a fim de nos redimir.

O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se nunca lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele jamais participa vivamente. E por isto precisamente Cristo Redentor, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da Redenção. Nesta dimensão do mistério da redenção o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade. No mistério da redenção o homem é novamente “reproduzido” e, de algum modo, é novamente criado. Ele é novamente criado! (RH 10).

Por que ele se encarnou? Para nos arrancar do poder das trevas, do domínio do Maligno e nos transportar para o Reino da Luz, por isso, o povo que andava nas trevas viu uma grande luz, essa Luz será o Ressuscitado dentre os mortos!

Se no Antigo Testamento tudo gerava em torno dessa expectativa: Do reino e do rei que viriam, devemos lembrar que pesava sobre o povo a sua infidelidade advinda do pecado. A violência do pecado encerra sempre a morte, uma morte que vem literalmente por desgraça. A árvore plantada no meio do paraíso passa a produzir frutos de morte, porque o homem está escravo do pecado, por isso, essa esperança por vezes desfalecia!

1.3.2 A Encarnação e a Paixão como desígnios trinitários

O Mistério da Encarnação se une ao da Paixão⁴⁰, pois será a entrega da vida, do Autor da Vida!⁴¹

Da vida, que vem do madeiro, árvore plantada no jardim do sofrimento, no monte calvário, a Cruz. Essa nova árvore está posta como sinal visível de que somente Aquele que dá a vida vai recebê-la, é o grão de trigo, o qual, não caindo na terra não produzirá mais vida. Em Cristo encontramos a árvore da vida! Seu fruto é o domínio sobre o Maligno, uma batalha contra a morte, porém na batalha contra a morte, Ele sai vitorioso. O mal não tem mais domínio sobre nós, a morte foi vencida! Ele veio para reconciliar em si todas as coisas!

O Verbo se fez carne para salvar-nos reconciliando-nos com Deus. Doente, a nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem, era preciso no-la restituir. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos a luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus ao ponto de fazê-lo descer até a nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade se encontrava em um estado tão miserável e tão infeliz? Então, o Verbo se fez carne para que assim conhecêssemos o amor de Deus, pois só esse amor é capaz de libertar; se encarnou para ser nosso modelo de santidade, porque seu amor implica em oferta efetiva de si mesmo; Enfim se encarnou para tornar-nos participantes da natureza divina, eis nossa redenção, assumiu nossa natureza sendo Deus para nos fazer divinamente filhos (CEC 457-459).

Ao falarmos dessa oferta efetiva de si mesmo, voltamos à Paixão e Morte, as quais também vêm revelar que mesmo na cruz, Jesus manteve a estreita unidade com o Pai, vivendo-a em toda sua humanidade lacerada e sofredora, sem jamais perder a confiança de Filho que é “um” (Jo 10,30.38) com o Pai. Houve aquele silêncio misterioso do Pai, acompanhado pela escuridão cósmica e o forte grito: “Eli, Eli, lama sabactâni?” Isto é: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?”. A agonia agora é mais forte ainda que no Jardim das Oliveiras, onde o Filho chamará: “Abba, Pai! Tudo te é possível afasta de mim esse cálice! Contudo, “não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres” (Mc 14,36).

⁴⁰ Também desenvolve esse tema: JOÃO PAULO II. *Catequese*: a glória da Trindade na Paixão, n. 19.

⁴¹ “A literatura joânica nos revela a unidade absoluta entre a Cruz e a Ressurreição, unidas na ‘hora’ de Jesus. Esta ‘hora’ continua viva na Páscoa celeste e definitiva, na qual o Cordeiro preside a eterna liturgia. Aqui na terra, e durante o ‘ínterim’, a Igreja a celebra sacramentalmente. Como nos sinóticos, também em João, Cristo Ressuscitado confia a sacramentalidade da Igreja à missão dos discípulos, e a condução do rebanho ao Pastor primaz. João ressalta a morte sacrificial de Jesus por nossos pecados, cuja eficácia se estende à intercessão por nós como advogado perante o Pai”. (GONZÁLES, Carlos Ignacio. *Ele é a nossa Salvação*, p. 189).

Nessa hora das trevas, de escuridão, o que Jesus exclama é sintonia com o Pai, pois o salmo 22, citado por Jesus, se encerra num hino ao Senhor soberano do mundo e da história; e este aspecto é evidenciado na narração de Lucas, segundo o qual nas últimas palavras do Mestre morrendo na cruz temos uma luminosa citação sálmica, acrescida das suas últimas palavras, o que revela verdadeira oferta e sacrifício: “Pai, nas tuas mãos, entrego meu Espírito” (Lc 23,46 cf. Sl 31,6).

Neste diálogo constante entre o Pai e o Filho participa também o Espírito Santo. Na sua Paixão, de fato, Cristo abriu plenamente o seu ser humano angustiado à ação do Espírito Santo, e este lhe deu o impulso necessário para fazer da sua morte perfeita oferta do Pai (cf. Hb 9,14). Após ter seu peito transpassado, a água que corre do seu peito, (cf. Jo 19,34) é o dom prometido, (cf. Jo 7,37-39) é o Espírito. O Pai glorifica então o seu Filho, dando-lhe a capacidade de comunicar o Espírito a todos os homens. A Trindade se revela, também nesse dia de trevas e sofrimento.

Na morte de Jesus se vive, então, a plenitude do amor, do serviço e da solidariedade. Ele se entrega à morte na cruz como meta do caminho de sua existência. Cristo se oferece em sacrifício por todos, Filho obediente que encarna perante a justiça salvadora de seu Pai o clamor de libertação e redenção de todos os homens. Nela, a realidade do Reino de Deus, da salvação dos homens, da presença e da proximidade de Deus chega de maneira inesperada. “Mas essa morte, realizada em livre obediência e com total entrega a Deus, somente se consuma e se torna compreensível para nós por meio da ressurreição”⁴².

1.3.3 A Encarnação e a Ressurreição como desígnios trinitários

A Trindade, todavia se revela na Ressurreição⁴³ para mostrar que o itinerário da vida de Cristo não tem como meta a escuridão do sepulcro, mas o céu luminoso da Ressurreição, Páscoa! Glorificação!⁴⁴ Nesse acontecimento, e adjunto a ele, o Pentecostes.

Portanto na hora suprema da redenção o Pai e o Espírito estão unidos ao Filho. É o que Paulo afirma numa página particularmente elucidante da Carta aos Romanos, onde evoca a

⁴² cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 120.

⁴³ Também apresenta esse tema: JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na Ressurreição*, n. 20.

⁴⁴ Quando falamos de toda vida de Cristo estamos lembrando que segundo os Evangelhos, podemos determinar cinco momentos particulares nos quais encontramos na história de Jesus uma manifestação significativa de sua existência como revelador e revelação do amor e da misericórdia de Deus, ou seja, em que se nos apresenta como aquele que, em nome do Pai, vem comunicar o desígnio salvífico, revelar a realidade íntima de Deus, manifestar a vocação e grandeza do homem e realizar em sua pessoa o que anuncia: a salvação com a qual restaura a comunhão íntima de vida entre Deus e os homens. Estes cinco momentos são: o batismo, pregação, os milagres, a morte e a ressurreição. (cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 112).

Trindade precisamente em conexão com a ressurreição de Cristo e de todos nós: “Se o espírito d’ Aquele que ressuscitou a Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos, há de dar igualmente a vida aos vossos corpos mortais por meio do Seu Espírito que habita em vós” (8,11).

A condição para que se realize esta promessa é indicada pelo Apóstolo na mesma Carta: “Se confessares com a tua boca o Senhor Jesus e creres no teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10,9). A natureza trinitária do evento pascal corresponde o aspecto trinitário da profissão de fé. Com efeito, “ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ senão por influência do Espírito Santo” (1 Cor 12,3) e quem diz estará dizendo “para glória de Deus Pai” (Fl 2,11).

De acordo com as acepções anteriores, na Ressurreição despontam dois evidentes significados da vida de Cristo, e eles plenificam toda sua obra, sua Pessoa: ratificação da doação de Deus e Missão do Espírito Santo.

Deus se doa para que encontremos o sentido salvífico da morte em Cristo, onde passaremos à vida absoluta. E isso garante-nos que Cristo é o Absoluto sentido da vida. “Ressurreição e Glorificação pertencem ao ato decisivo da Revelação enquanto constituem elementos fundamentais para a credibilidade. O apóstolo Paulo o expressou muito bem ao afirmar que: se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou, logo a nossa pregação é inútil e a vossa fé também é inútil” (1Cor 15,13-14)⁴⁵.

Reportemo-nos para duas cenas⁴⁶: Jesus Cristo ressuscitado que aparece aos seus discípulos e lhes sopra o Espírito, como que antecipando o que se dará a toda Igreja, esse dom da Paz, (cf. Jo 20,19-23); depois quando da sua Ascensão, onde na plenitude dos seus poderes salvíficos ele confere à Igreja o mandato de anunciar o evangelho, de batizar e ensinar e viver segundo seus mandamentos. E é a Trindade que emerge naquelas palavras essenciais: Batizai todas as nações em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,16-20).

No quarto Evangelho a efusão do Espírito Santo é situada na mesma noite da Páscoa, intimamente ligada à Ressurreição. Em João, lê-se: “Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: ‘A paz esteja convosco!’. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os lado. Então, os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse-lhes novamente: ‘A paz esteja convosco! Assim como

⁴⁵ cf. ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 120.

⁴⁶ Também apresenta o tema de Pentecostes: JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade no Pentecostes*, n. 23.

o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós'. E tendo dito isto, Jesus soprou sobre eles, dizendo: 'Recebei o Espírito Santo. Os pecados daqueles que perdoardes, serão perdoados. Os pecados daqueles que não perdoardes, não serão perdoados'. (Jo 20,19-23).

A Glória da Trindade, também nessa tradição joanina resplandece do seguinte modo: no Cristo ressuscitado que se mostra no seu corpo glorioso, do Pai que se encontra na nascente da missão apostólica e do Espírito efundido como dádiva de Paz. Assim, cumpre-se a promessa que Cristo fez, entre aquelas mesmas paredes, no discurso de despedida aos discípulos, onde ele dissera que enviaria o advogado que os ajudaria a recordar todas as coisas (cf. Jo 14,26). A presença do Espírito na Igreja é destinada à remissão dos pecados, à recordação e à realização do Evangelho na vida, na atuação cada vez mais profunda da unidade no amor.

O sopro, como ato simbólico designa uma evocação do Sopro Criador que, depois de criar o homem com o pó da terra, lhe soprou nas narinas para lhe dar um sopro de vida. (cf. Gn 2,7). Cristo ressuscitado comunica outro sopro de vida, o Espírito Santo. A redenção é uma nova criação, obra divina na qual a Igreja é chamada a colaborar mediante o ministério da reconciliação.

A outra cena: Quando o Ressuscitado se revela aos apóstolos no alto da montanha, temos um solene evento de Revelação, reconhecimento e missão! O mandato de Cristo, de batizar, vem significar que está aberto de fato, o tempo da graça, da história salvífica de redenção, porque há um duplo aspecto no Mistério Pascal: pela sua morte Jesus nos liberta do pecado, pela sua Ressurreição ele nos abre as portas de uma nova vida. Esta é primeiramente a justificação que nos restitui a graça de Deus "a fim de que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos a vida nova" (cf. Rm 6,4). Esta consiste na vitória da morte sobre a morte do pecado e na nova participação na graça. Ela realiza a adoção filial, pois os homens se tornam irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama seus discípulos após a Ressurreição: "Ide anunciar aos meus irmãos" (cf. Mt 28,10; Jo 20,17). Irmãos não por natureza, mas por dom da graça, visto que esta filiação adotiva proporciona uma participação real na vida do Filho único, que se revelou plenamente na sua ressurreição. Finalmente a Ressurreição de Cristo – e o próprio Cristo ressuscitado – é o princípio e fonte da nossa Ressurreição futura: "Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram... assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida" (1Cor 15,20-22). Na expectativa desta realização, o Cristo ressuscitado vive no coração dos seus fiéis. Nele os cristãos "saboreiam o dom celeste" (Hb 6,5) e sua vida é atraída por Cristo ao seio da vida divina "a fim de que não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que

morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15) (CEC 654-655).

1.3.4 A Encarnação e o Pentecostes como desígnios trinitários

O Pentecostes, revelando a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade abrirá ao futuro de Deus, toda a humanidade, no qual ansiamos que se cumpram o novo céu e a nova terra, como prelúdio do que acontecerá; a Igreja nasce para ser a fonte límpida e clara, embora pelo nosso pecado se turve a água dessa fonte, Ela é sem dúvida o caminho à Jerusalém Celeste, desse modo, o Pentecostes é Vida à Igreja.

A Trindade toda está envolvida na irrupção do Espírito Santo, derramado sobre a primeira comunidade e sobre a Igreja de todos os tempos como selo da Nova Aliança anunciada pelos profetas (cf. Jr 31,31-34; Ez 36,24-27), a favor do testemunho e como fonte de unidade na pluralidade. Em virtude do Espírito Santo, os Apóstolos anunciam o Ressuscitado, e todos os fiéis, na diversidade das suas línguas e, por conseguinte das suas culturas e vicissitudes históricas professam a única fé no Senhor, “anunciando as maravilhas de Deus” (cf. At 2,11). A efusão do Espírito Santo assinala esse Pentecostes cristão, ou seja, demonstra até uma teofania, uma solene Revelação Divina, que nos seus símbolos leva-nos aquela experiência já no Antigo Testamento com Israel no Sinai (cf. Ex 19). O fragor, o vento e o fogo que evoca o fulgor exaltam a transcendência divina. Na realidade é o Pai que dá o Espírito, através da intervenção de Cristo glorificado. Pedro diz no seu discurso: “Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e comunicou-o: é o que vedes e ouvis” (At 2,33). No Pentecostes – revela-se a Trindade.

No dia de Pentecostes (no fim das sete semanas pascais), a Páscoa de Cristo se realiza na efusão do Espírito Santo, que é manifestado, dado e comunicado como Pessoa Divina: da sua plenitude, o Cristo, Senhor, derrama em profusão o Espírito. Neste dia é revelada plenamente a Santíssima Trindade. A partir deste dia, o Reino anunciado por Cristo está aberto aos que crêem nele; na humildade da carne e na fé, eles participam já da Comunhão da Santíssima Trindade. Pela sua vinda – e ela na cessa – o Espírito Santo faz o mundo entrar nos “últimos tempos”, o tempo da Igreja, o Reino já recebido em herança, mas ainda não consumado: vimos a verdadeira luz, recebemos o Espírito celeste, encontramos a verdadeira fé: adoramos a Trindade indivisível, pois foi ela quem nos salvou (CEC 731-732).

A partir da inferência acima: Missão, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo, revelam sua Glorificação, sua hora que irrompe para o universo num tempo Novo de

Graça e Salvação. Não há mais o que se revelar⁴⁷, a não ser no seguimento dos sinais dos tempos, acompanharmos as pegadas do Mestre, no caminho de sua convocação, na Morada da Trindade⁴⁸, ou seja, caminhando na estrada de Jesus, na sua Igreja.

1.4 A REVELAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DA TRINDADE NA IGREJA

A Igreja é o sinal mantenedor da Revelação, associados a Ela, congregados Nela estamos associados a Cristo. Há várias analogias para compreendermos a natureza íntima da Igreja, tomaremos mais a do “Templo Santo” e “Esposa sem mancha do cordeiro!”⁴⁹.

O Senhor Jesus, ao enviar em missão seus apóstolos, confirmando-os com o selo do Espírito revelado a eles em Pessoa, deu a toda Igreja seu fundamento e impulso. Ela é o prolongamento do desejo de comunhão que é sua sólida e constante busca, porque nela todos

⁴⁷ “Portanto temos a completa Revelação: Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus ultimamente, nesses nossos dias, por meio de seu Filho (Hb 1,1-2). Enviou o seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e explicar-lhes os segredos de Deus (cf. Jo 1,1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado ‘como homem aos homens’ ‘fala’ portanto ‘as palavras de Deus’ (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo 5,36; 17,4). Por isso ele, vendo o qual se vê também o Pai, (cf. Jo 14,9), com toda presença e manifestação de sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enfim com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa a Revelação completando-a, e confirma-a com um testemunho divino: o de termos Deus conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte, e para nos ressuscitar para a vida eterna. Portanto, a ‘economia’ cristã como nova e definitiva aliança, jamais passará, e não se há de esperar nenhuma outra Revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 6,14; Tt 2,13)”. (DV 5).

⁴⁸ Evidentemente, após todos os itens aqui colocados os quais, lêem a Revelação sob a ótica da Trindade devemos evidenciar que queríamos sempre apontar para essa dimensão trinitária da Revelação: “Não podemos deixar de lembrar também que a revelação divina, precisamente por ser cristológica, é necessariamente trinitária. Cristo é plenitude da revelação do mistério Trinitário. Ele foi enviado pelo Pai e age com poder do Espírito Santo. Por isso, ‘por Cristo, a Palavra feita carne, e com o Espírito Santo podem os homens chegar até o Pai e participar da natureza divina. Na revelação, é toda a Trindade que atua. O Pai envia o Filho (1Jo 4,9-10; Jo 3,16); dá testemunho em seu favor (Jo 10,25;5-36-37) e atrai todos os homens para o seu Filho por meio de uma força interior que põe no coração deles (Jo 6,44). O Filho, por sua vez, dá testemunho do amor do Pai (Jo 3,11) e o comunica aos homens, levando a termo a obra salvífica querida pelo Pai. O Espírito Santo é quem dá poder e eficácia às palavras de Jesus, ilumina a mente e sustenta a vontade dos homens para que se abram à compreensão e à acolhida da comunicação de Deus. De acordo com esses dados, temos de afirmar com toda segurança que a revelação cumprida em Cristo é ao mesmo tempo obra do Pai e do Espírito Santo.” (ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 111).

⁴⁹ “Templo Santo: que os antigos Padres exaltaram, representados pelos santuários de pedra, e que a liturgia com muita razão compara à Cidade Santa, a nova Jerusalém. ‘Nela somos como pedras vivas, edificados aqui na terra em templo espiritual’ (cf. 1Pd 2,5) e que João contempla na renovação final do mundo, a descer do céu, de junto de Deus, ‘pronta como uma esposa, que se enfeita para o marido’ (Ap 21,1s); Esposa sem mancha do Cordeiro imaculado (Ap 19,7;21,2,9;22,17). Cristo ‘amou-a e por ela se entregou, para santificá-la’ (Ef 5,26); associou-a a si por uma aliança indissolúvel; e incessantemente ‘a nutre e dela cuida’ (Ef 5,29); tendo-a purificado, a quis unida e sujeita a si no amor e na fidelidade (cf. Ef 5,24); enfim, cumulou-a para sempre de bens celestes para que compreendamos a caridade de Deus e de Cristo para conosco, que ultrapassa todo o conhecimento (cf. Ef 3,19). E LG 6e termina: enquanto, pois, nessa terra peregrina longe do seu Senhor (cf. 2Cor 5,6), considera-se exilada e assim busca e saboreia as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até aparecer refulgente na glória com o seu Esposo (cf. Cl 3,1-4)”. (cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Minha Igreja*, p. 30).

os povos são convocados a aderirem a Trindade Santa⁵⁰. Hora essa já chegada, porque Ele mesmo é que nos convoca através de sua Igreja, o Reino presente, mas ainda não consumado, se desenvolve.

Desde a Ascensão, o desígnio de Deus entrou na sua consumação. Já estamos na “última hora” (1Jo 2,18). Portanto, a era final do mundo já chegou para nós, e a renovação do mundo está irrevogavelmente adquirida e de um certo modo real já é antecipada nesta terra. Pois já na terra a Igreja é assinalada com a verdadeira santidade, embora imperfeita. O Reino de Cristo já manifesta sua presença pelos sinais milagrosos que acompanham o seu anúncio pela Igreja (CEC 670).

Nele, cabeça da Igreja que é o seu Corpo, nós crentes atraídos por Ele somos convocados a atrairmos para ele todo o mundo. A evangelização leva a Salvação e Graça de Deus por Cristo no Espírito, a todo o mundo, eis a nossa missão, por isso o Senhor mesmo constitui arautos do Evangelho os apóstolos e seus sucessores.

Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem se consuma toda Revelação do Deus Altíssimo (cf. 2 Cor 1,20; 3,16; 4,6), mandou aos apóstolos que o Evangelho, objeto da promessa outrora feita pelos profetas que ele veio cumprir, e que promulgou pessoalmente, eles o pregassem a todos, como fonte de toda verdade salutar e de toda regra moral, e assim, lhes comunicassem os dons divinos. Este mandato foi cumprido com fidelidade, quer pelos apóstolos, que na sua pregação oral, com os exemplos de vida e com as instituições, por eles criadas, transmitiram aquilo que ou tinham recebido dos lábios, do trato e das obras de Cristo, ou tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, quer ainda por aqueles apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação. Porém, para que o Evangelho se conservasse perenemente íntegro e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram como seus sucessores os bispos, “transmitindo-lhes a sua própria função de ensinar”. Portanto, esta Sagrada Tradição, e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos, são como que um espelho no qual a Igreja peregrina na terra, contempla a Deus, de quem tudo recebe, até chegar a vê-lo face a face tal qual ele é (cf. 1 Jo 3,2) (cf. DV 7).

A originalidade radical e insuperável do acontecimento da Revelação se encontra em Cristo e a Igreja quer evidenciar isso ao mundo, a isso chamaremos Transmissão da

⁵⁰ Também temos o tema em: JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na vida da Igreja*, n. 25.

Revelação Divina⁵¹, não é algo que está no passado, porém há uma constante ação de Deus em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo, na Igreja. Por isso, de tal modo que é essa mesma presença salvífica que interpela o homem, pois quando Jesus Ressuscitado entregou seu Espírito à comunidade viva da Igreja, não foi para revelar nenhuma novidade, mas para fazer que se chegue a um aprofundamento e a uma atualização de Cristo no hoje de cada época.

A Igreja dessa forma busca no depósito da verdade⁵², fruto da revelação de Deus em Jesus Cristo, transmitir: o que ela atualiza através de sua pregação e obra, fiel e dinamicamente, na sua missão⁵³, que é anunciar o mesmo Cristo de ontem, hoje e sempre. Interpelando o homem a responder, (descobrir sua real vocação), mudar de vida (conversão constante e radical), e a agir de maneira nova! (deixar-se envolver pela Graça – Sacramentos)⁵⁴.

Evidencia-se, portanto aqui as expressões da Tradição de maneira sempre vital acompanhando o peregrinar da Igreja até o retorno do seu Senhor: A liturgia como expressão da vitalidade da Igreja em seu louvor a Deus, em sua comunhão santa com ele; sendo como que a voz da Igreja a liturgia que ama e ora, mas também canta e pratica numa celebração

⁵¹ “A tradição eclesiástica é a forma como a Tradição apostólica prolonga sua vida na existência no âmbito da Igreja. Há certamente continuidade entre uma e outra, mas não são a mesma coisa, uma vez que a tradição eclesiástica é uma tradição continuadora da que os Apóstolos confiaram à Igreja, enquanto a Tradição divino-apostólica é constitutiva original”. (ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 180).

⁵² “A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja; mantendo-se fiel a este depósito, todo povo santo, unido aos seus Pastores persevera assiduamente na doutrina dos apóstolos, na união fraterna, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42), de tal modo que, conservando, praticando e professando a fé transmitida, haja singular unidade de espírito entre pastores e os fiéis. Porém, o múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, só foi confiado ao magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este Magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, ouve a palavra de Deus com amor, a guarda com todo cuidado e a expõe fielmente, e neste depósito único da fé encontra tudo quanto propõe para se crer como divinamente revelado. É claro, portanto, que a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo plano de Deus, estão de tal maneira ligados e unidos que uma coisa sem as outras não se mantém, mas juntas, cada uma a seu modo, sob a ação de um só Espírito Santo, colaboram eficazmente para a salvação das almas”. (DV 10).

⁵³ “E assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até a consumação dos tempos. Por isso, os apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que mantenham as tradições que aprenderam quer por palavras quer por escrito (cf. 2Ts 2,15), e a que lutem pela fé, recebida uma vez para sempre (cf. Jd 3). Ora estas tradições, recebidas dos apóstolos, abrangem tudo quanto contribui para a santidade de vida do povo de Deus e para o aumento da fé; assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela própria é e tudo aquilo que ela acredita. (...)” (DV 8).

⁵⁴ “O que a Igreja transmite é a parádosis divino-apostólica, que não é somente palavra, mas também sacramento. Isso decorre do fato de que a Tradição de Cristo é dupla: ele nos ‘entrega’ as palavras e o mistério do Pai e ‘se entrega’ por nós na cruz. Do mesmo modo, a recepção da Tradição é dupla: escuta-se a palavra de Cristo e Ele habita no cristão, ou seja, há uma tradição verbal e uma tradição real. A parádosis divina, enquanto tem em Cristo seu portador, continua sendo transmitida através do anúncio do Evangelho; enquanto tem Cristo como objeto, continua através da administração dos sacramentos. Todavia, deve-se levar em conta que não há tradição ‘real’ sem tradição ‘verbal’ (fórmulas sacramentais); como também não há verdadeira tradição ‘verbal’ sem um efeito ‘real’ (fé e graça, ou endurecimento do coração)”. (ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 181).

viva os mistérios de seu Senhor; Ocupam lugar importante, também os Padres da Igreja, entre eles, os autores das escrituras, os santos Padres, os Concílios, os Papas, em uma palavra todas as autoridades normativas que deram à tradição eclesial seus traços característicos; Os próprios cristãos na busca de vida santa; e por fim o Magistério que tem a tarefa específica em função da transmissão e da interpretação do dado revelado.

O anúncio do Evangelho nesse sentido de transmissão da Revelação deverá passar a ser entendido então, não como um ato individual e particular, mas profundamente eclesial. Ele é exercido como um ato de Igreja, como uma participação da missão que o Senhor confiou a seu Povo e que se realiza em seu nome, uma vez que a revelação total cumprida em Jesus Cristo e o dom da fé foram confiados à Igreja.

A partir disso, a Igreja que é na sua essência missionária, também é uma comunidade profética com a dupla tarefa de escutar e proclamar a Palavra de Deus, isto é, de receber a mensagem de salvação revelada em Jesus Cristo com plena submissão e firmeza do ato de fé. E, por sua vez, de torná-lo eficazmente presente no mundo, cada qual segundo o lugar e função própria dentro do Povo de Deus, mas a serviço de uma missão que é comum a todos os membros da comunidade dos crentes (cf. LG 17).

A guisa de conclusão ainda deveremos ressaltar que: na sua peregrinação rumo à plena comunhão do amor com Deus, a Igreja apresenta-se como um povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o que introduz-nos no mistério da Igreja, que a presença de Deus Trindade transformou em comunidade de salvação. Com o antigo povo de Deus, ela é guiada no seu novo Êxodo pela coluna de nuvem durante o dia e pela coluna de fogo durante a noite, símbolos da constante presença divina. Neste horizonte podemos contemplar a glória da Trindade, que torna a Igreja una, santa, católica e apostólica, a qual é o povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. E, essas três imagens bíblicas indicam de maneira luminosa a dimensão trinitária da Igreja. Nessa dimensão encontram-se todos os discípulos de Cristo, chamados a vivê-la de modo cada vez mais profundo e com uma comunhão sempre mais viva.

A Igreja por sua vez manifestará a grandiosa epifania da glória trinitária, sendo o lugar onde se concentra ao máximo a ação do Pai, que na força do Espírito de Amor busca solícito os homens para compartilhar com eles, em gesto de indizível ternura, a sua própria vida trinitária; é o reino acontecendo.

A Igreja visível recebeu por missão anunciar e instaurar a *Basiléia* em todos os povos. Ela, evidentemente, não é a *Basiléia*, mas seu sinal e sacramento; enfim, “aprouve a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão de uns com os outros,

mas constituí-los num povo, que o conhecesse na verdade e santamente o servisse” (LG 9).

A expressão “povo de Deus” recebe seu específico significado, comunidade, referência constitutiva ao mistério trinitário que é perfeita comunidade, e se apresenta como ‘comunidade de fé, de esperança e de caridade (LG 8), da qual a Eucaristia é a fonte. A união íntima de cada fiel com seu Senhor, bem como a união dos fiéis entre si constituem o fruto indivisível da ativa participação com a Igreja e transformam a inteira existência dos cristãos em culto espiritual. Esta dimensão comunitária é essencial à Igreja para que nela a fé, a esperança e a caridade possam ser exercidas e comunicadas, enraizadas no coração de todos os fiéis e se realizem também no plano comunitário, objetivo e institucional⁵⁵.

Portanto, “eis a tenda de Deus com os homens” (cf. Ap 21,3), o que vem significar que a Igreja e todo o cosmos estão a caminho da consumação, um caráter já realizado e outro esperado, caminho que nos remete à renovação de todas as coisas, à recapitulação de todas as coisas, na celebração das bodas do cordeiro, onde o cosmos todo participa dessa alegria, o nosso olhar se lança ao futuro definitivo que virá ao nosso encontro o Reino definitivo na sua forma consumada, e de fato, podemos replicar todo esse item na fórmula: A Revelação como manifestação da Trindade na Jerusalém Celeste.

⁵⁵ cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Minha Igreja*, p. 26.

2 O SENTIDO VERDADEIRO E PLENO DA EXISTÊNCIA

2.1 O HOMEM EM BUSCA DE REALIZAÇÃO

O desejo mais profundo do homem é o de realizar-se! Impera no seu ser o desejo de realização. O que desponta de um imperativo na filosofia: Conhece-te a ti mesmo! Porque para realizar-se é preciso ser, e ser o que se é. Mas, o que sou, na verdade, quem é o homem?

Nesse sentido, a Antropologia Filosófica é irrevogavelmente socrática. Ela não é um saber sobre o sujeito, mas deve ser um saber do sujeito, vem a ser um saber especificado pela intenção do homem – do filósofo como interprete da humanidade – de conhecer-se formalmente como sujeito. Assim, o ato do conhecimento filosófico – da experiência e de sua expressão discursiva – é, na Antropologia Filosófica, a atualização de um saber de si mesmo – um dar razão de si mesmo – que é constitutivo do homem como homem e o distingue da coisa, da planta, do animal⁵⁶.

Assim desde os primórdios da humanidade, essa angústia⁵⁷ (questão) nos acompanha, sendo a questão principal da Antropologia Filosófica, (coração da Antropologia Filosófica). Também, uma pergunta que o homem faz-se a si mesmo: Quem sou?

O “quem sou?” torna-se uma pergunta que nos direciona para nossa própria autocompreensão, uma pergunta que se enraíza no ádito de nosso ser.

Com efeito, a compreensão filosófica é uma autocompreensão do homem, na qual, sujeito e objeto se entrecruzam epistemologicamente, pois o que é nela tematizado ou objetivado é justamente o conteúdo ontológico no qual está a resposta à pergunta sobre a possibilidade radical do sujeito como sujeito: o que é o homem? A própria formulação dessa pergunta faz emergir a subjetividade, tematizada como tal no próprio coração da compreensão filosófica. Por isso ela é uma autocompreensão⁵⁸.

A Antropologia Teológica absorverá na Revelação esse questionamento com uma

⁵⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 161.

⁵⁷ Kierkegaard, o demonstra desse modo: “Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem de uma doença, o homem traz latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna. E de qualquer maneira jamais alguém viveu ou vive, fora da cristandade se não for um verdadeiro cristão; pois que, a menos de o ser integralmente, nele já subsiste sempre um grão de desespero”. (KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Os pensadores*, p. 203).

⁵⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 160.

resposta completa, mas antes, buscaremos seu fundamento, para depois elucidarmos tal absorção.

Ao colocar-se em busca de respostas, inicialmente pela capacidade reflexiva, será de grande valia, portanto a ajuda da Antropologia Filosófica, porque é isso que ela busca: desvendar e esmiuçar a inquietante pergunta que sempre é um desafio, e isso se fará levando em conta o dado ontológico e metafísico, imprescindíveis a uma resposta.

Ao falar da categoria da existência através da pergunta: “Quem é o homem?”, nos remetemos à existência, ao nosso próprio existir, emergindo de nossa subjetividade o desejo da resposta à interrogação, sinal que é uma necessidade ontológica dar sentido, razões de nossa existência. E, isso é na verdade desejo de realização.

Tratarmos da existência é tratarmos da Categoria da Realização.

O primeiro elemento dessa categoria é base estrutural do ser humano, constituído como homem, através das categorias corpo, psique e espírito, que estruturado e existente, é lançado à aventura de viver única e exclusivamente sua vida, concomitantemente situado num espaço e tempo; o qual também é relacional, o que abarca toda a gama relacional, realidade propriamente humana e transcendente, em que se desenvolve sua existência. Lembrando que, cortada qualquer uma das relações, ficará abalada sua existência, e, até possível de ser desfeita, no sentido propriamente do ser ou não ser.

Finalmente é no nível estrutural do espírito, sendo ele o nível no qual a tarefa da autorealização unificante alcança as camadas mais profundas do nosso ser e se apresenta como tarefa na qual se decide o sentido da própria existência, que o risco da perda da unidade põe a descoberto as raízes ontológicas da “*isecuritas*” humana. Com efeito, se admitirmos, como procuramos mostrar na elaboração de transcendência, que o ser-para do homem encontra seu ápice e define-se da maneira mais abrangente como ser-para-verdade, ser-para-o-bem e ser-para-o-Absoluto, podemos entender que será no nível do espírito que o movimento de autorealização – de unificação – do homem se submeterá à medida da verdade, à norma do bem e à exigência do Absoluto: ele será, então, um movimento propriamente ontológico de ser ou não ser na ordem do sentido⁵⁹.

A partir disso notemos que a Categoria da Realização é de fato dinâmica e dramática (o que aprofundaremos no próximo item).

A complexidade das relações nos faz entender que, a congruência do sentido da vida com a categoria da realização, dentro do dinamismo e dramaticidade da existência, opera o desejo de descobrir-se, situar-se e realizar-se, o que é sintetizado sob a égide da realização.

⁵⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 147.

O homem para realizar-se necessita conhecer-se antes de tudo, sintetizando, poderíamos dizer que ele mesmo necessita plasmar essa unidade de vida, seja objetiva, subjetiva e intersubjetivamente, percebendo-se como finito, contudo aberto ao infinito.

Perguntemo-nos: para onde lança o olhar a pessoa que quer realizar-se?

O ser humano para realizar-se olha para o Absoluto – a beleza, a unidade, a verdade a bondade. Olha para esses elementos porque são aspirações profundas de seu ser que, passo a passo, serão adquiridas através da construção de sua vida. Antes as palavras chaves eram: “Conhece-te a ti mesmo”, agora poderíamos acrescentar mais algumas: “Torna-te o que és”; portanto, a vida é uma tarefa a ser cumprida, ao desvendar-se o que o ser é.

Ainda devemos ressaltar que além do somático e do psíquico está o espírito, não mais importante ou menos importante, mas aqui visto como unificador e indicador do que cada ser humano busca⁶⁰. Porque com essa categoria, elevamos o homem à idéia de Ser, compreendido com suas propriedades transcendentais: Unidade, Verdade, Beleza e Bondade. Esta elevação constitui o elo entre a Antropologia e a Metafísica.

No seu movimento para a transcendência, o sujeito é, na verdade, participação no mais íntimo de seu ser da infinita generosidade do Absoluto. Esta generosidade infinita é a outra face do infinito excesso ontológico do Absoluto que está presente, como princípio e fonte do ser, nas raízes do ato de existir do sujeito. Desta sorte, o sujeito existe como ser-para-Verdade, ser-para-o-Bem: ser para a Transcendência⁶¹.

Dizemos isto para mostrarmos que, adentrando a unidade mais profunda do homem, no movimento do espírito, o homem descobre-se como ser capaz de ir além de si mesmo, e é no nível do espírito que ele percebe-se portador de uma “atualidade infinita de ser” e participante do infinito. Deste modo, abre-se à transcendência, no nível ontológico e metafísico.

A categoria da Realização é, pois o homem direcionado à essa experiência transcendental, a busca da transcendência, pois o ser não se esgota em si mesmo, mas tende

⁶⁰ O espírito faz do ser humano um ser único, por ser capaz de transcendência: “O espírito é segundo a terminologia clássica, uma *perfectio simplex*: em si mesmo, autoridade infinita de ser. Por isso mesmo, é pelo espírito que o homem participa do Infinito ou tem indelevelmente gravada no seu ser a marca do Infinito. Se a noção de espírito transcende os limites da conceptualidade antropológica é claro que a sua atribuição ao homem só é possível segundo a analogia de atribuição, na qual o *príncipes analogatum* é o Espírito Infinito Absoluto e o espírito, no homem, é um *analogatum inferius*. Portanto, é na sua estrutura espiritual ou noético-pneumática que o homem se mostra um ser de fronteira, passando por ele a linha do horizonte que divide o espírito e a matéria, segundo a comparação clássica que Tomas de Aquino tornou célebre”. (VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 202).

⁶¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. II*, p. 96.

sempre para além de si. O que diremos, filosoficamente, que é uma ânsia pelo Infinito Absoluto.

O espírito, pois sendo abertura transcendental ao ser é, no ritmo mais profundo de sua vida, inteligência e amor. Ainda segundo o espírito se mostra, assim, estruturalmente orientada para seus atos supremos e essa orientação pode ser considerado um vetor ontológico do espírito que subsiste imutável na sua direção⁶².

Então, o espírito não é oposição à vida, mas sua realização suprema, o homem em busca de realização percorre um itinerário de busca constante, desvela-se nele esse desejo, para ser o que ele é.

O espírito atesta a plenitude da vida, e eis por que o ato espiritual no nosso ser perfaz-se num plano transtemporal do ser que, em si, não está sujeito ao vir-a-ser, ao começo e ao fim das coisas do tempo. A incompletude e imperfeição do ato espiritual no nosso espírito finito não apontam para incompletude e imperfeição que é inferior – das coisas sujeitas ao fluir do tempo –, mas para a plenitude e perfeição do Espírito Infinito, cuja presença abre, no cerne mais íntimo do espírito finito – interior íntimo – a ferida de uma indigência essencial que espera e apela pelo dom de uma vida divina⁶³.

Portanto, o homem em busca de realização está em busca de ver curada essa “ferida”, ou seja, ele carece de encontrar-se com seu fim último. Se nele, estão gravadas as marcas do Absoluto, ele possui esse desejo ardente, pois como havíamos dito, quando nos referimos ao desejo de ser, estamos nos referindo ao desejo do homem por mais Bem, Verdade, Beleza e Unidade, que em nível superior não encontra em si mesmo. Estas marcas estão gravadas na sua imanência, embora constitutivas de sua essência. Esta experiência de exauri-las não está em si mesmo, não a fará em relação com o mundo, com o outro nem consigo mesmo, mas na participação do Absoluto, onde a inteligência se faz dom à Verdade que é seu bem, e o Amor se faz visão do Bem que é sua Verdade⁶⁴. Onde o Amor converte-se no fim último do homem, porque “a finitude humana eleva-se à infinitude do Ser, da Verdade, do Bem: de Deus.

⁶² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 243.

⁶³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. I*, p. 242.

⁶⁴ Aqui cabe a citação na sua forma íntegra para elucidar novamente a questão espiritual e transcendente: “O espírito, pois, sendo abertura transcendental ao ser é, no ritmo mais profundo da sua vida, inteligência e amor. A vida segundo o espírito se mostra assim, estruturalmente orientada para seus atos supremos essa orientação pode ser considerada um vetor ontológico do espírito que subsiste imutável na sua direção (...). Assim, inteligência espiritual e amor espiritual se entrelaçam na unidade do apex mentis, o cimo mais alto da vida do espírito, onde inteligência se faz dom à verdade que é seu bem, e o amor se faz visão do bem que é sua verdade”. (VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol I*, p. 243).

“Capax entis, o homem mostra-se capax Dei”⁶⁵.

2.2 DINAMICIDADE E DRAMATICIDADE DA REALIZAÇÃO

A dinamicidade da Realização implica em buscar permanentemente por ser integralmente o que o ser é! O eu pleno, há nisso uma estaticidade, a partir de sua estrutura e relações, mas também uma dinamicidade, pois de sua finitude ele almeja a infinitude. Assim, estamos dentro da busca do sentido da existência. Saber o sentido, buscar pelo sentido, vai para além do – Quem sou? Remete-nos para questões como: de onde vim? Para que existo? Para onde vou? É buscar o motivo, a razão pela qual algo se realiza.

Este algo, trataremos aqui como a própria vida humana, que só se plenifica através da autorealização. É o mesmo que dizer que o homem só chega à plenitude de seu ser autorealizando-se, o que só ele poderá fazer.

Por conseguinte, os atos que traçam o itinerário de uma vida que se realiza são os atos que procedem do homem pensado na integralidade da sua estrutura e tendo diante de si o horizonte inteiramente aberto das suas relações fundamentais. Cada um desses atos será, portanto, a efetivação existencial da unidade do sujeito ou da síntese dinâmica entre estrutura e relação, os atos que se inscrevem no âmbito formal da categoria da realização procedem do sujeito que se exprime a si mesmo como plasmador da própria unidade⁶⁶.

Assim, podemos perceber que de fato a realização implica num fazer-se constante, ela não nasce pronta, além disso, é bastante complexa.

Percebemos que a vida, ou seja, o ser humano, portanto, está constantemente buscando um sentido para viver, e este sentido é o que pode preencher seu coração, oferecendo-lhe razões para viver. Vale a pena viver quando temos sentido, razões para isto. De que modo se constitui nossa vida, se não na busca de sua plena realização. Será isso possível?

Será possível, a partir do momento que se compreende a dinamicidade da realização: ela é a busca de ir sempre além do que já existe, do que já possuímos, é traçar objetivos e delinear metas para serem alcançadas. Ela é também uma espécie de utopia, algo de irrealizável, pois implica num movimento incessante o que chamamos de dinamicidade. Algo que é alcançado progressivamente.

⁶⁵ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol.II*, p. 123.

⁶⁶ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. I e II*, p.145.

A categoria da realização deve mostrar exatamente os caminhos através dos quais a unidade estrutural do homem se cumpre efetivamente nas formas de relação com que ele se abre às grandes regiões do ser que circunscrevem o lugar ontológico da sua situação e da sua finitude. Sendo uno como ser-em-si (substância ou ousía), o homem deve realizar essa unidade como ser-para-si, ou como existente para o qual existir é viver a unificação progressiva de seu ser⁶⁷.

Cabe dizer que a realização é um processo para toda a vida, um desafio, onde por si, o homem buscará conquistar sua realização, no sentido de ser singular e único: então, a realização é uma porta que só se abre de dentro para fora, ninguém poderá abri-la de outro modo, a não ser dentro do movimento dinâmico que implica, portanto, o eu mesmo, buscar a maneira para abrir essa porta.

O homem busca tornar-se o que de fato ele é. E, desse modo conclui, percebendo três experiências, as quais lhe darão o tornar-se, são elas:

a) a de que a vida apresenta-se para o homem como tarefa (érgon) que ele deve inelutavelmente cumprir; b) a de que essa tarefa não é predeterminada pela natureza nem por nenhuma força que nos seja exterior: sua execução não procede de uma vis a tergo que fatalmente venha impelir-nos numa só direção, mas desenrola-se a partir de nós mesmos e orienta-se para um fim que nos cabe livremente escolher; c) finalmente, a de que a necessidade de escolha desse fim e, por conseguinte, da vida que lhe corresponde, colocam-nos continuamente em face da imensa, variada e incessante procissão de “modelos” que nos são oferecidos pela tradição cultural e ética da comunidade humana na qual vivemos⁶⁸.

Estamos diante do desafio da existência, onde nos aparecem estes dilemas, o que escolher: virtudes ou vícios, vida ou morte?

Notícias de violência, das mais variadas espécies, nos angustiam, acontecimentos dramáticos nos assombram, acidentes nos sensibilizam, tragédias nos entristecem, a criminalidade nos aterroriza, a incerteza nos atemoriza, porque algo sempre nos espreita, a insegurança, a qual faz nos questionarmos: Onde e quando estamos seguros?

Eis que passamos a dramaticidade. A tensão de não nos realizarmos de perder o que se é, a própria vida por uma má escolha, visto que o homem, nesse nível filosófico, é a escolha que faz de si mesmo, portanto, ser ou não ser? Onde está a nossa segurança?

Há segurança? Não! Por hora, estamos tranquilos! Tranquilidade? Sim, existe, ela é essa sensação de bem estar, que dentro dos acontecimentos do cotidiano nos deixam felizes,

⁶⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. I e II*, p.144.

⁶⁸ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. II*, p.154.

visto que a felicidade não está em procuras pelo que não temos, mas na alegria daquilo que temos. Contudo, tudo é provisório, e essa é a raiz da angústia humana, sabemos que somos frágeis, que tudo é contingente, ou seja, que estamos sujeitos as intempéries do tempo, do construído que se desconstrói, do sadio que adoece, do limpo que se suja, do nobre que se empobrece, da vida que morre e do seguro que se torna inseguro!

O que existe é a nossa constante busca por realização – segurança, essa linha harmoniosa, dentro do tempo, (o qual está a passar) a qual, vai costurando acontecimentos bons e ruins, a qual vai tecendo a existência, dando forma à segurança, e arrematando, dia após dia, o ser feliz! Arrebrantar essa linha ou partir esse fio nos traz conseqüências!

Arrebrantado esse fio, desvela-se um pouco do que somos, tranqüilos enquanto a insegurança não nos assalta, intranqüilos, porque temerosos de perdermos o que nos faz bem existir: a nossa segurança! Vivemos assim, dentro dessa dinamicidade e dramaticidade. Pois nada é totalmente seguro, nenhuma força humana, nenhum governo, enfim, nenhum de nós, eis o drama da existência!

Uma das experiências mais constantes e mais profundas do homem é a de que a realização da própria vida, sendo para ele um desafio permanente, é, ao mesmo tempo, uma tarefa nunca acabada: é o risco de ser ou não-ser, não no domínio do existir simplesmente, mas no domínio do sentido da vida, no qual a sua existência está lançada como existência propriamente humana e que se desenrola sob o signo da inseguritas. Nenhuma frustração maior e mais penosa para o homem do que aquela que nasce da sensação de uma vida não realizada, da dispersão e da perda de tempo da vida que não foi realizada pela linha harmoniosa de um crescimento sempre mais unificante⁶⁹.

A grandeza da realização estará, portanto, em fazer o homem buscar o fim último de sua vida, do sentido de seu viver, o que já elencamos como vetor metafísico, e, enquanto vivendo na finitude e situação, não poderemos alcançá-lo por inteiro, é a sua ânsia pelo Absoluto que o move para o: realizar-se.

Segundo a máxima profunda da sabedoria grega, o homem deve tornar-se o que é. Píndaro, o anuncia assim: (...) “torna-te o que és, tendo-o apreendido” (...). Mas, do ponto de vista da fé cristã, esta injunção vem acompanhada de um paradoxo: o homem não pode tornar-se plenamente o que ele é, porque não é senhor da primeira palavra que desvenda as profundidades misteriosas do seu ser nem da última palavra sobre o que ele será. Essas palavras são vindas de alhures, como palavras de Revelação: palavras de graça, sobre as quais a natureza não estende seu domínio⁷⁰.

⁶⁹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. II*, p. 146.

⁷⁰ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica. Vol. I*, p. 237.

Portanto, chegamos à Revelação, à Religiosidade, ao Cristianismo, à Igreja de Cristo na busca de uma resposta mais exauriente, porque mesmo o homem sendo capaz dessa busca livre e pessoal do divino, ele mesmo é um mistério que coloca-se diante do Mistério maior, com o qual necessita encontrar-se para encontrar-se a si mesmo, por isso, partimos para o encontro: o encontro do homem com o Realizador.

2.3 O ENCONTRO DO HOMEM COM O REALIZADOR

O homem que não encontra nele a primeira palavra e nem a última a respeito da sua própria vida, percebe-se finito e limitado, e assim, abre-se à dimensão da transcendência, uma necessidade natural e de ânsia por realizar-se. Onde encontrar a resposta? A “ferida está aberta”; a qual já fora descrita, como algo realmente perturbador e angustiante, como nada pior para o ser humano do que viver sob o signo da insegurança.

O balsamo da vida, capaz de curar essa ferida, onde está? Evidentemente a desfiguração daquilo que o homem deve tornar-se não lhe advém somente de uma postura totalmente ética, enfim de encontro com a bondade; ou da procura racional em equalizar todos os problemas a partir de uma saudável convivência e distribuição de bens, beleza total da criação; de encontrar no cientificismo o prolongamento da vida; e muito menos, de um olhar excessivamente voltado à imanência da realidade que o circunscreve, fazendo de sua verdade religiosa um fanatismo, uma unidade de vida plena no em si da própria vida. Então, de onde virá a resposta, de onde virá esse bálsamo?

Quem desvelará essa primeira e última palavra? Como se completará nele o desejo de unidade, verdade, bondade e beleza?

O homem abre-se a Deus⁷¹. Naturalmente há um desígnio que se cumpre nesse tempo e espaço, no âmago de sua vida. São as palavras que lhe veem alhures da Revelação.

O homem: com sua abertura à verdade e à beleza, com seu senso de bem moral, com a sua liberdade e a sua voz da consciência, com a sua aspiração ao infinito e à felicidade, o homem se interroga sobre a existência de Deus.

⁷¹ Cabe dizer, ao abrir-se para Deus o homem encontrará todas as respostas e a verdadeira felicidade, porque sua felicidade, será à consumação em última análise: “O homem uno e concreto está, pois realizado plena e consumadamente, quando está realizado em Deus como espírito concreto, como homem corporal; a isso se pode chamar de validade definitiva da sua história pessoal e validade definitiva de sua realidade corpórea e coletiva de homem uno e concreto, pode-se chamar, portanto, de beatitude da alma e de ressurreição da carne. As duas afirmações sempre se referem em última análise ao homem uno e inteiro. Uma não pode reduzir-se à outra. E ambas não podem ser divididas com a finalidade de dizer realidades distintas, como também não se podem transcender e como que se dissolver em afirmação superior”. (RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé*, p.503).

Nestas aberturas percebe sinais da sua alma espiritual. Como “semente de eternidade que leva dentro de si, irreduzível à só matéria”, sua alma não pode ter sua origem senão em Deus. O mundo e o homem atestam que não têm em si mesmos nem o seu princípio primeiro nem o seu fim último, mas que participam do Ser em si, que é sem origem e sem fim. Assim, por diversas “vias”, o homem pode aceder ao conhecimento da existência de uma realidade que é a causa primeira e o fim último de tudo, “e que todos chamam Deus” (CEC 33-34).

Carregamos sim essas questões antropológicas dentro de nós, pois chega aqui o momento de mostrarmos que essas são absorvidas pela Revelação, a fim de podermos levar à plenitude essa categoria antropológica da Realização, deveras simplificada, muitas vezes, por um existencialismo não raras vezes ateu ou niilista, ou seja, que encerra o homem num intimismo e até reducionismo da mais pura imanência.

Mas que é o homem? Ele próprio já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões contraditórias. Segundo estas, muitas vezes se exalta, até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero. Daí as suas dúvidas e angústias. A Igreja sente profundamente essas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta que defina a verdadeira condição do homem, explique as suas fraquezas, ao mesmo tempo que permita conhecer com exatidão a sua dignidade e vocação. A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado “à imagem de Deus”, capaz de conhecer e amar seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus. “Que é um mortal para dele te lembrares, e um filho de Adão que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos, sob os seus pés tudo colocaleste” (Sl 8,5-7) (GS 12).

O homem possuidor de intrínseca dignidade inquieta-se, a Categoria da Realização – existencial-filosófica, passa a um estágio superior: o da Resposta do Homem à Revelação, onde ele descobrirá sua vocação real, a fim de atingir de forma real, mas também sobrenatural, a Realização de sua vida⁷².

O homem terá que admitir sua fragilidade, por isso, se existencialmente o seu maior desejo é o de amar e ser amado, todavia se há nele a carência de infinito, o que podemos sintetizar como carência de Amor, terá que abrir-se a Transcendência.

⁷² Mesmo com a morte, o homem destina-se ao Absoluto: “Não se entendemos que depois da morte tudo continue como antes como se, para dizer com Feuerbach, apenas trocássemos de cavalos e seguísssemos adiante, e, portanto, continuasse aquela dispersividade e aquele vazio indeterminado e sempre novamente determinável da existência temporal. Não, vista por este prisma, a morte põe um fim a todo o homem. Quem faz simplesmente perdurar o tempo para além da morte do homem e neste ponto faz perdurar a alma, de sorte que exista um tempo novo e os tempos não desapareçam na definitividade, mete-se em dificuldades insuperáveis no plano do pensamento e também da realização existencial do que o cristianismo realmente entende.” (RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé*, p. 504).

O item anterior nos fazia dizer que a Realização é uma porta que se abre de dentro para fora, devemos agora dizer, que essa porta se abre ao horizonte de Deus, entretanto, o homem precisa perceber-se como esse ser frágil, limitado e finito, necessitado, portanto, de colocar-se a escuta. Porque Alguém bate a sua porta, porque esse Alguém nos amou por primeiro, gravou em nós suas marcas.

A porta por vezes permanece cerrada, e a causa é o pecado, princípio de todo fechamento ao horizonte oferecido por Deus, que não nos obriga a nenhuma forçada abertura, porém nos dá a sua Graça.

A Revelação vem assim, tornar-se fundamento da existência plena e realizada, aproxima o homem de si, de sua condição, para aproximá-lo da Verdade, Bondade, Beleza e Unidade plenas.

A revelação não é alguma coisa que afasta o homem de si mesmo ou do mundo. Pelo contrário, é algo que quer dar resposta às interrogações mais sérias e profundas de cada pessoa, uma vez que nos revela não somente quem é Deus, mas também quem é o homem e qual sua vocação. Essa revelação realizada em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, tem por objeto revelar-nos o verdadeiro rosto do homem. Nele, Jesus de Nazaré, a vida de cada um adquire sentido e encontra resposta para as contradições internas que experimenta com a realidade do pecado. Ao descobrir a verdade sobre a própria existência, o homem se reconhece como fruto de um ato criador e, ao mesmo tempo, se sente pecador, chamado a uma vida de comunhão com Deus⁷³.

O pecado desfigura a própria unidade, verdade, bondade e beleza presentes no ser humano, distorce sua real vocação a bem aventurança eterna⁷⁴; a ferida da insegurança em categorias filosóficas elencada, também como angústia e desespero, nada mais é do que o aprisionamento ao pecado.

O homem torna-se dividido privilegiando uma só de suas categorias estruturais, perde sua profunda unidade, desejada e querida por Deus⁷⁵, daí surgindo todo tipo de materialismo,

⁷³ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 131.

⁷⁴ “Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar seu fim fora dele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a ele devida, mas obscureceu-se o seu coração insensato e serviu à criatura, preferindo-a a seu Criador. E isto que a Revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando-se a reconhecer Deus como seu princípio, perturba também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação para si mesmo, para os demais homens e todas as coisas criadas”. (GS 13a).

⁷⁵ Que unidade é essa? Assim, temos: “O homem ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corpora; deve, pelo contrário,

sentimentalismo e hedonismo; o tempo que poderia ser tempo de Graça em sua vida é absolutizado no próprio eu, onde o homem se aventura a viver senhor absoluto de si, vivendo sem necessidade do outro, não há alteridade, portanto não há comunhão e solidariedade, eis outro grande risco, a norma de vida se torna ética intimista e instrumentalizada; o tempo que passa, é sim aproveitado, mas só para “curtir a vida”, sem notar que esse está se esvaindo, e levando por fim, o seu próprio ser a uma vida sem sentido; portanto, perde-se a beleza e o gosto por se viver; o que categoricamente o impedirá de se realizar.

O pecado⁷⁶ é o que mais fere, agride e conduz à morte, destrói a paz, enfim desgraça!

O homem encontra-se, pois dividido em si mesmo. E assim, toda vida humana, quer singular, quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e trevas. Mais: o homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias. Mas o Senhor em pessoa veio, para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31), que o mantinha na servidão do pecado. Porque o

considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se engana o homem, quando se reconhece superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra em seu interior, onde Deus, que perscruta os corações o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide a própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais, atinge pelo contrário, a verdade profunda das coisas”. (GS 14).

⁷⁶ Aqui teremos que elencar dois importantes itens: 1) Lembrar o tema do pecado, entretanto no horizonte da salvação, “do ponto de vista cristão, somente à luz de uma soteriologia tem sentido uma hamartiologia (uma teoria do pecado). Somente quando se nos revela em Cristo a vontade salvífica universal de Deus, pode-se perceber com nitidez a necessidade universal da graça redentora e, a partir daí, a anormalidade da situação religiosa do homem, sem que tais constatações desemboquem numa interpretação trágica da existência, ou seja, sem que o peso da culpa esmague o culpado ou o afunde no desespero. Isto é justamente o que encontramos no Novo Testamento que afirma: todos são redimidos, e é exatamente esta redenção oferecida a todos que denuncia a pecaminosidade de todos. Ou seja: a realidade, a profundidade e a extensão do pecado universal só podiam ser captadas, inequivocamente, à luz da salvação universal. É a cruz de Cristo, e não a queda de Adão, o que nos dá a medida cabal das dimensões da culpa. É o mistério da salvação que esclarece o mistério do pecado, e não o contrário”. (RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 66-67); O outro item, 2) Sendo o Evangelho de João o evangelho que se mostra de revelação por excelência (tema desenvolvido no livro ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 106), também devemos buscar aqui uma compreensão a respeito dessa temática, na soteriologia de João – “O pecado do mundo. Se Jesus nos oferece a salvação, é porque estamos imersos no pecado do mundo; por isso, o Batista apresenta Jesus a seus discípulos como alguém que traz a esperança de salvação: ‘Eis o cordeiro de Deus, que apaga o pecado do mundo’ (Jo 1,29). De sorte que João tem diante dos olhos a narrativa do primeiro pecado (Gn 3), assim como do que se lhe seguiu: o assassinato de Abel por seu próprio irmão (Gn 4,6-8). Por isso apresenta Satanás como pai da mentira e ‘homicida desde o princípio’, e também por isso os que seguem Satanás rejeitam a Jesus (Jo 8,40-44). De onde se segue que, no quarto evangelho Satanás seja quem se apodera de Judas para que este cometa sua traição (Jo 13,2), e quem o leva até consumir seu ato homicida (Jo 13,27-30). Também na primeira epístola, João considera Satanás como pai da morte, ao recordar o fratricídio de Caim, cometido ‘por inspiração do maligno’ (1Jo 3,11-15). E pouco depois conclui que aquele que não ama seu irmão é um homicida, e, portanto está morto e tem em si a condenação, pois não pode possuir a vida. Daí vem precisamente essa falta de amor o que nos mantém submersos no pecado do mundo. Mas a grande mensagem de João é que não estamos perdidos: Jesus Cristo nos foi dado como Salvador.” (cf. GONZÁLES, Carlos Ignácio. *Ele é a nossa Salvação*, p. 240).

pecado diminui o homem, impedindo-o de atingir a sua plena realização. A luz dessa revelação, os homens encontram, ao mesmo tempo, a sua explicação última na sublime vocação e na profunda miséria que experimentamos em si mesmos (GS 13b).

O homem para realizar-se precisa estar livre do pecado, por isso a Redenção que lhe é oferecida constitui a graça de que ele pode participar, Jesus Cristo que é a expressão plena do amor salvador do Pai, Ele nos chama, e no próprio chamado e na resposta dada a Ele, deveremos concluir: tudo é fruto do amor que chama. A presença interpelante de Deus (a graça) não funciona como fator de coação, e aí entendemos, que a graça é encontro de um ser totalmente dependente que não se realiza por si só e ao mesmo tempo totalmente livre, com o Ser que quer dar-se liberrimamente ao homem e que o homem é assumido pessoalmente por Deus, para poder realizar-se, encontro entre riqueza e pobreza, infinitude e contingência, a realidade do amor infinito dando-se, a realidade da indigência absoluta do homem plenificando-se com esse amor de Deus, o resultado de tão desigual intercâmbio chamamos graça. E, nada disso seria concebível à margem do fato Cristo. Só nele conhecemos que Deus quer dar-se ao homem liberrimamente e que o homem é assumido por Deus pessoalmente. Por isso, pode-se escrever que a noção de graça é uma noção essencialmente cristã, onde a graça é o chegar do amor eterno de Deus à alma. Deus dá ao homem, nesse amor, não algo, dá-se a si mesmo. E essa autodoação divina opera no homem a capacidade e a propensão (inalcançáveis de outro modo) para corresponder o amor de Deus com uma entrega análoga, ou seja, espontânea e gozosa. O saldo resultante é amizade em recíproca comunicação, que compromete todo o agir humano, condensando-o num único movimento fundamental para Deus⁷⁷.

Assim, a resposta do homem à Revelação é sua adesão a Cristo⁷⁸, que se fez carne, se fez homem, para nos incorporar Nele, ou o que equivale a dizer, há em Cristo a incorporação do cristão na salvação, só permanecendo Nele somos salvos, e, portanto realizados e felizes, contudo, Ele é a porta que se abre e nos conduz à Trindade.

⁷⁷ cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 310.

⁷⁸ “É a partir daí que se manifesta, sem rodeios, a função personalizante (humanizadora) da graça. Se a liberdade (...) é a faculdade de se autodeterminar, com vistas ao fim, o homem será tanto mais pessoa quanto mais livre for, e é tão mais livre quanto mais se aproxima de sua genuína realização. Sendo está a comunhão com Deus – fim único da atual economia – unicamente será exequível por graça. O homem foi criado de tal modo e em tal ordem histórica concreta que só se consumará completamente no intercâmbio vital com Deus. Isso significa, por sua vez, que Deus quer se dar ao homem; Ele mesmo, não outra coisa. Tudo existe para isto (Ef 1): para o cumprimento do amor infinito, dando-se por toda eternidade (graça incriada). E o homem existe para isto: para ser cumulado pela livre acolhida do amor que Deus é. Foi criado como ser consciente, livre, inteligente, amante, para poder assentir, de forma consciente, livre, inteligente e amorosa à oferta divina de autodoação. E este poder assentir, junto ao assentimento em ato (graça criada), é o mais acendradamente humano, sua única razão de ser, profetizada em seu apelo original (imagem de Deus) e realizada modelarmente em Jesus Cristo”. (RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 334).

Em poucas palavras: o homem é o ser capaz de Deus, ou o modo finito de ser Deus. Qualquer outro destino inferior a este não lhe faz justiça, degrada-o; não alcança, malogra-o definitiva e irreparavelmente. Mas é capaz de Deus (capaz de graça). Porque é pessoa. E, ao inverso: é pessoa porque está constitutivamente aberto à relação de amizade com Deus, isto é, porque é capaz de graça. Assim, pois, os conceitos de graça e pessoa se co-implicam: a realização do homem como pessoa consiste na autodoação de Deus como graça. Com efeito, o ser pessoal não se pode cumprir no trato com as coisas; considerar o bem felicitante em chave de posse de bens ou coleção de gozos é um erro mortal. Ao homem, ser pessoal, só pode fazer feliz o ser pessoal; é impossível que as entidades infrapessoais o plenifiquem, considerando-se que estão abaixo de seu nível. As pessoas e não as coisas, são a fonte privilegiada de felicidade (de realização) completamente humana. Daí se segue que a suma felicidade, a plena realização do eu humano se dará ali, onde esse ser se cumpra na relação com um tu supremo. A comunhão de vida com o infinito pessoal (e só ela) consuma a finitude da pessoa humana realiza-a completamente. Na livre opção pelo amor divino é que o homem chega a mais profunda autopossessão e autodoação, ou seja, à mais alta expressão de sua pessoa⁷⁹.

Bem sabemos, que poderíamos não responder, à iniciativa desse Deus amor revelado em Jesus Cristo plenamente e que continua a nos amar através de seu Santo Espírito, mas como viveríamos? Com certeza, em estado de desordem, desarmonia, em estado de pecado, ou pior ainda morreríamos em pecado, e indubitavelmente, vêm a questão: que vida mais desgraçada não seria essa sem Deus? Desfigurados de nossa própria personalidade, porque essa não relação com Deus desfigura o modo próprio de ser humano, entretanto sentimo-nos atraídos por Deus. Deus não deseja a morte do pecador, mas sim que ele se converta e viva. Para viver, o homem deve dirigir-se a Ele, abandonar os caminhos que degradam a sua dignidade e regressar à casa do Pai, entrar pela porta que é Cristo e participar da plena realização na alegria do Espírito.

Dessa mesma reflexão, podemos perceber que Deus, não quer esse rompimento, Ele não quer que vivamos sem sentido, de tal modo, que concretamente nos amou e nos ama, e nos que no amor, Ele quer participar da nossa história, assim, a Ele queremos responder, e também concretamente, por isso devemos perceber a sua máxima participação e manifestação em Cristo nosso Redentor (cf. RH 08).

Respondemos ao Pai, através da irrupção do eterno no nosso tempo, relacionando-nos com o Filho, por laços que não nos separam, pelo vínculo do Espírito Santo. O encontro

⁷⁹ cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 335.

decisivo com Cristo, Palavra que se fez carne⁸⁰, é o cerne de nossa resposta, pois assim, aceitando livremente ao envolvimento que a Revelação nos propicia, estamos nos deixando envolver pela própria Trindade, verdadeira felicidade⁸¹.

A nossa resposta de modo mais integral ainda se dá à Trindade, pois ela nos envolve, por ela acontece o Mistério da Encarnação e a Plenitude da Revelação em Cristo.

Conforme, já apresentamos nos demais itens, a revelação divina, por ser cristológica, é necessariamente também trinitária, pois na revelação é toda a Trindade que atua, assim podemos dizer que Cristo é a plenitude da revelação do mistério trinitário, por Cristo, a palavra feito carne, e com o espírito Santo, podem os homens chegar até o Pai e participar da natureza divina, por essa grande graça, de tal modo que a revelação cumprida em Cristo, é concomitantemente obra do Pai e do Espírito Santo.

Logo, a resposta do homem à Revelação em perspectiva de categoria da realização, se dá ao Mistério da Santíssima Trindade, pois conhecer a Deus e ao seu Filho é acolher o mistério de comunhão de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, na própria vida que se abre, desde agora, à vida eterna. Pela participação na vida divina, e nesse Mistério se realizará plenamente o que somos, por isso é uma infinita Graça, fazermos da Trindade nossa Morada.

⁸⁰ Expressa também a mesma reflexão: JOÃO PAULO II. *Catequese: o encontro decisivo com Cristo palavra que se fez carne*, n. 33.

⁸¹ Desenvolve muito bem esse tema o seguinte pensamento: “É chegada a hora de bradar ao mundo que a Trindade antes de tudo, júbilo, felicidade. Ela é ‘o lugar de nosso repouso’, a ‘torrente das delícias’ na qual um dia iremos nos dessedentar. São Sérgio de Radonejski dizia: ‘contemplar a Trindade, para vencer a grande infelicidade do mundo’. Deus é felicidade! É o ‘Deus feliz que torna felizes’, diz Agostinho. A felicidade faz parte do próprio mistério de seu ser. Sendo sumo Bem, é também suma e infinita felicidade. ‘Tu és júbilo e alegria’ exclama Francisco de Assis em seus Louvores ao Deus Altíssimo. Deus é felicidade pelo mesmo idêntico motivo pelo qual a Trindade: porque é amor. Com efeito, felicidade é amar e ser amados. Ora, desde a eternidade Deus ama com amor infinito. Nele o Pai encontra ‘toda a sua complacência’, isto é, sua felicidade. Uma vez que Deus é felicidade, tudo o que faz, ele o faz com júbilo: cria com júbilo (cf. Jo 38,7), salva com júbilo, e até sofre com alegria. O Espírito Santo, derramando nos corações o amor de Deus (cf. Rm 5,5), efunde neles, ao mesmo tempo, a felicidade de Deus que lhe é inseparável. Por isso, um dos primeiros frutos que sua vinda produz na alma é a alegria (cf. Gl 5,22). A felicidade de Deus é como um rio transbordante que, com seus riachos, ‘alegra a cidade de Deus’ (Sl 46), isto é a Igreja. (...) Trazemos todos, inciso em nós, o desejo de ser felizes, pelo fato que Deus nos criou ‘à sua imagem e semelhança’ e, sendo ele felicidade perfeita, fez-nos também para a felicidade. Mas então, perguntamo-nos, por que tão poucos são verdadeiramente felizes e, mesmo os que o são, assim permanecem por tão pouco tempo? Não é difícil descobrir onde se oculta o erro. A revelação diz: ‘Deus é amor’ (1Jo 4,8); o homem acreditou poder inverter a frase e dizer: O amor é Deus! E ainda, a revelação diz que Deus é felicidade; o homem inverte novamente a ordem e diz: a felicidade é Deus! No entanto, desse modo, o que acontece? O homem não conhece a felicidade pura, absoluta, eterna e transcendente, tal como não conhece o amor absoluto. Conhece fragmentos de felicidade, que muitas vezes se reduzem a uma embriaguez passageira dos sentidos. Alegrias de vidro, que carregam consigo a angústia de poder transformar-se em casos de um momento para outro. Dessa maneira, o homem diviniza sua experiência de alegria; (...) Assim, se explica por que aquele que busca a Deus sempre encontra a alegria, ao passo que quem busca a alegria nem sempre encontra Deus, mas, freqüentemente, ‘uma ama seca’, uma ‘cisterna rachada, que não retém água’ (cf. Jr 2,13). ‘Tu nos fizeste para ti, Senhor. É toda a Trindade que nos fez, é ela o Deus criador dos cristãos. Fomos feitos, portanto, pela Trindade e nosso coração estará inquieto enquanto não repousar nela. O verdadeiro hino à alegria é o Magnificat de Maria: ‘Meu espírito se encheu de júbilo por causa de Deus’”. (CANTALAMESSA, Raniero. *Contemplando a Trindade*, p. 31).

3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE RESPOSTA

3.1 A RESPOSTA NA FÉ

Respondemos com nossa abertura ao Transcendente, pois livremente sentimo-nos movidos a aderirmos a essa comunhão de amor, de modo que naturalmente somos atraídos pelo amor de Deus, Uno e Trino.

A essa abertura ao amor de Deus, chamamos fé, é o duplo movimento de Deus que se revela e o homem que acolhe a Revelação através da fé⁸².

A fé constitui-se como um dom de Deus a nós, uma profunda riqueza, que não está desligada de nossa vida, pois à vocação, a qual somos chamados é inerente a Revelação, de tal modo que devemos ressaltar que Revelação, fé e existência do homem são inseparáveis.

Por isso, cabe perguntarmo-nos: o que faz o dom da fé?

Somente na fé pode o homem acolher a manifestação de Deus em Cristo; pela fé o homem confessa que Jesus é o Senhor e Salvador, o Filho de Deus feito homem que, com sua morte e ressurreição, libertou a humanidade da escravidão do pecado; pela fé o homem aceita Deus como confiança, abrindo-se à esperança da Salvação eterna e tornando-a viva e presente por meio do amor⁸³.

A fé, portanto, faz com que o ser do homem se abra para Deus e sua interioridade, desvela e aquilo que lhe é mais secreto, sua consciência, é desvendada, irrompendo nele o desejo de Deus, enfim sua alma torna-se dócil aos apelos de Cristo.

Respondemos e cremos livremente, nada nos força, a fé tem uma dimensão existencial, o homem é capaz de optar, mas naturalmente, sente-se envolvido – interpelado, e nessa relação deixa-se envolver, pois isto lhe apraz, porque se sente mais seguro.

A fé, portanto é a maneira como respondemos, um dom, mas que exige a nossa cooperação, e para isso também temos os meios necessários, sendo que a fé não é meramente um ato isolado, mas um dom recebido da Igreja – que nos faz ser uma só família – assim, através da Igreja, com sua Tradição e Magistério, temos acesso a esse dom, ela nos fundamenta a abertura a Trindade, porque zela, pela pureza e conservação desse

⁸² “Urge recuperar e repropor o verdadeiro rosto da fé cristã, que não é só simplesmente um conjunto de proposições a serem acolhidas e ratificadas com a mente. Trata-se, antes, de um conhecimento existencial de Cristo, uma memória viva dos seus mandamentos uma verdade a ser vivida.” (cf. VS 89).

⁸³ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 129.

precioso dom.

A fé nos configura a Cristo, de tal modo que queremos professar nossa decisão, queremos configurar nossa vida à sua Palavra – ao seu Evangelho – anunciando-o, para a salvação de todos; queremos conhecê-lo sempre mais, constituindo nossa opção, como essencialmente vital (cf. EV 30), sentindo e deixando que sua Graça em nós atue; Conscientemente, ou seja, racionalmente queremos nos fazer capazes de consentir, que nossa inteligência e vontade, se façam capazes de crer, evidenciando que temos capacidade dessa comunhão com a Trindade:

Crer, então, é ir até Cristo, segui-lo, aceitar seu testemunho, o que supõe uma opção radical e total diante da pessoa e da missão de Cristo como Filho de Deus. Efetivamente, se Cristo é o Filho de Deus, a verdade em pessoa, sua palavra se transforma em ponto de apoio, em norma, em critério para tudo. Pensamento e comportamentos humanos estão sujeitos ao juízo dessa palavra. Dar um “sim” a Deus é um ato totalmente livre: é uma atitude pessoal e definitiva à vida do homem. Surge essa opção no mais profundo da liberdade do homem, que é inteiramente convidado pela graça a intimidade com Deus, e abrange toda pessoa humana em sua inteligência, vontade e ação. Assim a fé implica uma tendência à amizade com Deus (caridade) e nasce do desejo da vida eterna (esperança)⁸⁴.

Algo que não poderemos deixar de ressaltar é, também o aspecto eclesial da fé, essa opção de fé nos impulsiona ao desejo de estarmos sempre mais unidos a Cristo, ao seu corpo, portanto à sua Igreja, porque cremos nela, pois o cristão, ao unir-se a Cristo, incorpora-se à comunidade cristã de tal modo que essa sua adesão à Igreja é essencial para que ele se una plenamente a Cristo: “O único mediador e caminho de Salvação é Cristo, que se faz presente a todos nós em seu corpo que é a Igreja”⁸⁵.

Quando nos inserimos, ao seu corpo, não nos isolamos e nossa resposta de fé abrange, mais três características, a da esperança, do amor e a própria eclesialidade. Então a Igreja mesmo faz-nos atuantes na fé, fazendo-nos celebrar a nossa fé, ela mantém-se cumpridora dos apelos de seu Mestre, mantê-lo presente na história, em nossa caminhada de peregrinos, algo que sintetizará essa fé real, será o testemunho de alguém que viveu isso nessa “peregrinação”:

Ao considerar o Corpo místico da Igreja, não me encontrara em nenhum dos membros enumerados por São Paulo, mas ao contrário, desejava ver-me em todos eles. A caridade deu-me o eixo de minha vocação. Compreendi que a Igreja tem um corpo formado de vários membros e neste corpo não pode

⁸⁴ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 140.

⁸⁵ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 144.

faltar o membro necessário e mais nobre: entendi que a Igreja tem um coração e este coração está inflamado de amor. Compreendi que os membros da Igreja são impelidos a agir por um único amor, de forma, que extinto este os apóstolos não mais anunciariam o Evangelho, os mártires não mais derramariam o sangue. Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abraça todos os tempos e lugares, numa palavra, o amor é eterno. Então, delirante de alegria exclamei: Ó meu Jesus, meu amor, encontrei o meu lugar na Igreja, tu me deste este lugar, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor e desse modo serei tudo, e meu desejo se realizará (LH, p. 1333).

Portanto, com esse testemunho de fé, adesão a Trindade, podemos ter clareza e certeza de que nossa fé é dom gratuito de Deus, que nossa fé nos faz mais do que responder, nos faz sermos Igreja, porque enquanto vivendo a fé a esperança e o amor, “aguardamos a vinda de Cristo Salvador”.

3.2 A RESPOSTA NA ESPERANÇA

O dom da esperança na perspectiva da realização nos faz olhar, sobretudo para a promessa do Salvador, embora sintamo-nos desanimados e abatidos, pelas ciladas do Inimigo, que nos faz regredir da fé real e verdadeira para um “ensimesmamento”. A esperança nos faz lançar a âncora no futuro e, sobretudo, não na virtualidade de uma relação com Deus que quer se manifestar sem que jamais o experienciemos, mas na própria existência que espera. A esperança nos faz remontar a um desígnio real e concreto, onde livres esperamos a recapitulação de todas as coisas em Cristo⁸⁶.

Tomaremos da patrística, de Santo Irineu, o referencial para evidenciarmos a esperança colocada em Cristo como Senhor, o único capaz de nos realizar.

(...) Aparece aqui também como elemento distintivo dos cristãos o fato de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando

⁸⁶ “(...) Por isso, falando de liberdade, é preciso recordar que a liberdade humana requer sempre um concurso de várias liberdades. Este concurso, porém, não se pode efetuar se não for determinado por um critério intrínseco comum de ponderação, que é fundamento e meta da nossa liberdade. Digamos isto de uma forma mais simples: o homem tem necessidade de Deus; do contrário, fica privado de esperança. Consideradas as mudanças da era moderna, a afirmação de S. Paulo, citada ao princípio (Ef 2,12), revela-se muito realista e inteiramente verdadeira. Portanto, não há dúvida de que um ‘reino de Deus’ realizado sem Deus – e, por conseguinte um reino somente do homem – resolve-se inevitavelmente no ‘fim perverso’ de todas as coisas, descrito por Kant: já o vimos e vemo-lo sempre de novo. De igual modo, também não há dúvida de que, para Deus entrar verdadeiramente nas realidades humanas, não basta ser pensado por nós, requer-se que Ele mesmo venha ao nosso encontro e nos fale. Por isso, a razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão” (SS 23).

o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma “boa nova”, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só “informativa”, mas “performativa”. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fato e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova (SS 02).

O termo recapitular é singular na teologia de Irineu. Queremos uni-lo à esperança⁸⁷, porque ele demonstra o itinerário da vida cristã, no Espírito. Onde a esperança é sempre viva e atual, por estar em consonância com o Evangelho. Por isso, esse termo, apontará o desígnio salvífico de Deus, “o mistério de sua vontade” que diz respeito a toda criatura, é expresso na Carta aos Efésios, justamente com esse termo, que traz consigo um referencial teológico, destarte ele é característico: “Recapitular” em Cristo todas as coisas celestes e terrestres (cf. Ef 1,9).

Uma ‘imagem’ oportuna para elucidar essa compreensão seria, a haste à volta da qual se enrola a folha do pergaminho ou de papiro todo enrolado, mas que contenha sobre si uma inscrição: Jesus Cristo, redentor – confere um sentido unitário a todas as sílabas, palavras e obras da criação e da história.

Torna-se evidente que esse foi o princípio norteador da teologia de Santo Irineu, que no seu tempo, buscou lutar contra todas as fragmentações da história da salvação, contra todas as divisões entre Antiga e Nova Aliança, contra todas as dispersões da Revelação e da ação divina, apresentando e exaltando Jesus Cristo como único Senhor, que no mistério da Encarnação junta em si toda a humanidade, toda criação, constituindo-se, portanto, uma única história, não mais sagrada ou profana, mas de salvação: “Ele como rei eterno, recapitula tudo em si”⁸⁸, colocando constantemente o homem diante da verdadeira vida que ele tanto espera⁸⁹. E assim, eis nossa verdadeira esperança.

Neste sentido, é verdade que quem não conhece Deus, mesmo podendo ter

⁸⁷ Também desenvolve esse tema: JOÃO PAULO II. *Catequese: a recapitulação de todas as coisas em Cristo*, n. 07.

⁸⁸ IRINEU, de Lião. *Patrística. Livro III*, 21-9.

⁸⁹ “Encontramo-nos assim novamente diante da questão: o que é que podemos esperar? É necessária uma autocrítica da idade moderna feita em diálogo com o cristianismo e com a sua concepção da esperança. Neste diálogo, também os cristãos devem aprender de novo, no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança, o que é que temos para oferecer ao mundo e, ao contrário, o que é que não podemos oferecer. É preciso que, na autocrítica da idade moderna, conflua também uma autocrítica do cristianismo moderno, que deve aprender sempre de novo a compreender-se a si mesmo a partir das próprias raízes (...)”. (SS 22).

muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. Ef 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as decepções, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. Jo 13,1 e 19,30). Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente a “vida”. Começa a intuir o significado da palavra de esperança que encontramos no rito do Batismo: da fé espero a “vida eterna” – a vida verdadeira que, inteiramente e sem ameaças, em toda a sua plenitude é simplesmente vida. Jesus, que disse de Si mesmo ter vindo ao mundo para que tenhamos a vida e a tenhamos em plenitude, em abundância (cf. Jo 10,10), também nos explicou o que significa “vida”: “A vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste” (Jo 17,3). A vida, no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio sozinho, nem mesmo por si só: aquela é uma relação. E a vida na sua totalidade é relação com Aquele que é a fonte da vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria Vida e o próprio Amor, então estamos na vida. Então vivemos (SS 27).

O que precisamente Irineu desenvolve é um comentário sobre a recapitulação, tendo em vista as palavras do Apóstolo (cf. Ef 1,3-14), e é ele o primeiro a recolher e desenvolver admiravelmente esse tema. Na expressão, “todas as coisas”, compreende-se não só o homem mas toda a criação, tocada pelo mistério da Encarnação. Cristo recapitulou tudo em si mesmo, atrai tudo a si, homem e criação, toda a vida e toda a história⁹⁰.

O que ocorre é imprescindivelmente, um único confluir, ou seja, uma congruência de todos os seres em Cristo que é o ponto concêntrico de todo o tempo e espaço, isto se realiza na história, de maneira progressiva, consequentemente superando-se assim, os obstáculos, as resistências do pecado e do Maligno.

Estamos diante de uma obra realizada pelo Cristo, a recapitulação, para ilustrá-la, Santo Irineu recorre ao paralelismo usado por São Paulo (cf. Rm 5,12-21), onde temos a oposição entre Cristo e Adão: Cristo é o novo Adão, isto é, o primogênito da humanidade fiel que acolhe com amor e obediência o desígnio de redenção que Deus traçou como alma e meta da história. Cristo deve, por isso, eliminar as obras de devastação, as horríveis idolatrias, as violências e todo o pecado que o rebelde Adão espalhou na vivência secular da humanidade e no horizonte da criação. Com a sua plena obediência ao Pai, Cristo abre a era da paz com Deus e entre os homens, reconciliando em si a humanidade dispersa (cf. Ef 2,16). Ele “recapitula” em si Adão, no qual se reconhece toda a humanidade, transfigura-o em filho de Deus, trazendo-o à comunhão plena com o Pai. Precisamente através da sua fraternidade conosco na carne e no sangue, na vida e na morte, Cristo torna-se o Senhor da humanidade redimida.

⁹⁰ cf. IRINEU, de Lião. *Patrística. Livro III*, 21-9.

Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor. Isto vale já no âmbito deste mundo. Quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de “redenção” que dá um sentido novo à sua vida. Mas, rapidamente se dará conta também de que o amor que lhe foi dado não resolve, por si só, o problema da sua vida. É um amor que permanece frágil. Pode ser destruído pela morte. O ser humano necessita do amor incondicionado. Precisa daquela certeza que o faz exclamar: “Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,38-39). Se existe este amor absoluto com a sua certeza absoluta, então – e somente então – o homem está “redimido”, independentemente do que lhe possa acontecer naquela circunstância. É isto o que se entende, quando afirmamos: Jesus Cristo “redimiu-nos”. Através d'Ele tornamo-nos seguros de Deus – de um Deus que não constitui uma remota “causa primeira” do mundo, porque o seu Filho unigênito fez-Se homem e d'Ele pode cada um dizer: “Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gl 2,20) (SS 26).

Dá-se a entender que a fé, e a esperança, bem como a caridade, só podem estar ambas ancoradas no Cristo, Nele se fundamenta toda a esperança e até aquela que vai do hoje das circunstâncias até o futuro de Deus na Recapitulação de toda a esperança.

O Sangue derramado no mistério de sua Paixão e Morte, recapitulam à humanidade e a recapitulará novamente na esperança. “Cristo recapitulou em si mesmo todo o sangue derramado por todos os justos e por todos os profetas que existiram desde o princípio”⁹¹.

A partir dessa concepção de recapitulação profundamente teológica, também cairá por terra o maniqueísmo derivado da gnose, porque bem e mal são, por isso, considerados à luz da obra redentora de Cristo. Essa como São Paulo faz notar, envolve toda a criação, na variante de todos os seus componentes (cf. Rm 8,18-30). De fato a própria natureza, como está submetida ao contra-senso e a degradação e à devastação provocada pelo pecado, assim, também participa na alegria da libertação operada por Cristo no Espírito Santo.

Esboça-se, portanto, a atuação plena do projeto original do Criador: o de uma criação em que Deus e o homem, homem e mulher, humanidade e natureza estejam em harmonia, em diálogo, em comunhão. Este projeto perturbado pelo pecado, é retomado do modo mais admirável por Cristo, que o está a realizar misteriosa, mas eficazmente, na situação atual, na esperança de o levar à realização. O próprio Jesus declarou: “quando eu for levantado da terra atrairei todos a mim” (cf. Jo 12,32). E o evangelista João apresenta esta obra como uma espécie de recapitulação, um “trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos”

⁹¹ IRINEU, de Lião. *Patrística. Livro V*, 4,1.

(cf. Jo 11,52).

Esta obra atingirá a plenitude no cumprimento da história, quando – é ainda São Paulo a recordá-lo – “Deus será tudo em todos”. Aqui lançamos âncora, aqui funda-se a verdadeira esperança aquela que não engana.

Mais ainda: precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir. Precisamente o ser gratificado com um dom faz parte da esperança. Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto. O seu reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança. Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda a sobriedade dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que, por sua natureza, é imperfeito. E, ao mesmo tempo, o seu amor é para nós a garantia de que existe aquilo que intuimos só vagamente e, contudo, no íntimo esperamos: a vida que é “verdadeiramente” vida (SS 31).

Portanto, Santo Irineu, viveu profundamente essa expectativa e esperança, ensinado-a, eis o que nos pode despertar a teologia da recapitulação: nos inserirmos nessa única via da Verdade do verdadeiro conhecimento, amar a Cristo e ser nele novas criaturas, pois enquanto vivendo a esperança aguardamos a vinda do Cristo Salvador.

3.3 A RESPOSTA NO AMOR

A palavra amor está sendo esvaziada de seu significado original, há uma grande confusão na aplicação dessa palavra, onde o conceito do que é o amor fica aniquilado, na verdade por aquilo que chamamos de desamor, são expressões do tipo: acabou nosso amor; eterno enquanto dura; nosso amor morreu e eu não te amo mais! Enfim, uma gama de expressões que deterioram o que de fato é o amor!⁹²

Ao tocante dessa monografia e desse item: A resposta no Amor; o Amor do qual trataremos, é aquele único e imprescindível à realização.

⁹² Por isso tomaremos com fundamento a Carta Encíclica “Deus Caritas Est”, a qual já adverte: “O amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós. A tal propósito, o primeiro obstáculo que encontramos é um problema de linguagem. O termo ‘amor’ tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes. Embora o tema desta Encíclica se concentre sobre a questão da compreensão e da prática do amor na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, não podemos prescindir pura e simplesmente do significado que esta palavra tem nas várias culturas e na linguagem atual”. (DCE 02).

“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4,16). Estas palavras da *I Carta de João* exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel: “Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (6,4-5). Jesus uniu — fazendo deles um único preceito — o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no *Livro do Levítico*: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (19,18; cf. Mc 12,29-31). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4,10), agora o amor já não é apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro (DCE 1).

Ao contrário, de toda desgraça colocada sobre o amor, esse não acaba, aliás, caberia dizer sim, que um amor que morre jamais nasceu! O amor não morre, ele é eterno, porque o Eterno irrompeu em nosso tempo, para nos cumular dessa Graça. Mas só poderá dizer isso, quem ama! Quem amou, e mesmo que a morte tenha colocado nesse plano, um fim a esse amor, ele vai seguir sem fim, de fato, a medida do amor é não ter medidas, o amor é ilimitado, o tempo do amor é infinito, e ele é eterno porque na Trindade ele transcende a superficialidade do cotidiano.

Evidentemente, mais do que mera palavra, o amor é relação. Ele é encontro íntimo: eu me amo; ele é caminho: posso te amar; ele é direção: vou te amar; ele é realização: sou amando. Por isso, dirá Emmanuel Mounier – filósofo: “Ser significa amar!”.

Etimologicamente, na língua grega, temos: 1. Amor, enquanto “Philia”; 2. Eros e 3. Ágape. Onde todas as três palavras são significantes de amor, mas com o seu devido diferencial.

1. Philia: amor fraterno, paterno, materno, é o amor de amizade, o qual cria um vínculo, uma ligação de bem querer e estima, numa empatia que não mais se desfaz! Os amigos se conhecem, se combinam, são como irmãos, há carinho e ternura, e reciprocidade de afeto, porém com isenção de outros sentimentos cabíveis aos apaixonados! Mal comparando, é um casamento, mas sem sexo.

2. Falando em paixão, aí sim, entramos no amor Eros, amor que envolve os corpos e mentes de uma pessoa ao de outra, é o amor de atração, numa ligação estável, inseparável, que equilibra as intempéries da paixão, há relacionamento afetivo, envolve a sexualidade, há união desses corpos e psiques, num só espírito – o de quem ama!

3. Por fim, há o amor ágape, o amor infinito e eterno, é o amor de comunhão, de

ligação com o sagrado, ele é sobrenatural e capaz de perpassar pelos outros dois outros significados, amando-os por um fio inquebrantável de amar e ser amado, que faz até a morte se esgotar, pois se nos outros dois, é a morte capaz de dar fim as relações, aqui o amor aponta para o infinito das mesmas relações, porque esse é o amor divino e infinito. Inatingível? Não. É o amor ideal, aquele que faz o ser humano se alçar ao seu encontro, a sua procura, para amar sem medidas; é o amor de Deus, no qual crendo ou não, haverá conversão em lei ética categórica: Ame!⁹³

Notemos, no amor filia há uma expressão caracterizante, de uma excelente definição para o amor: “não mais se desfaz”; no amor Eros: “ligação estável, inseparável”; e no amor ágape: “amor infinito e eterno!”. Nos três um sinônimo, o qual é a marca característica do amor: a definitividade. Ou seja, o amor é definitivo!

Nós Cristãos encontramos esse amor Encarnado-Definitivo, no Cristo vivo e operante, através dos Sacramentos, a Eucaristia Revela todos esses dados: O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si. Assim se compreende por que o termo *ágape* se tenha tornado também um nome da Eucaristia: nesta a *ágape* de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua ação em nós e através de nós, portanto, nesse Sacramento: fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *ágape* de Deus” (cf. DCE 14). Também na Missão e no Serviço aos mais pobres do Reino, pois na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através de homens nos quais Ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta ‘antecipação’ de Deus pode, como resposta, despontar também em nós, o amor ao próximo (cf. DCE 17). Eis que o Amor é Graça!⁹⁴

A existência cristiforme envolve repercussões na práxis; quem é como Cristo tem que viver, sentir e agir como Ele. Como ele: já sabemos que a expressão é literalmente paulina (Ef

⁹³ Todos os três itens aqui apresentados são com que uma resenha dos números de 3 a 8 de “*Deus Caritas Est*”.

⁹⁴ O exemplo desse amor, temos em Maria. “Entre os Santos, sobressai Maria, Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade. Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-Se grande a Si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (cf. Lc 1,38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-Se totalmente à disposição das iniciativas de Deus. É uma mulher de esperança: só porque crê nas promessas de Deus e espera a salvação de Israel, é que o Anjo pode vir ter com Ela e chamá-La para o serviço decisivo de tais promessas. É uma mulher de fé: ‘Feliz de Ti, que acreditaste’, diz-lhe Isabel (cf. Lc 1,45). O *Magnificat* — um retrato, por assim dizer, da sua alma — é inteiramente tecido com fios da Sagrada Escritura, com fios tirados da Palavra de Deus. Desta maneira se manifesta que Ela Se sente verdadeiramente em casa na Palavra de Deus, dela sai e a ela volta com naturalidade. Fala e pensa com a Palavra de Deus; esta torna-se palavra d’Ela, e a sua palavra nasce da Palavra de Deus. Além disso, fica assim patente que os seus pensamentos estão em sintonia com os de Deus, que o d’Ela é um querer juntamente com Deus. Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, Ela pôde tornar-Se mãe da Palavra encarnada. Enfim, Maria é uma mulher que ama”. (DCE 41).

5,2) e joânica (Jo 13,34; 15,12; 1Jo 3,16). O mundo pagão, que acolheu, às vezes com um sorriso cético e sarcástico, a nova doutrina cristã (At 17,32), não pôde senão sentir-se impressionado com a nova práxis dos cristãos, articulada sobre o primado do amor (“vede como se amam”). E é que, efetivamente, tanto a idéia de filiação como a de divinização impõem este primado na conduta do homem agraciado. Assim, da realidade de nossa condição filial se infere o postulado da fraternidade universal. E isso através de uma dupla reflexão: primeiro, porque sendo, como somos, filhos no Filho, ou seja, sendo nossa filiação a mesma de Jesus Cristo, participada pela comunhão em sua própria existência filial, temos que viver desvivendo, “servindo-nos pelo amor uns aos outros” (Gl 5,14), como aquele que não veio para ser servido, mas para servir e “dar a sua vida em resgate de todos” (Mc 10,45). Por outro lado, se todos somos filhos do mesmo Pai, todos somos irmãos de todos. Note-se, também, que a relação de fraternidade exige como dado prévio, a relação de paternidade-filiação; somos filhos antes de irmãos; somos irmãos porque somos filhos; é a existência de um Pai comum o que garante, afinal, o reconhecimento do outro como irmão, e não como simples semelhante. E o único modo de viver na verdade nossa condição filial é viver nossa condição fraternal⁹⁵.

No cotidiano estamos longe de viver nossa condição fraternal, porque estamos longe do amor ideal, por isso a expressão amor platônico ganhou contornos de um amor irrealizável. Pois as pessoas às vezes somente gostam ou estão apaixonadas e confundem isso com amor, nem todo apaixonado ama, nem todo amigo é literalmente amigo, nem todos amam mais a si mesmos, diante de tantas situações equivocadas, surgem as frustrações e a descrença no amor! Surge o ódio, o outro é só semelhante e não irmão. O mundo perde critérios e referências, os cristãos na mesma lógica do ter, poder e prazer, sem medidas, contra testemunham. Esvaziam o amor.

O amor ideal, platônico, no sentido filosófico, não é irrealizável, mas ao contrário é o amor no seu sentido puro, sublime é o amor na sua etimologia, visto então como definitivo, que se realiza, em prática na liberdade – “ama e faze o que queres!” (expressão de Santo Agostinho) onde ele não separa, mas une, onde ele não fere, mas cura, onde ele não mal trata, mas quer só o puro bem, ademais, onde ele não mata ou morre, mas produz vida!

Até embasados por esse conceito filosófico somos inevitavelmente obrigados a intuir que o Amor é Divino! Contudo, também somos obrigados a ver que se o que queremos é a realização temos que assentir ao Amor Trindade. Buscar a Graça!

⁹⁵ cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 356.

A conclusões análogas que chegaremos se, em vez de partir do conceito filiação, partirmos do conceito divinização. A graça, dizíamos, nos torna partícipes da “natureza divina”, ou seja, do modo de ser próprio de Deus. Pois bem, “Deus é Amor” (1 Jo 4,8.16). Logo, participar de Deus é amar o mais radicalmente possível. Eis aí o grande tema de 1Jo: quem diz que nasceu de Deus e não ama, mente; quem é de Deus, ama como Deus; quem ama, é de Deus ou nasceu de Deus (cf. o capítulo 4 inteiro). (...) A tradição cristã sustentou sempre, inspirando-se nestas categóricas asserções joânicas, sustentou sempre, junto com a tese da justificação pela fé, a da justificação pelo amor, que conta também com outro fundamento não desprezível em Tg 2,14-24 e que remonta, afinal de contas, às palavras e à conduta do Jesus histórico e de seu radical programa de identificação com “os pequenos”⁹⁶.

O amor trinitário é comunhão, sem sombras de dúvida ao cristão cabe adentrar a esse circuito ininterrupto de amor e manifestar amor, destarte, o ter, poder e prazer se constituirão em dimensões somáticas de realização; do ser, no bem e no amar. Não pode se iludir o cristão que diz amar, no tocante a profundidade dessa acepção, pois ama quem está em Deus com os irmãos, não só racionaliza o bem, mas o vive no amor.

O Amor é mais que a razão, o Ágape, é mais que o Logos. O que quer dizer que chagamos muito além de toda superficialidade que desfigura o amor, assim, o amor, em suma, é o reflexo do ser de Deus em nós; o eco de sua essência na nossa. Todo o amor que há no mundo é indício da real presença de Deus na história. Os gregos pensavam que a razão era sempre divina. Não é certo. O amor, sim, é amor porque Deus é amor. O ágape é mais que o logos; por isso, só uma razão enraizada no mais radical, que é o amor, se revela, por fim, com a mais racional, como a matriz mais fértil do logos. “O vede como se amam” fez mais pela difusão do cristianismo do que todos os discursos de seus apologistas; a mediação mais efetiva do mistério da graça é o milagre do amor. Ao homem que não conheça de nenhuma maneira, como se lhe falará inteligivelmente do modo do ser de Deus? A graça, comunicação do amor pessoal que é Deus, precisa inquestionavelmente de uma analogia criada para fazer-se captável e assumível.

O cristão deveria ser consciente de tudo isso; teria que dar por subentendido que todo encontro interpessoal é uma mediação de graça ou desgraça, de amor ou desamor, totais. Cada ser humano é – em maior ou menor medida – portador de bênção ou de maldição para o tu que lhe sai ao encontro. Tratar de eludir este fato e fazer do encontro um trâmite irrelevante, ou acidente de trânsito, é coisificar a relação de pessoa a pessoa, é desfazer o circuito ininterrupto de amor que emana da Trindade, degradando a relação de pessoa a objeto. O Eu tem o estranho e temível poder de agraciar ou de desgraçar o tu; encontrar-se com um

⁹⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 357.

agraciado teria que equivaler a fazer uma experiência de graça⁹⁷.

Portanto, somente olhando e contemplando a Trindade que é Amor⁹⁸, poderemos também nós encontrar-nos com o Amor infinito e absoluto, em Cristo há uma unidade de vida que nos absorve e nos faz sermos bênçãos, no Pai encontramos a fonte inesgotável de todo o bem, porque Ele fez a total doação, entregou o próprio Filho, e no Dom do Espírito que da Paixão, Morte e Ressurreição o Filho nos veio trazer, está a beleza que nossos olhos anseiam contemplar e viver, abre-se o caminho contra toda maldição, seremos amor uns para os outros, destarte, sob a influência Daquela que renova todas as coisas, só podemos ver a luz sem fim, advinda desse amor: comunhão – ágape, tudo Eterno, para ele peregrinamos.

3.4 A ECLESIALIDADE DA RESPOSTA

A Igreja como casa da Trindade vela para que a resposta do homem à Revelação em perspectiva de categoria da realização aconteça.

Ao tratarmos desse aspecto não poderemos deixar de levar em conta a realidade situacional que nos cerca, bem como o papel daqueles que participam da vida trinitária, pois ao aderirmos a Cristo, aderimos a Igreja. E, por essa filiação, é chegada a hora da transformação das realidades, e a constatação imediata que podemos vislumbrar, é de uma realidade cada vez mais secularizada, descristianizada e idolátrica; realidade que desfigura a pessoa espezinhada e exaltada, onde a pessoa é instrumentalizada ou levada a viver por si só, por normas egocêntricas, como um culto ao eu próprio; conflituosidades e falta de paz (ChL 4-6).

O mundo carece da falta de um caminho seguro, a globalização ou até mesmo mundialização que se apresentam como vias para um caminho mais solidário, estão marcadas pela falta do amor, o mundo leva consigo nitidamente a cultura de morte⁹⁹ que fere e viola a

⁹⁷ cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus*, p. 358.

⁹⁸ “‘Se vês a caridade, vês a Trindade’ — escrevia Santo Agostinho. o longo das reflexões anteriores, pudemos fixar o nosso olhar no Trespasado (cf. Jo 19,37; Zc 12,10), reconhecendo o desígnio do Pai que, movido pelo amor (cf. Jo 3,16), enviou o Filho unigênito ao mundo para redimir o homem. Quando morreu na cruz, Jesus — como indica o evangelista — ‘entregou o Espírito’ (cf. Jo 19,30), prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Ele havia de realizar depois da ressurreição (cf. Jo 20,22). Desde modo, se atuaria a promessa dos ‘rios de água viva’ que, graças à efusão do Espírito, haviam de emanar do coração dos crentes (cf. Jo 7,38-39). De fato, o Espírito é aquela força interior que harmoniza seus corações com o coração de Cristo e leva-os a amar os irmãos como Ele os amou, quando Se inclinou para lavar os pés dos discípulos (cf. Jo 13,1-13) e sobretudo quando deu a sua vida por todos (cf. Jo 13,1; 15,13)” (DCE 19).

⁹⁹ Estamos diante de um combate: “Este horizonte de luzes e sombras deve tornar-nos, a todos, plenamente conscientes de que nos encontramos perante um combate gigantesco e dramático entre o mal e o bem, a morte e a vida, a cultura da morte e a cultura da vida. Encontramo-nos não só diante, mas necessariamente no meio de tal

vida. O cristão, também passa a ser negligente e indiferente. Urge abrimo-nos em essência e sairmos dessa imanência e torpor espirituais para a construção de novos parâmetros à vida que tem como vocação se realizar, e é a vida cristã a que realiza integralmente o ser humano, como até aqui, já atestamos. Destarte, é hora de missão para os cristãos do mundo inteiro!

A voz do Senhor ressoa sem dúvida no íntimo do próprio ser de cada cristão, que, graças à fé e aos sacramentos da iniciação cristã, torna-se imagem de Jesus Cristo, insere-se na Igreja como seu membro vivo e é sujeito ativo da sua missão de salvação. A voz do Senhor, porém, também se faz sentir através dos acontecimentos, nas exigências e aspirações, que compartilha juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença e do desígnio de Deus. Pois a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas (ChL 3).

Diante dessas e outras realidades, está a Igreja, na verdade configurados na Igreja, somos nós que estamos diante de tais realidades, desse modo, nossa existência deve ser cristã para ser de fato realizada, e eis nossa plena vocação ser na Trindade.

Não é um exagero dizer-se que toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Batismo, sacramento da fé, a fim de poder viver as suas exigências segundo a vocação que recebeu de Deus. Para descrever a figura do fiel leigo, vamos agora considerar de forma explícita e mais direta, entre outros, estes três aspectos fundamentais: o batismo regenera-nos para vida de filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e ao seu corpo que é a Igreja, unge-nos no Espírito Santo constituindo-nos templos espirituais (ChL 10).

O mundo precisa se tornar também templo e casa do Sagrado, para isso a missão de cada um se operará quanto mais atuantes como membros desse corpo formos.

Assim, caberá à Igreja nesses últimos instantes da história, ser ainda mais profética e anunciar Jesus Cristo, a Esperança da humanidade.

Por isso, a resposta à Revelação se dá também de maneira eclesial, porque a Igreja desvela a esperança, sua realização e consumação.

A partir disso retomaremos um tema não desenvolvido por completo, quando falávamos da própria Revelação como manifestação da Trindade, entretanto agora no sentido de conclusão do trabalho como um todo: a nossa resposta é eclesial, reafirmamos isso, e muito mais, alimentamos a fé, a esperança e o amor, visto que a glória de Deus se manifestará na

conflito: todos estamos implicados e tomamos parte nele, com a responsabilidade ineludível de decidir incondicionalmente a favor da vida” (EV 28).

glória da Trindade na Jerusalém Celeste – tudo e todos – se preparam respondendo a esse desígnio – último, escatológico.

“Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: ‘Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele será o seu Deus’” (Ap 21,3).

Notemos o que essa Palavra nos revela: a concreção de elementos essenciais – Novo céu e nova terra; Jerusalém Celeste, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido e toda esta realidade vinda do céu de junto de Deus – destarte a Tenda de Deus, sua Shekiná, ou seja, a garantia da sua presença estável e duradoura.

Estamos diante de tal garantia, na verdade, caminho que nos remete à renovação de todas as coisas, à recapitulação de todas as coisas, na celebração das bodas do Cordeiro, onde todo o cosmos participa dessa alegria.

Deste modo, o presente versículo engloba a promessa de Deus, e no seu prosseguimento, bem como até o final da perícop¹⁰⁰, sua fidelidade – o desvelamento da esperança, sua realização – consumação.

A partir disso, nos lançaremos sobre esse tema: A Igreja e todo o cosmos a caminho da consumação.

Nesse sentido a nova criação e consumação apresentadas pela perícopa são entendidas como a Igreja já existente, ou consumada, onde ambas se distinguem pelo caráter que a ela referiremos: esperado ou realizado.

Estamos diante da dialética do já e do ainda não, e com esse tema queremos refletir o que isso significa para nós, qual será a síntese possível, assim nos localizamos novamente diante de duas categorias: Promessa e Fidelidade.

(...) A busca do homem, a necessidade do homem, visam menos a imutabilidade do Absoluto, e mais a fidelidade do Altíssimo. A promessa atravessa o horizonte em direção ao desconhecido. Este já está, por antecipação, pela mão do Pai, fiel porque ama. A promessa abre o homem para uma realidade que existe para ele, antes de existir em si mesma. A ponte é Deus, com reflexo na história. Em Deus está o sentido da história: o

¹⁰⁰ Toda perícopa: “Vi então um novo céu e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para seu marido. Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: ‘Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; serão seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará as lágrimas de seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram! O que está sentado no trono declarou então: ‘Eis que faço nova todas as coisas’. E continuou: ‘Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras’. Disse-me ainda: ‘Elas se realizaram! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei de gratuitamente da fonte de da água da vida. O vencedor receberá esta herança, eu serei seu Deus e ele será meu filho. Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos mágicos, aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de enxofre, que é a segunda morte” (Ap 21,1-8).

sentido da totalidade histórica preexistente ao total desenrolar desta. A dialética essencial passa a se efetuar entre o realizado e o ainda-não-realizado do conteúdo da esperança, isto é, da promessa. A história é o caminho que permite ao homem, com a graça de Deus, passar de um pólo para outro dessa dialética. Apesar das infidelidades do povo de Deus, a chegada final não é passível de dúvida, isto é, o caminho será menos tortuoso, a história humana mais ou menos prolongada, mas o senhorio de Deus em Cristo não pode abdicar da orientação global conferida à história¹⁰¹.

Situamo-nos, portanto dentro dessa história, como peregrinos, e se desvela diante de nós um caminho no qual a Igreja quer ser o sinal, na sua realidade histórica, da Promessa, ou seja, do reinado de Deus – salvação e realização para todo o homem, já alcançada em Cristo Ressuscitado. Possível para nós, mas em processo de germinação, que florescerá no encontro com Aquele que será Deus conosco, porque é Ele que vem, para essa hora de realização plena, sobretudo por ser um Deus de fidelidade.

Dentro dessa dinâmica se decorre nossa vida, inevitavelmente acompanhada pela sombra da morte, contudo caminhamos confiantes, porque nossa peregrinação é rumo a esse encontro, enquanto isso, tantas vezes invocamos: Venha a nós o vosso Reino, invocamos porque esperamos, pois enquanto vivendo a esperança aguardamos a vinda do Cristo Salvador.

A Igreja na sua fragilidade é hoje para nós o lugar desse encontro, visto que o Reino é dom de Deus, um dom do alto, na Igreja nos congregamos para na fé nos confiarmos, e até olharmos para além da Igreja, ou seja, para o “alto”, para o futuro definitivo, em que virá ao nosso encontro o Reino definitivo na sua forma consumada.

Por causa da relação estreita entre a Igreja e o reino de Deus, não se pode falar de um sem falar de outro. Daí se conclui que o movimento histórico da Igreja desde seu respectivo presente para o futuro e o progresso do reino de Deus no mundo são dois aspectos que se compenetraram mutuamente. A consumação do reino divino no futuro absoluto de Deus será decisiva para o destino da Igreja. Pois esta, como sociedade estruturada hierarquicamente, terminará quando finalizar sua história, já que, naquela consumação futura, o reino de Deus não terá necessidade de mediação e de sinais. Mas a Igreja, como comunidade dos que se sujeitam ao reino de Deus e entram nele, não apenas não terminará com o fim da história, mas precisamente então alcançará sua plenitude¹⁰².

Com isso se evidencia que a Igreja deve ser na história a Shekiná, o instrumento e sinal que se coincidem, para mostrar que existe uma comunidade – relações, que fazem

¹⁰¹ LEPARGNEUR, Rubert. *Esperança e escatologia*, p. 152.

¹⁰² SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja*, p. 164.

progredir o reino, atualizando sua fidelidade de ser constantemente uma presença salvífica, seu reino na história.

Por isso a prometida restauração que, esperamos, já começou em Cristo, e é levada adiante na missão do Espírito Santo e por Ele continua viva a Igreja, na qual pela fé somos instruídos também sobre o sentido da nossa vida temporal, enquanto com esperança dos bens futuros levamos a termo a obra entregue a nós no mundo pelo Pai e efetuamos a nossa salvação (cf. Fl 2,12). Portanto, a era final do mundo já chegou até nós (cf. 1Cor 10,11) e a renovação do mundo foi irrevogavelmente decretada e de um certo modo já é antecipada nesta terra. Pois já na terra a Igreja é assinalada com a verdadeira santidade, embora imperfeita. Todavia, até que haja novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça (cf. 2Pd 3,13), a Igreja peregrina leva consigo – nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à idade presente – a figura desse mundo que passa e ela mesma vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que em dores de parto até o presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19-22) (LG 48).

Nessa caminhada da Igreja e do cosmos, devemos destacar alguns aspectos para evidenciarmos a síntese que procuramos, entre o “realizado” e o “ainda-não-realizado”.

O 1º aspecto é o da *peregrinação*, pois ele nos demonstra a evolução do Povo de Deus, “enquanto na terra a Igreja peregrina longe do seu Senhor, tem-se por exilada, buscando e saboreando as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, de onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu esposo na glória” (LG 6).

Aqui está o nosso itinerário, e a consciência que almejamos adquirir, de que já somos o povo peregrino de Deus sobre a terra, pois não temos aqui a nossa cidade permanente, estamos em busca da cidade futura, da “Jerusalém Celeste, a cidade do Deus vivo” (cf. Hb 12,22), porque ainda não somos plenamente o reino definitivo.

Constituímos assim o 2º aspecto, essa peregrinação possui uma índole sumamente *escatológica*, porque nesse percurso, esperamos para além da história, uma epifania, que irromperá de Deus com Cristo na força do Espírito, para desvelar o sentido último da história. Assim, não podemos deixar-nos abater pela caducidade do nosso tempo, para isso contamos com um viático, a própria Eucaristia, que nos recorda que a Igreja permanecerá até a última hora para também ser desvelada, despojando-se de sua figura histórica, passará ao céu que vem. Seremos brindados com a comunhão perfeita e íntima, conheceremos o Amor, isto significa que

... a glória de Deus habitará assim na terra como nos céus – Conforme a revelação bíblica, não se pode salvar a alma e ir para o céu sem que seja salvo também o corpo e a terra. O amor à terra é conjunto com o amor ao

céu. Céus e terra ainda estão incompletos, como está incompleto o corpo de Cristo e a glória de Deus na criação. Deus ainda não habita a terra como já habita os céus. O homem ainda não habita os céus como habita a terra. Os anjos ainda não terminaram sua missão, e nem os homens, seus aliados na terra, terminaram seu trabalhos e lutas da história. Mas os céus e a terra estão voltados para o futuro para a escatologia – o Reino da glória de Deus – glória que reinará na terra como já reina nos céus...¹⁰³.

O Apocalipse, também possui essa visão conclusiva, que nos revela a nossa meta definitiva de peregrinação, a Jerusalém Celeste, onde seremos abrigados pela Shekiná – presença estável e duradoura de Deus que habitará conosco, e nós habitaremos com Ele.

O 3º aspecto nos remete ao centro ativo dessa peregrinação, a *Eucaristia*. A força do peregrinar vem da Celebração Eucarística, da Igreja reunida para o banquete do Cordeiro. A Eucaristia abre diante de nós o horizonte de consumação que ainda não chegou, a eterna comunhão com Deus, pois nela somos impulsionados pelo Mistério Pascal. Ligada a esse passado, Paixão, Morte e Ressurreição, a cada Domingo, a Igreja celebra a Páscoa da semana em cada Eucaristia, demonstra que não é mera instituição, mas une o aqui com o céu, com a comunhão dos santos. A Eucaristia está em relação com o futuro absoluto. Desse horizonte parte uma força que atinge nossa superfície humana, a realidade que vai de baixo para cima, do presente para o futuro absoluto, e a que vem do futuro absoluto, ambas se complementam, temos uma única atividade, seguirmos adiante para o encontro com o Ressuscitado.

A ressurreição de Cristo inaugura este horizonte de luz que já o primeiro Testamento canta como reino de paz e de alegria (...). Lá encontraremos antes de tudo o Pai, o “Alfa e o Ômega, o princípio e fim de toda criação” (Ap 21,6). Ele se manifestará em plenitude como o Emanuel, o Deus habita com a humanidade, cancelando lágrimas e renovando todas as coisas (cf. Ap 21,3-5). Mas no centro daquela cidade se erguerá também o Cordeiro, Cristo, a quem a Igreja está unida com vínculo nupcial. D’Ele recebe a luz da glória, com ele está intimamente unida não mais mediante um templo, mas de modo direto e total (cf. Ap 21,9.22.23). O Espírito Santo impele-nos rumo àquela cidade. É Ele que sustenta o diálogo dos eleitos com Cristo: “O Espírito e a Esposa dizem: Vem! (Ap 22,17)”¹⁰⁴.

O 4º aspecto, diz respeito à necessidade de estarmos despertos para essa hora vindoura, ou seja, preparados, visto que nada de impuro poderá entrar nessa nova habitação – lugar das verdadeiras relações, da comunhão de Amor. É preciso implorar todos os dias a graça de uma contínua purificação. A Igreja deve reformar-se incessantemente.

¹⁰³ Susin, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu*, p. 154.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na Jerusalém Celeste*, n. 27.

O 5º e último aspecto que elencamos aponta-nos, portanto para a consumação, quando o céu puder ser lançado com toda a sua intensidade, e reciprocamente nos alcançar, ou seja, a hora da plena glorificação, quando estivermos aptos para a vida da comunidade definitiva.

A vida eterna é a comunhão dos santos: Somos criados uns pelos outros e uns para os outros. essa relação essencial não se perde porque tem a sua origem primeira e se transfigura na comunhão de todos os que são queridos, das pessoas amadas, aberta ao infinito. Será “estar-com-todos-os-outros”, na intensidade de “estar-com-cada-um” num amor intenso e universal, num aconchego e abraço de todos e cada um. É o modo mesmo com o próprio Deus se relaciona com todos, doando-se inteiramente a cada um... É o aspecto eclesiológico do céu¹⁰⁵.

Portanto, o que podemos concluir é que nesse encontro, a glória da Trindade se revelará na Jerusalém Celeste, a revelação inteira, em sua forma escrita, apresenta-se a nós, esclarecida em duas visões: a do paraíso e a do Apocalipse, a primeira era, sobretudo a saudade do dom manifesto na criação – vivificada pela harmonia da plena comunhão, mas perdida essa harmonia pelo pecado, de fato temos a expectativa saudosa – um sonho dissipado, mas no Apocalipse ele é implantado novamente no coração do homem¹⁰⁶, a humanidade está a caminho do paraíso, este paraíso não é primeiramente um lugar, mas uma comunhão – o dom é recuperado n’Ele – nessa recapitulação: se viverá, de fato um novo e pleno relacionamento, pautado pelo grande banquete, as bodas do cordeiro que vem – é Advento, do horizonte nos vem a Shekiná, da planície vamos a ela e com ela, clamando: Vem Senhor Jesus, para entoarmos, cada um: “Tu és meu Deus, teu nome é Jesus. Deus que vive, Deus que Salva, Deus tu és Amor. A tua majestade bendizemos todos, bendizemos e adoramos a Jesus Senhor”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ SUSIN, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu*, p. 154.

¹⁰⁶ Enfim: “A Igreja, com seu coração, que inclui em si todos os corações humanos, pede ao Espírito Santo a felicidade que só em Deus tem a sua completa realização: a alegria que ‘ninguém pode tirar’, a alegria que é fruto do amor e, portanto, de Deus que é ‘Amor’; pede a ‘justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo’, nas quais, segundo São Paulo, consiste o ‘Reino de Deus’” (DeV 67).

¹⁰⁷ Aqui temos a letra de uma música do Frei Luiz Carlos Susin, mas também outro clamor para esse encontro de Deus que vem, com Cristo e o Espírito, demonstrando nossa vocação real, está no seguinte pensamento: “O Reinado de Deus ou a Igreja é semelhante a um tesouro escondido num campo: alguém o acha e torna a esconder e, na alegria, vai e vende tudo o que possui e compra aquele campo (cf. Mt 13,44). Uma vez reconhecido o tesouro, vale a pena ‘vender tudo’ com muita alegria para adquiri-lo. E não é somente o bem mais rico, é também o mais belo e perfeito: ‘Igual a um negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra’ (Mt 13,45-46). Vendi e abandonei o que tinha; e comprei o tesouro e a pérola. Como se fosse com voz distante, o Kyrios e a Esposa chamaram: vem! E apaixonado amor me fez replicar, com eco sem fim: Maranató!” (KLOPPENBURG, Boaventura. *Minha Igreja*, p. 30).

CONCLUSÃO

Ao término desse trabalho, após percorrermos o primeiro capítulo, “Os momentos constitutivos da Revelação Divina”, podemos afirmar que, Trindade, Encarnação e Graça, constituem o cerne da proposta divina ao homem. Há um Deus Uno e Trino, que se oferece no Filho e que abriu-nos um tempo novo, abriu-nos a hora final pelo Espírito que opera nessa história. Opera um tempo novo, a fim de que surja o homem novo, unido à Igreja, e que esse homem novo participando da Trindade, poderá descobrir que pela graça de Deus tem forças de vencer o pecado, porque já foi redimido. E muito mais, sabe que caminha rumo ao infinito quando assume a fé, não sozinho, mas em comunhão, amparado pelo amor, rumo à casa do Pai.

O segundo capítulo, “O Sentido verdadeiro e pleno da Existência”, nos evidenciou que a Resposta do Homem à Revelação em perspectiva de Categoria da Realização se dá à Trindade. Porque ela revela, o que o homem de fato é, seu ser, seu viver, sua essência mais profunda, onde contemplando a Trindade, passamos do ‘conhece-te a ti mesmo’ (daquele momento do homem sabedor de si por ser racional, possuindo ainda uma ânsia de ter vida plena) para o ‘torna-te o que és!’ (passagem da ânsia à plenitude da vida). Onde, o “torna-te” significa: seja amor; assim, ser significa amar. Porque em Cristo o nosso desejo mais profundo (de amar e sermos amados) é suprido!

Obra prima do Criador, redimida pelo sangue Redentor, refeitos para o amor. Encontramos nossa sublime e verdadeira vocação: Amar e ser amados, vínculo inefável que nos faz entrar num circuito ininterrupto de Amor, na Trindade Santa, nossa Morada, enquanto o homem não se encontra na Trindade, permanece o que desenvolvemos no item, “o homem em busca de realização”, filosoficamente tudo poderá ficar em mera busca, utopia, por isso prosseguimos na reflexão.

Historicamente através das nuances filosóficas que apresentamos nesse segundo capítulo, no item, “dinamicidade e dramaticidade da realização”, notamos, há no ser humano, algo que sempre lhe faltará, algo que ele estará sempre a buscar, enfim, uma ânsia de se realizar; ele se verá, destarte, angustiado. Sobretudo, quando não se abre à transcendência ou à sua dimensão espiritual. Evidentemente, aqui chegamos ao próprio limite da filosofia que não consegue oferecer ao homem uma palavra que lhe desvende essa angústia.

A filosofia até aponta à transcendência, contudo permanece a carência de sentido que só a Revelação poderá dar.

Abre-se no homem aquela ferida, no ádito de seu ser, como que um “grão de

desespero”, (dito do filósofo Kierkegaard), como uma representação da insegurança humana de ver a vida se desfazer em uma perda de sentido total, o que lhe inquieta muito, todo seu ser.

Por isso, finalmente apresentamos o item, “o encontro do homem com o realizador”, porque se ele foi criado por amor e o amor é relacional, então, há essa abertura do homem àquele que pode lhe dar plenitude, (Deus Uno e Trino), já não se encerra num exacerbado egoísmo ou distância do amor, acolhe a Deus. E esse Deus, é criador por amor, dá seu amor e sustenta no amor a criatura que livremente lhe procura e responde. E, assim, nada se furta ao domínio do seu amor, da sua misericórdia.

A história humana esteve e está minada pela infidelidade ao que Deus nos propõe, Ele nos oferece uma vida plena. Há um domínio crescente da infidelidade sob as mais veladas formas. Contudo, essa infidelidade, só poderá ser vencida pela liberdade, nascente na graça. Este domínio da infidelidade, da negação ao projeto de Deus, se estende à criação que sofre a destruição e falta de cuidados; à história que é vivida sem um sentido unificador; à Igreja perseguida pela secularização e descristianização dos povos; e finalmente, aos homens do mundo inteiro, desfigurados de seu verdadeiro ser.

O que tudo isto nos mostra é sem dúvidas que a verdade não consegue resplandecer, o pecado ainda corrompe-nos. Entretanto, se a partir de nossa finitude e imanência, somos levados a enraizar-nos nele, pela Graça somos transportados à transcendência. Esta infidelidade a Deus, raiz do mal, é algo da natureza humana no plano existencial, contudo o homem se vê obstinado a descobrir a transcendência do poder de Deus e sua intervenção salvadora.

Chegamos ao terceiro capítulo, “Elementos constitutivos de resposta”, se ressoava, portanto, no coração do homem aquela questão: quem terá a primeira palavra e a última de um sentido pleno à sua vida? Finalmente para essa questão existencial, ele encontra aberto ao dom da fé, a resposta mais completa: Crer na Trindade, esse será o item, “a resposta na fé”; se diante da dinamicidade e dramaticidade, lhe assombrava um desespero, ele tem agora uma esperança última e final, isso no item, “a resposta na esperança”; E, pode viver no amor uma vida nova, no item, “a resposta no amor”, e ainda, a Igreja vela para que tudo isso não se perca até o encontro final com seu Senhor, por isso o item, “a eclesialidade da resposta”.

A primeira e última palavra, já nos chegou, e em plenitude e definitivamente, a primeira e última palavra, já está agindo na criação, na história e na Igreja, a primeira e última palavra, pelo mistério da Encarnação está conosco: Emanuel – Deus conosco, em Jesus Cristo nosso Salvador e Redentor! Não é o pecado do homem que domina essas palavras e esse

mundo! É o senhorio de Deus Uno e Trino. O sentido dessa história que vivemos, os desígnios que nela se cumprem, podem não ser os dos homens, mas por essa definitiva Revelação, são os desígnios de Deus, revelados em Jesus Cristo.

Se ainda se sobressaem a dúvida e insegurança dentro dos corações dos homens, do tipo: por que tudo começou tão bem no paraíso e depois veio tão grande dor? O que se sobressai com mais força ainda e redundância, é a Graça concedida por Deus a um povo pecador, aos homens pecadores, ainda hoje, resgatados à Luz advinda do ressuscitado e redentor nosso!

Eis que o desejo do ser humano é participar desse futuro já aberto, é o de realizar-se, participando dessa autocomunicação de amor, de graça e de glória. Impera em seu ser esse desejo, tão buscado e investigado pelas mais variadas ciências humanas, e como vimos aqui, de modo especial pela filosofia, desejo intelectual, racional, enfim existencial, todavia que jamais se completará se não à luz daquele que ressuscitou. O rosto do ressuscitado mostra-nos quem somos, olhamos para Ele como que para um espelho, que desvenda para além de toda aparência e circunstâncias, o que de fato somos: Agraciados! Olhar para Ele (participar dos sacramentos, sobretudo da iniciação cristã e com afinco da Eucaristia) é alimento da existência plena que fortalece o corpo a mente e espírito, nossa alma, nessa peregrinação rumo ao Eterno.

Não haverá nada pior para o ser humano, visto ser essa uma grande dor e ferida aberta em seu ser, do que não ter essa segurança, do que não ter esse amor que cura e redime! E se repetirão continuamente aquelas questões existenciais na atualidade, no hoje de nossas vidas: Quem é o homem? A quem ele procura? De onde veio e para onde vai? Dilacera-se mais e mais a ferida, porque longe da verdade o homem insiste em se fazer verdade para si mesmo!

Emblemáticas, as colocações que agora faremos, ao término desse trabalho, permitamo-nos algumas analogias que ao espírito do leitor suscitarão algumas reflexões!

O fio de ouro que sutura a ferida da insegurança aberta no coração humano é o amor de Deus! Deus é amor! Busquemo-Lo antes do amor do mundo, incompleto! Deixemo-nos encontrar por esse amor definitivo e completo, amor primeiro, porque Ele nos amou por primeiro, amemo-Lo em primeiro, antes de correremos atrás de alegrias e felicidades, encontremo-nos com a fonte de toda essa riqueza!

Se existencialmente falávamos de um grão de desespero no mais profundo de cada homem, que nesse último capítulo demonstramos que nada mais é, do que a falta do amor divino. Então, sobrenaturalmente, quando o homem adere a seu realizador Jesus Cristo, planta-se no seu coração uma semente de amor que germina em comunhão de amor! Esse

amor ensina o homem a amar a si, a natureza, ao próximo, enfim, a Trindade. Porque a alma unida a Deus permanece na primavera, floresce a alegria, exala-se santidade, que não vem de si, mas do totalmente Outro, através de um esforço e dedicação, na persistência de seguir o Mestre num único caminho, o do amor, assim, a graça só pode mesmo nos elevar ao jardim eterno! O jardineiro que vem cultivar o nosso coração é o Espírito Santo.

A terra sequiosa e árida do nosso coração, por vezes não deixa germinar o que o Eterno plantou em nós, tórrido está esse solo, o Filho nos chama: Vinde beber a água que não dá mais sede! (cf. Jo 4,14). E nos leva ao regaço do Pai, por um caminho iluminado e novo, aberto pelo Espírito a todos nós, assembléia dos convocados. De nossa parte vamos clamando: Abba Pai! (cf. Rm 8,15). Queremos entrar em teu rio de água viva! (cf. Jo 7,38).

Se existencialmente nos angustiamos, sobrenaturalmente nos encontramos, pois existência e metafísica se unificam por uma só graça, encontramos nosso sentido verdadeiro e pleno, no Redentor.

Quisera Deus, pudéssemos dizer de fato: Já não sou eu quem vivo é Cristo que vive em mim. (cf. Gl 2,20). Mas podemos! Porém, ainda permanecemos temerosos, sentimo-nos desabrigados, sem casa, e nos questionamos: como Ele morará em nós se antes, nós não pudemos abrigá-lo, pois estamos nós, sem abrigo?

Entremos, pois a casa da Trindade, vivamos o amor, entremos à Igreja! Pois nela a existência é cristificada, eis a marca característica do cristianismo, ele une fé e vida, pelo amor! Não por méritos, mas por graça! Se ele une, fé e vida, a vida precisa contar como que dignificada e inviolável.

Na Igreja ressoa a sua Palavra, na Igreja, sua Palavra não desfalece nem se esvazia, mantém-se viva pela Tradição e pelo Magistério. Na Igreja formamos o corpo místico que não está desabrigado, perdido ou desfigurado, porque nela não prevalece a secularização, indiferença, nem a cultura de morte. Mas sim, a Palavra de Deus, a fé a Graça, o Magistério autêntico e a Tradição real e capaz, de desvelar a figura desse mundo que passa e os sinais dos tempos, as vicissitudes a que o reino já implantado ainda passará. Ela não está fixa nesse mundo, mas peregrina rumando à meta final que pela irrupção do eterno em nosso tempo já se concretizou.

Se existencialmente, falávamos que há uma dinamicidade e dramaticidade que pesam sobre a vida, à luz da fé, da esperança e da caridade, diremos que há sim, uma dinamicidade e dramaticidade que pesam sobre a vida, contudo pela Revelação essa dinâmica não será pura busca irrealizável e utópica do ser; e a dramaticidade não será um puro tornar-se que nunca se realiza; Não, pela Revelação a dinâmica se faz caminho que é Cristo, (principal caminho da

Igreja), caminho à casa do Pai; a dramaticidade de nunca ver a meta atingida é superada, porque vela para que isso aconteça, a Igreja que com seu esposo chama: Vem! Vem atingir a plenitude e vida em abundância! Ela vela, ajuda-nos nas escolhas, sobre o que nos ajuda ou ameaça, a fim de que a meta seja atingida!

Irradiar a felicidade perfeita é meta da Igreja. E esse movimento é incessante, e assim, o homem permanece aberto ao horizonte da esperança, com a ajuda da graça divina e com a colaboração da condição humana, isso tudo se estende para tudo e todos, então a dramaticidade de viver sob o peso do pecado é superada, porque o homem está livre, a morte foi vencida.

Cristo redimiu-nos! O que significa que ele deu a possibilidade de realizar toda verdade do nosso ser, ele libertou a nossa liberdade do domínio da concupiscência. E se o homem ainda peca, não é devido à imperfeição do ato redentor de Cristo, mas à vontade do homem de furtar-se à graça, que brota daquele ato. Não há mais esse drama, há misericórdia, vida nova!

Contemplando a Trindade vencemos a odiosa discórdia do mundo, assim resta-nos dizer que diante do problema que levantamos, do homem que quer se realizar, mas que não consegue plenamente completar esse seu desejo, chegamos à seguinte síntese: filosoficamente não há como desvendar a primeira e última palavra, de fato, sobre a origem do nosso ser, porém pela Revelação em Jesus Cristo, encontramos a primeira e a última palavra.

Portanto, Evangelho, é essa a Palavra. É, pois com o olhar fixo no Senhor Jesus que encontramos a Vida, pois ele é o Evangelho da Vida; Deus está conosco, para nos libertar das trevas do pecado e para nos ressuscitar para a vida eterna, sendo assim, a resposta do homem se dá a Trindade, visto que: se filosoficamente dizíamos – que abrir-se a transcendência era deixar a inteligência se fazer dom à verdade que é seu bem, e ao amor que é a visão do bem que é a sua verdade – pela Revelação Divina, podemos concluir: a verdade é Jesus Cristo, que nos vem revelar o rosto amoroso do Pai, que através dele nos deixa ver o que somos, e mais, do Pai por Ele nos deu a Pessoa do Espírito Santo. Assim, somos chamados pelo Criador ao verdadeiro bem, a estabelecer amizade com Ele, participando da mesma vida divina. Libertos, em paz com Deus, descobrimos que nossa verdade radica-se na verdade do homem que é estar em Cristo e ser com Ele, e que somos destinados à comunhão! Vivamos o Ágape. E com esse Amor inefável que sopra sobre nós, peregrinemos à Jerusalém Celeste, até que Deus seja tudo em todos.

REFERÊNCIAS

ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. Bogotá: CELAM, 1987. (Coleção de textos básicos para Seminários Latino-Americanos).

BALESTER, Mattin Gelbert. *Cristianismo e sentido da vida humana*. São Paulo: Ave Maria, 1999.

BENTO XVI. *Encíclica Deus Caritas Est: sobre o amor cristão*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Encíclica Spe Salvi: sobre a esperança cristã*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BRUNO, Forte. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.

CANTALAMESSA, Raniero. *Contemplando a Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Nós pregamos Cristo crucificado*. São Paulo: Loyola, 1996.

CATECISMO da Igreja Católica. *Petrópolis: Vozes*; São Paulo: Loyola, 1993.

COLLANTES, Justo. *La fe de la Iglesia Católica: las ideas y los hombres em los documentos doctrinales del Magistério*. 2.ed. Madrid: La Editorial Católica, 1984. (Biblioteca de autores cristianos).

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina*. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Org. Lourenço Costa; trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja), p.347-367.

_____. *Constituição dogmática Lumen Gentium*. In: VIER, Frei Frederico (Coord.) e KLOPPENBURG, Frei Boaventura (Intr. e Índ. Anal.). *Compêndio do Vaticano II*:

constituições, decretos, declarações. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 39-113.

_____. *Constituição pastoral Gaudium et Spes*. In: VIER, Frei Frederico (Coord.) e KLOPPENBURG, Frei Boaventura (Intr. e Índ. Anal.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 143-256.

CORREA, Jaime Vélez. *El hombre um enigma: antropologia filosófica*. Vol. 2. Colombia: Publicaciones, 1995.

CORTE, Nicolas. *As origens do homem: sei e creio*. São Paulo: Flamboyant, 1958. (Enciclopédia do católico no século XX).

FEINER, Johannes. *Teologia fundamental: Mysterium Salutis*. Vol. I/1. Vol. II/1. Petrópolis: Vozes, 1971.

FLICK, M. *Antropologia Teológica: Lux Mundi*. N. 21. 5.ed. Salamanca: Sigueme, 1985.

FRIES, Henrich. *Teologia fundamental*. Barcelona: Herder, 1987.

GONZÁLES, Carlos Ignacio. *Ele é a nossa Salvação*. São Paulo: Loyola, 1987. (Textos Básicos para Seminários Latino-americanos).

GUARDINI, Romano. *O mundo e a pessoa: ensaio para uma doutrina cristã do homem*. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

HARRIGTON, Wilfrid. *Chave para Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. São Paulo: Paulinas, 1985.

IRINEU, de Lião. *Patrística*. Livros I, II, III, IV e V. Trad. de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. *Catequese: a glória da Trindade na Jerusalém Celeste*. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 27, 1^o de jul. de 2000, p. 16.

_____. *Catequese: a glória da Trindade na criação*. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 5, 29 de jan. de 2000, p. 08.

_____. *Catequese: a glória da Trindade na história*. In: L'OSSERVATORE ROMANO.

Cidade do Vaticano, n. 07, 09 de fev. de 2000, p. 08.

_____. *Catequese*: a glória da Trindade na vida da Igreja. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 25, 17 de jun. de 2000, p. 12.

_____. *Catequese*: a glória da Trindade na Encarnação. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 15, 08 de abr. de 2000, p. 12.

_____. *Catequese*: a glória da Trindade na Paixão. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 19, 06 de mai. de 2000, p. 12.

_____. *Catequese*: a glória da Trindade na Ressurreição. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 07, 09 de fev. de 2000, p. 12.

_____. *Catequese*: a glória da Trindade no Pentecostes. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 23, 03 de jun. de 2000, p. 12.

_____. *Catequese*: a recapitulação de todas as coisas em Cristo. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 07, 17 de fev. de 2001, p. 12.

_____. *Catequese*: o encontro decisivo com Cristo palavra que se fez carne. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 33, 09 de ago. de 2000, p. 08.

JOÃO PAULO II. *Catequese*: contemplar o rosto do Ressuscitado. In: L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, n. 16, 21 de abr. de 2001, p. 12.

_____. *Encíclica Dominum Et Vivificantem*: o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. *Encíclica Evangelium Vitae*: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Paulus, 1995. (Magistério da Igreja – 3).

_____. *Encíclica Redemptor Hominis*: o Redentor do Homem. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Encíclica Redemptoris Missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário. Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 1990.

_____. *Encíclica Veritatis Splendor: o Esplendor da Verdade*. Petrópolis: Vozes, 1993. (Documentos Pontifícios – 255).

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles Laici: vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. 4. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990 (A voz do Papa, 119).

HAUGHT, John F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998.

LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1973.

_____. *Problemas e perspectivas de teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1993.

LEPARGNEUR, Hubert. *Esperança e escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.

LITURGIA DAS HORAS. *Livro de orações*. São Paulo: Várias Editoras, 1995.

MANNUCCI, Valério. *Bíblia Palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1986.

MARROU, Henri-Irenee. *Teologia da história: o sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade*. Petrópolis: Vozes, 1989.

MODEN, Luiz. *Fe: puede el hombre creer todavia hoy?*. Santander: Sal terae, 1972.

MONDIN, Batista. *Antropologia teológica: história, problemas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1979.

MORAN, Gabriel. *Catequese da revelação*. São Paulo: Herder, 1969.

O' COLINS, Gerald. *Teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1991.

PASTOR, Felix Alexandre. *A lógica do inefável*. São Paulo: Loyola, 1989.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. *O dom de Deus: antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KLOPPENBURG, Boaventura. *Minha Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Trindade o amor em Deus*. Petrópolis: Vozes: 1999.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Os pensadores: vida e obra de Kierkegaard*. São Paulo: Abril, 1984.

RAHNER, Karl. *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Herder, 1968.

_____. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Revelação e Tradição*. São Paulo: Herder, 1968.

RATZINGER, Joseph. *Teoria de los principios teológicos: materiales para una teologia fundamental*. Barcelona: Herder, 1985.

RIVAS, Manuel. *Entre luzes e sombras: uma visão cristã da realidade*. São Paulo: Loyola, 1974.

RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano a luz da fé e da razão*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SCHILLEBEECKX, Edward H. *Revelação e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968.

SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja: justificação do indivíduo e escatologia*. Vol. 6. Petrópolis: Vozes, 1971.

SUSIN, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu: brevilóquio sobre escatologia e criação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRESMONTANT, Claude. *O problema da revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica*. Vol. I e II. São Paulo: Loyola, 1995.